



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

*CONSTRUINDO NARRATIVAS A PARTIR DE IMAGENS COM  
PROFESSORAS NO INSTAGRAM*

**ROSA MARIA ALVES DA SILVA ANDRADE**

**RIO DE JANEIRO  
2019**

**ROSA MARIA ALVES DA SILVA ANDRADE**

**CONSTRUINDO NARRATIVAS A PARTIR DE IMAGENS COM  
PROFESSORAS NO INSTAGRAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Adriana Hoffmann  
Fernandes

**RIO DE JANEIRO  
2019**

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

A553 Andrade, Rosa Maria Alves da Silva  
Construindo narrativas a partir de imagens com professoras no Instagram / Rosa Maria Alves da Silva Andrade. -- Rio de Janeiro, 2019.  
118f

Orientadora: Adriana Hoffmann Fernandes.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Instagram. 2. Cultura Visual. 3. Professor.  
I. Fernandes, Adriana Hoffmann, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH  
*Programa de Pós-Graduação em Educação*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH  
*Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEdU*

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Rosa Maria Alves da Silva Andrade**

**"Construindo narrativas a partir de imagens com professoras no Instagram."**

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, 04 / 09 / 2019

Prof. Dr.ª Adriana Hoffmann Fernandes  
(orientadora)

Prof. Dr.ª Adrienne Ogêda Guedes  
(avaliadora interna)

Prof. Dr. Aristóteles Berino  
(avaliador externo)

Prof. Dr. Dillon Couto  
(avaliador externo)

## **DEDICATÓRIA**

Inês, Edson e Alcides carregam comigo um pouco de vocês.

## AGRADECIMENTOS

Pausa para agradecer... Porque é necessário parar e olhar ao redor...

Quanta gente do bem que me estendeu a mão nesse período! Eu não consigo dimensionar o tamanho da torcida e, por isso, agradeço a Deus por todos esses seres que Ele me deu na condição de família e amigos.

Fabiano e Mariana, meus amores, que dividiram comigo esse sonho... Estiveram comigo durante todo esse processo, entenderam os livros espalhados pela casa, as ausências e os momentos que me “tranquei” no quarto. Foram meu oxigênio nos dias asfixiantes... Eu amo vocês!

Mãe e Pai, finalizar esse trabalho e não receber o abraço de vocês me faz transbordar os olhos de saudade e tristeza. Eu precisava ver o sorriso de vocês, sentir o abraço apertado, ouvir suas vozes e lhes dizer que todo esforço para me manter na escola valeu a pena! Tudo que conquistei até hoje devo a vocês que eram meus fãs número um... Eu amo e choro de saudade, mas sou grata pela herança mais valiosa que me deixaram nessa vida: uma família linda que tanto me apoia e me estende a mão. Vovó Maria, Tia Beth, Tita, Tio Gilson, Fábio, Bruno, Daniel, Ricardo, Guilherme, Bianca e meus sobrinhos: Bel, Pedro e Nana. Eu não conseguiria sem vocês!

Dra. Inez, um anjo em forma de psicóloga, me ensinou a olhar para dentro e ser grata por tudo que tenho. Um exercício que me ajudou a superar os obstáculos que encontrei pelo caminho.

E os amigos? O que seria dessa vida sem eles? São tantos! Impossível listar! Eu cometeria o pecado de esquecer alguém... Então, agradeço a TODOS OS MEUS AMIGOS DE VERDADE! Contar com a amizade de vocês foi fundamental nesse processo.

Minhas amigas-professoras que aceitaram o convite para serem sujeitos dessa pesquisa, meu muito obrigada! Foi um prazer contemplar as redes sociais de vocês, tecer conversas e pensar junto com cada uma... Gratidão: Roseclair, Rosemere, Ryna, Vanessa, Marri, Marcia e Dyone. Todo meu respeito e admiração pelas profissionais incríveis que vocês são!

Minha professora orientadora, Professora Adriana Hoffmann, reconhecendo o hiato entre o término da Graduação e o Mestrado, me acolheu, orientou e me permitiu chegar até aqui, não desistindo de mim e me acompanhando até o final. Muito obrigada!

Amigos da Escola Municipal Albert Sabin e Escola Municipal Eulina Pinto de Barros, obrigada por todo carinho, amizade e TORCIDA!!! Eu amo dividir uma jornada de trabalho com vocês!!!

Patricia Tré e Erica Rivas, minhas incentivadoras, acreditaram em mim primeiro quando nem eu acreditava no meu potencial.

Galera do grupo CACE: Pensem em um grupo lindo!!! Amigos para uma vida toda! Me acolheram e me fizeram a cada encontro do grupo sair confiante e reconhecendo-me como pesquisadora.

Juliana Prata, da **Sua Vida Acadêmica**, que nos 45 minutos do segundo tempo me ajudou na organização do tempo e da vida. Naquele sábado eu recebi o gás que faltava! Muito obrigada!

Marta Cardoso e Raquel Villardi, professoras-inspiração da Graduação; exemplos de mulheres e profissionais as quais eu tenho muito carinho e admiração. Vocês me incentivaram a chegar até aqui!!! Eu sou muito fã!!!

UERJ e UNIRIO, duas instituições públicas que me acolheram e me formaram enquanto docente.

E, por fim, e não menos importante, agradeço AOS MEUS ALUNOS (os de ontem, os de hoje e os de sempre). Cada um de vocês me ensinou a ser professora, me mostraram a importância de respeitar as diferenças e a responsabilidade de ser uma professora-pesquisadora. Todo meu amor para vocês. #gratidão

### ***O Fotógrafo***

***(Manoel de Barros)***

Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto tentei. Eu conto:

Madrugada a minha aldeia estava morta.

Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa.

Eram quase quatro da manhã.

Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.

Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?

Fotografei esse carregador.

Tive outras visões naquela madrugada.

Preparei minha máquina de novo.

Tinha um perfume de jasmim num beiral de um sobrado.

Fotografei o perfume.

Vi uma lesma pregada mais na existência do que na pedra.

Fotografei a existência dela.

Vi ainda azul-perdão no olho de um mendigo.

Fotografei o perdão.

Vi uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.

Fotografei o sobre.

Foi difícil fotografar o sobre.

Por fim cheguei a Nuvem de calça.

Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakovski – seu criador.

Fotografei a nuvem de calça e o poeta.

Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir sua noiva.

A foto saiu legal.



## RESUMO

Andrade, Rosa Maria Alves da Silva. Construindo narrativas a partir de imagens com professoras no Instagram. 2019. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

As redes sociais estão revelando um protagonismo de seus usuários, além de uma nova configuração das relações frente a essas interfaces digitais. A possibilidade de ser protagonista nas diversas redes traz à tona o usuário produtor de conteúdo. Assim, essa dissertação tem como disparador imagens produzidas por professoras no Instagram que frente à uma rede social protagonizam militância, compartilham, replicam e criam. Que imagens são essas? O que elas revelam? Reconhecer esse protagonismo e a sua importância é um salto epistemológico. A pesquisa contou com a participação de sete professores do Ensino Fundamental, que atuam nos Municípios do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias. A conversa foi utilizada como metodologia de pesquisa. Como base teórica, autores ligados à Cultura Digital, Estudos da Cultura Visual, Imagem e outras demandas emergentes do mundo contemporâneo, no que se refere ao uso dessas interfaces digitais.

**Palavras-chave:** Instagram - Cultura Visual - Professor

## **ABSTRACT**

Andrade, Rosa Maria Alves da Silva. Building narratives from images with teachers on Instagram. 2019. 118f. Dissertation (Master in Education) - School of Education, Federal University of Rio de Janeiro State, Rio de Janeiro, 2019.

The social networks are revealing the protagonism of its users, alongside with new schematics for the relationships facing these digital interfaces. The possibility of being a protagonist in different networks brings up the user that creates content. Thus, this work has as its trigger the created images by female teachers on Instagram – which is also an educational environment – and how they share, replicate and create. What images are these? What do they reveal? Recognizing this role and its importance is an epistemological leap. The research was attended by seven elementary school teachers working in the municipalities of Rio de Janeiro and Duque de Caxias. The conversation was used as a research methodology. As a theoretical basis, authors aligned with Digital Culture, Visual Culture Studies, Image and other emerging demands of the contemporary world, regarding the uses of these digital interfaces.

**Keywords:** Instagram - Visual Culture - Teacher

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

### Figuras

|  |    |
|--|----|
| Figura 1: Logo do insta .....                                  | 31 |
| Figura 2: Perfil @ro81alves .....                              | 34 |
| Figura 3. Feed com as postagens dos “seguidos” .....           | 35 |
| Figura 4. A lupa como recurso .....                            | 36 |
| Figura 5. Ferramenta de inclusão de fotos.....                 | 36 |
| Figura 6. Função de histórico .....                            | 37 |
| Figura 7. Feed de postagens .....                              | 37 |
| Figura 8. Uso do filtro .....                                  | 38 |
| Figura 9. Stories .....  | 39 |
| Figura 10. Perfil de @prof1 .....                              | 47 |
| Figura 11. Primeira postagem de @prof1 .....                   | 48 |
| Figura 12. Perfil de @prof2.....                               | 49 |
| Figura 13. Primeira postagem de @prof2 .....                   | 50 |
| Figura 14. Perfil de @prof3.....                               | 51 |
| Figura 15. Primeira postagem de @prof3 .....                   | 51 |
| Figura 16. Perfil de @prof4.....                               | 52 |
| Figura 17. Postagem de @prof4.....                             | 53 |
| Figura 18. Perfil de @prof5.....                               | 54 |
| Figura 19. Primeira postagem de @prof5 .....                   | 55 |
| Figura 20. Perfil @prof6 .....                                 | 56 |
| Figura 21. Primeira postagem de @prof6 .....                   | 56 |
| Figura 22. Perfil @prof7 .....                                 | 57 |
| Figura 23. Primeira postagem de @prof7 .....                   | 58 |
| Figura 24. Selfie de @prof7 .....                              | 61 |
| Figura 25. Selfie de @prof1 .....                              | 61 |
| Figura 26. Selfie de @prof5 .....                              | 62 |
| Figura 27. Selfie de @prof4 .....                              | 62 |
| Figura 28. Selfie de @prof2 .....                              | 63 |
| Figura 29. Selfie de @prof6 .....                              | 64 |
| Figura 30. Selfie de @prof3 .....                              | 65 |
| Figura 31. Dia Internacional contra a homofobia .....          | 67 |
| Figura 32. Balbúrdia .....                                     | 67 |
| Figura 33. Dia da mulher com Mariele Franco .....              | 68 |
| Figura 34. Movimento #elenao .....                             | 69 |
| Figura 35. Mafalda .....                                       | 69 |
| Figura 36. Reforma da previdência .....                        | 70 |
| Figura 37. Meme do Chapolin .....                              | 72 |
| Figura 38. Meme do vilão Darth Vader .....                     | 72 |
| Figura 39. Ex-presidente Michel Temer e o Vilão Vingador ..... | 73 |
| Figura 40. Namastemer .....                                    | 74 |
| Figura 41. Não mastê .....                                     | 74 |
| Figura 42. Renata Sorrah .....                                 | 75 |
| Figura 43. @prof3 .....  | 77 |
| Figura 44. @cprof1 .....                                       | 77 |
| Figura 45. @prof7 .....  | 78 |
| Figura 46. @prof5 .....  | 78 |
| Figura 47. Imagens com filhos .....                            | 79 |

|  |     |
|--|-----|
| Figura 48 @prof2 e filhos .....                      | 80  |
| Figura 49. @prof4 e filho .....                      | 80  |
| Figura 50. Semana de Educação .....                  | 82  |
| Figura 51. Apresentação de trabalho .....            | 82  |
| Figura 52. @prof6 no ambiente de trabalho .....      | 83  |
| Figura 53. Apresentação de projeto de mestrado ..... | 84  |
| Figura 54. Foto com aluna .....                      | 84  |
| Figura 55. Imagens diversas .....                    | 87  |
| Figura 56. Fotos diversas dos pés .....              | 107 |
| Figura 57: perfil @ro81alves .....                   | 110 |
| Figura 58: Pagina inicial do Instagram.....          | 118 |

## **Quadros**

|  |    |
|--|----|
| Quadro I. Frequência de publicações dos perfis ..... | 45 |
| Quadro II. Referencial teórico .....                 | 45 |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO .....   | 13         |
| <b>CAPITULO I: VISUALIDADES .....</b>  | <b>16</b>  |
| 1.1. #Qualasenhadowi-fi? .....   | 16         |
| 1.2. #trajetoriadapesquisa .....   | 16         |
| 1.3. #justificativadapesquisa .....  | 19         |
| 1.4. #oquedizemoutraspesquisas .....   | 24         |
| 1.5. #instagramnocontextodaculturavisual.....  | 26         |
| 1.6. #Instagram.....   | 31         |
| <br>   |            |
| <b>CAPÍTULO II: METODOLOGIA .....</b>  | <b>40</b>  |
| 2.1. #vamosconversarsobre? .....   | 40         |
| 2.2. #sujeitosdapesquisa #quemsaoelas .....  | 46         |
| <br>   |            |
| <b>CAPITULO III: IMAGENS NO INSTAGRAM DAS PROFESSORAS .....</b>                                    | <b>59</b>  |
| 3.1. #selfies .....  | 60         |
| 3.2. #Posicionamento político, #causas sociaismemes .....  | 66         |
| 3.3. #Registros familiares#passeios, viagens# paisagens .....                                      | 76         |
| 3.4. #Fazerdocente.....  | 81         |
| 3.5. #consumosrealizados #namoda .....   | 86         |
| <br>   |            |
| <b>CAPITULO IV: RELAÇÕES DAS PROFESSORAS COM AS REDES SOCIAIS<br/>E CHEGADA NO INSTAGRAM .....</b> | <b>88</b>  |
| 4.1. #Vamosfazerumaselfie? .....   | 93         |
| 4.2. #Narrandoapartirdosstories#legendas#hashtags .....  | 97         |
| 4.3. #sobrefotografarenarrarapartirdeimagens .....   | 99         |
| 4.4. #protagonismodocentenasredesépossível? .....  | 103        |
| <br>   |            |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>107</b> |
| <b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>111</b> |
| <b>APÊNDICE .....</b>  | <b>114</b> |

## INTRODUÇÃO

“Você é o que você compartilha”  
(Nelson Pretto)

As dinâmicas das redes sociais configuram novos espaços formativos e interacionais, engendrados pelas práticas de logar<sup>1</sup>, criar, compartilhar, curtir, comentar ou apenas visualizar. Espaços que sugerem novas formas de ser /estar frente às interfaces digitais e as demandas contemporâneas. Pretto (2012) afirma que somos o que compartilhamos, referindo-se à dinâmica e atuação em que o usuário - em especial, das redes sociais - tem a possibilidade de tecer narrativas a partir do compartilhamento de suas postagens, no universo virtual. Que postagens seriam essas? O que as constitui? Seríamos de fato o que compartilhamos nas redes sociais? O que essa prática de compartilhar revela?

Para Recuero (2009, p.25) “as redes sociais são espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade”. Dialogando com Pretto (2012), é construída uma subjetividade, um modo de ser, próprio do universo virtual e que constitui um perfil nessa rede.

Sobre o uso das redes das redes sociais, o Brasil tem atualmente 140 milhões de usuários ativos, o que corresponde a 66% da população<sup>2</sup>, mais da metade da população fazendo uso de alguma. Refinando essa pesquisa, em 2018, 64 milhões de pessoas usavam o Instagram no Brasil<sup>3</sup> – cuja classificação no ranking mundial é de terceiro lugar, ficando atrás apenas dos EUA e da Índia.

Por esses motivos, escolhi o Instagram como rede social para essa pesquisa, considerando que este foi criado para compartilhamento de imagens sobre o “momento vivido”, numa espécie de diário imagético, onde o usuário registraria o instante compartilhando seus cliques. Uma prática de narrar a partir de imagens tão comum no universo das redes sociais, impulsionada por um aplicativo diretamente de uma câmera de um smartphone.

---

<sup>1</sup> Um verbo adaptado do inglês *log in*, “registrar-se ao entrar”, em tradução livre. Login é o início de uma sessão de conexão, em que geralmente é feita a identificação do usuário no sistema. *Logou-se no sistema e iniciou a transação de dados.*

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://epoca.globo.com/instagram-tem-1-bilhao-de-usuarios-mas-nao-oferece-sistema-de-denuncia-de-fake-news-23370668>

Berino (2017, p.239) destaca que com “a modernidade avançada, os meios visuais endossados pelo capitalismo, incrementam ainda mais a construção de uma cultura de hiperveiculação de imagem.” Imagens que reverberam múltiplos significados, que narram um cotidiano, um fazer, emoções, revelando uma produção maciça por seus usuários, produtores em potencial. Somos incentivados no mundo contemporâneo a produzir imagens e compartilhá-las?

Essa pesquisa navega pelo universo de uma rede social tendo como personagens principais as professoras. Um indivíduo que - à frente de uma rede social - produz, cocria, compartilha e tece suas relações. O interesse está nessas produções e de que forma elas narram o cotidiano. Com esse intuito, busquei acompanhar um grupo de docentes de escola pública, dos municípios do Rio de Janeiro e Duque de Caxias, em suas postagens no Instagram, pelo período de 7 meses, percebendo como as professoras dão sentido a este espaço social. Para isto, observei: se as imagens postadas por elas eram de própria autoria ou não; como chegaram ao Instagram e se apresentavam um caminho por outras redes; como é feita a escolha de seguidores e quem as segue; se as imagens postadas revelam alguma dimensão política, social, cultural; e se a docente vê nessas interfaces a possibilidade de um protagonismo.

Para explicar o percurso da pesquisa, apresento como está organizado os capítulos desta dissertação. No capítulo 1, “Visualidades”, começo com minha itinerância enquanto docente, me baseio nos Estudos da Cultura Visual e nas contribuições de autores que tratam desse tema para embasar a pesquisa. Os princípios do ciberespaço e a dinâmica web 2.0 trazem uma reflexão sobre esses modos de ser e se relacionar no mundo contemporâneo, sendo aportes bibliográficos para a justificativa da pesquisa. As pesquisas encontradas no Banco de Pesquisa da CAPES são possibilidades de conversas outras, despertando reflexões, ao olhar o Instagram no contexto da Cultura Visual, e de qual forma essa rede potencializa as produções imagéticas.

No capítulo 2, apresento a metodologia da pesquisa passo a passo, desde a escolha dos sujeitos, tendo como base os estudos da *Conversa Como Metodologia*. Como aporte teórico, baseei-me no livro: *Conversa como Metodologia de Pesquisa por que não?*<sup>4</sup>. As conversas com as professoras foram tecidas numa outra plataforma digital – o aplicativo de mensagens WhatsApp – para mais conforto mútuo e dar visibilidade não somente às imagens, mas ouvir e reconhecer as narrativas de suas

---

<sup>4</sup> Livro *Conversa Como Metodologia de Pesquisa*, organizado por Tiago Ribeiro, Rafael de Souza e Carmen Sanches Sampaio.

atuações na rede estudada. Larrosa (2011) nos ajuda a pensar a experiência e como elas nos atravessam e constituem. O uso das hashtags nos subtítulos deste escrito é realçar o símbolo usado na rede, cuja função é categorizar uma postagem, direcionando pessoas a grupos de interesse.

No capítulo 3, proponho uma análise para as imagens postadas pelas professoras escolhidas, levando em conta os modos de narrar uma trajetória a partir delas. O intuito não é um estudo iconográfico, nem uma densa trajetória da história da fotografia e da imagem, mas sim, uma análise a partir do que elas vivenciam nas redes sociais, fazendo pensar sobre nossa relação atual com os registros imagéticos, a famosa “foto presença” que comprova que em algum momento pertencemos ou passamos por aquele espaço. Imagens que contam e revelam. E afinal, o que contam e revelam essas professoras?

No capítulo 4, trabalharemos a partir das conversas tecidas com as professoras; conversas que foram realizadas individualmente no aplicativo de mensagens WhatsApp. Uma estratégia escolhida pela pesquisadora e aceita pelas professoras que compõem parte dessa pesquisa. Nas conversas, fizemos trocas sobre temas surgidos das imagens e os textos das postagens feitas, buscando ampliar a compreensão do significado desse espaço, para elas.

Por fim, nas considerações finais, trago uma reflexão sobre o caminhar na rede e a experiência de ver, postar, contemplar e conversar a partir delas, com as professoras. Reconhecendo como um espaço privilegiado de trocas, visibilidade e de consolidação enquanto um lugar de fala, também.



## CAPÍTULO 1: VISUALIDADES

### 1.1. #qualasenhadowifi?

Qual a senha do wi-fi? Essa pergunta é um dos elementos disparadores da minha inquietude e curiosidade para pesquisar uma rede social. Foi a partir dela que me debrucei sobre o que é estar conectado no mundo contemporâneo, e quais relações são tecidas nesse universo, especialmente nas redes sociais. A partir dessa indagação feita por vários personagens dentro do espaço escolar nasceu uma pesquisa. Como professora da Sala de Informática, era comum eu ouvir essa frase dentro da escola. A seguir, trago minha trajetória como educadora e como fui motivada a pesquisar o professor e a rede social, em especial o *Instagram*.

### 1.2. #trajetoriadapesquisa

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.”

(Paulo Freire)

Ingressando no Curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2000, atentava-me aos passos que as novas tecnologias de informação e comunicação vinham se desenhando, em paralelo aos meus estudos de graduação. Inspirada nas ideias de Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, pensava no processo de educar e na necessidade de um olhar mais apurado para seus personagens, aluno e professor.

Esse período foi fundamental para que despertasse em mim o desejo de pesquisar minha prática e fazer docente. Minha monografia foi centrada na temática da leitura e escrita, um foco de inspiração, pois nessa época atuava como professora alfabetizadora, numa reverberação às produções textuais e às narrativas tecidas por meus alunos. Seguindo o percurso de estudos, em 2005 senti a necessidade de realizar uma especialização em Orientação Educacional e Pedagógica, e nesse momento meu olhar de pesquisa foi para os Conselhos de Classe – com bibliografia específica e entrevistas – e com os professores refletíamos sobre esse espaço.

Em 2003, iniciei minha atuação como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nas Redes Municipais do Rio de Janeiro e Duque de Caxias. São até hoje 16 anos de experiência com atuação, predominante, nos Ciclos de Alfabetização. Nesse período, perpasssei por diversos espaços dentro da escola: Sala de Leitura, Coordenação Pedagógica, Biblioteca, Educação de Jovens e Adultos, Sala de Recursos e Laboratório de Informática. E foi neste último em que ouvi a frase da primeira hashtag título: “Qual a senha do wi-fi?”, afinal, eu fazia parte da Sala de Informática e uma das detentoras dessa senha, que, na época, não era socializada.

Convidada, em 2015, para atuar no Laboratório de Informática como Dinamizadora numa escola em Duque de Caxias, não aceitei de primeira a proposta e pedi um tempo para pensar, usando o argumento de que eu sabia manusear o computador para usos pessoais, mas que não saberia ensinar. Começava meu desafio: desconstruir o processo de aquisição de conhecimento, numa atualidade frente às novas tecnologias. Por que essa concepção arraigada de que apenas eu transmitiria conhecimentos?

Como professora dos primeiros anos do Ensino Fundamental, diversas vezes presenciei um relativo uso dos dispositivos tecnológicos na escola, sempre tive interesse e fiz uso deles. Eu reconhecia a importância de conversar com e a partir desses dispositivos. Participei de várias formações oferecidas pelas Secretarias Municipais de Educação; espaços de formação essenciais para ouvir e discutir com meus pares.

Aceitei o convite e, durante um ano, tive a oportunidade de atuar como Dinamizadora de Informática<sup>5</sup> na escola que trabalhava, quando pude acompanhar de perto a relação dos alunos e professores com alguns dispositivos tecnológicos, ambos, em sua grande maioria, usuários em potencial. Eu os via como usuários e protagonistas que “surfavam” nas mais diversas redes.

Nas primeiras aulas, já pude perceber, dentre as turmas que atendia semanalmente (Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental), o protagonismo desses alunos frente ao dispositivo reconhecido, no caso, o computador. A primeira percepção fora acerca do domínio e das habilidades deles e de suas performances na rede. No início, eu achava que ensinaria algo, mas fui surpreendida com vários conhecimentos que os pequeninos traziam de suas experiências em *Lan Houses*<sup>6</sup>. Nesse

---

<sup>5</sup> Esse cargo era ocupado por professores indicados pela direção. No ano seguinte, a Prefeitura de Duque de Caxias lançou em um concurso o cargo de Professor de Informática com habilitação específica.

<sup>6</sup> Casas ou espaços onde os usuários pagavam um valor por hora para acessar a internet.

mesmo contexto, debrucei meu olhar sobre o professor – e vale destacar – que, se antes tínhamos um profissional que mal acessava a rede e tinha “medo” da máquina (computador ou celular), ou as usava apenas para replicar atividades educativas de blogs, naquele momento também estava a produzir e compartilhar conteúdos.

Constantemente, eu recebia “visitas” em minha sala (o Laboratório de Informática) dos mais diversos personagens da minha comunidade escolar: professores, alunos, merendeiras, pais, visitantes... todos queriam a senha do wi-fi<sup>7</sup>! Apesar de não ser possível, pois a escola não tinha um bom suporte de rede, eu achava curioso o fato de diferentes personagens da comunidade escolar terem o mesmo interesse e também, virtualmente, frequentarem o mesmo universo: as redes sociais.

Segundo pesquisa realizada pelo IBGE<sup>8</sup>, em 2016, 116 milhões de pessoas se conectavam a internet, o que equivalia a 64,7% da população. Em 2015, esse percentual era de 102,1 milhões de pessoas, o equivalente a 57,5% da população. Como podemos ver, a cada ano aumenta o número de usuários conectados no Brasil.

Lembro de usar, nessa época, a internet para entrar nos blogs e replicar atividades ou fragmentos de livros. Já usuária de uma rede social, eu fazia parte de comunidades de professores e ali trocávamos informações sobre diversos assuntos no campo profissional.

Partindo desse cenário, nasce a motivação para estudar de qual modo os professores atualmente se relacionam com as redes sociais; o que vêm produzindo e compartilhando nas redes, quais sentidos dão a esses usos e como essas práticas, de certa forma, como ampliam sua atuação na sociedade e no campo educacional.

Em 2017, ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNIRIO e começo a participar do grupo CACE (Comunicação, Audiovisual, Cultura e Educação), com um pré-projeto de pesquisa que versava sobre o professor e a visibilidade digital. As discussões do grupo, ministradas pela professora Adriana Hoffmann e as pesquisas realizadas, foram essenciais para refinar a minha própria: as imagens-professor-rede social. Os estudos voltados para Cultura Visual me fizeram estreitar relações entre as atuações de professores e as imagens que produzem e reproduzem na rede. A partir das leituras realizadas, o objeto e o olhar da pesquisa se modificaram e escolhi trabalhar

---

<sup>7</sup> Wi-Fi é uma abreviação de “Wireless Fidelity”, que significa fidelidade sem fio, em português. Wi-fi ou wireless é uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos, e geralmente é transmitida através de frequências de rádio, infravermelhos etc. Disponível em: <https://www.significados.com.br/wi-fi/> Acessado em 20/06/2019

<sup>8</sup> <https://www.valor.com.br/brasil/5337837/ibge-942-dos-brasileiros-usam-internet-para-trocar-textos-e-imagens>. Acessado em 20/06/2019.

com a rede social mais atual, na qual as imagens circulam com mais velocidade: o Instagram.

### 1.3. #justificativadapesquisa

Estamos imersos no mundo digital, no qual é possível perceber novas configurações no que se referem às relações e às formas de comunicação. Checar as mensagens no celular várias vezes ao dia, entrar numa rede social, postar fotos, curtir, comentar, estar *on-line*! São cenas corriqueiras, que retratam os passos de muitos usuários em diferentes espaços-tempos: casa, escola, hospital, shopping, praia, etc. Estamos diante de uma mobilidade possibilitada pelo celular e pela internet. Podemos “logar”, postar, compartilhar de qualquer lugar! Para Levy (1999),

o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico e informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (p.17)

Considerar o ciberespaço como um espaço híbrido – que engloba para além da estrutura do “maquinário”, mas também uma legião de seres que surfam nessas interfaces e todas as possibilidades que nelas têm, desde a busca por informações até as relações nelas tecidas – nos remete a um pensamento sobre as possíveis transformações que delas podem incorrer.

Para Lemos e Lévy, “quanto mais podemos livremente produzir, distribuir e compartilhar informação, mais inteligente e politicamente consciente uma sociedade deve ficar. As ações de produzir, distribuir, compartilhar são os princípios fundamentais do ciberespaço” (2010, p.27). Os princípios do ciberespaço de “produzir, distribuir e compartilhar” citados por Lemos vêm de encontro ao meu interesse em pesquisar o professor enquanto usuário de uma rede social, além de pensar em quais imagens produzidas e compartilhadas por eles estabelecendo, então, narrativas. Refletir sobre isso implica em pensar como os sujeitos atualmente são produtores em potencial de imagens e como seu protagonismo concorre para as demandas do mundo contemporâneo.

A relevância desse tema está na possibilidade de refletir sobre as imagens que permeiam o *Instagram*, produzidas ou replicadas por um personagem importante no

cenário educacional e que, à frente de uma rede social, protagoniza militância, compartilha e produz a partir delas.

“Em tempos de web 1.0, a publicação e o compartilhamento das informações eram dificultados por interfaces não amigáveis, havendo a necessidade de se conhecerem linguagens próprias de programação, como a linguagem HTML. Os conteúdos eram “estáticos” e não interativos. Uma vez disponibilizado, o material servia para consultas dos usuários, que não poderiam interferir no conteúdo, nem *cocriar* a mensagem. Nesse cenário, a internet era predominantemente composta por textos. Mesmo os principais recursos para a interação, como *chats* e *emails*, tinham como foco o uso de formas textuais de comunicação. Já o advento da web 2.0 é marcado pela possibilidade de veiculação de conteúdos criados, editados e publicados pelos praticantes das redes. Interatividade, hipertexto, mobilidade e ubiquidade são potencializados; dispositivos móveis e conectados permitem que usuários troquem, criem, divulguem e contestem informações, em qualquer lugar do mundo, em tempo real” (Santos, Colacique e Carvalho, 2016, p.136)

O que me faz partir de uma prática pessoal enquanto professora, usuária dessa mesma rede, apaixonada por imagens e pertencente a um espaço em que me sinto protagonista, e sou “lida” por minhas ideias em forma de imagens expandidas e visibilizadas. Nesse cenário me vejo também representada muitas vezes por esses sujeitos.

Pesquisar o sujeito em suas redes sociais requer delimitar o que de fato buscamos, visto que se trata de um campo vasto. Para Levy (1999),

(...) o desenvolvimento das comunidades virtuais se apoia na interconexão. Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (p.130)

A questão da organização de uma rede social perpassa por caminhos e epistemis próprias, que não encontram limites geográficos. É preciso ter uma legião de seguidores e as relações perpassam por diferentes critérios: afinidade política, pessoal, trabalho, influencers digitais<sup>9</sup>, páginas específicas de viagens, lojas, etc... Para Recuero “Novas formas de estar junto, ocasionadas pela facilidade de encontrar indivíduos com interesses semelhantes, formando comunidades virtuais foi uma delas” (2012, p. 598). Um novo modelo de interação, onde o compartilhamento, o processo de formar pares,

---

<sup>9</sup> Influenciador digital ou digital influencer é um indivíduo que utilizam uma rede social para expressar análises e influenciar a opinião de outros indivíduos, através de publicações em texto ou vídeo *on-line* e, que são seguidos por um determinado público

no sentido de pessoas próximas – afins – é a substância de um novo modo de produzir conhecimento, e de se relacionar no mundo contemporâneo.

O escopo das redes sociais é a possibilidade de “juntar” pessoas, promovendo espaço de encontros e reencontros, emaranhados por ideais e grupos afins, que fortalecendo os diferentes segmentos. Em: *O Futuro da Internet*, Lemos e Levy destacam que “sempre que podemos emitir livremente e nos conectar a outros, cria-se uma potência política, social e cultural: a potência da reconfiguração e da transformação” (2010, p.27). Pensar no quanto este processo potencializa as relações é importante, para considerar toda uma dimensão sócio-histórico-cultural, que possibilita refletir no quanto as relações tecidas nesses espaços são atravessadas por múltiplas identidades e subjetividades.

A plataforma Instagram, quando o perfil é público, permite que milhares de pessoas do mundo inteiro vejam e comentem suas postagens. A quantidade de curtidas e de seguidores rege o mundo dessa rede social, as quantidades de interações potencializam a visibilidade nessa rede. Sobre essa questão, Recuero afirma que “uma rede social é definida por um conjunto de dois elementos: atores e suas conexões” (2009, p.24).

Uma quantidade expressiva de curtidas significa, sobretudo, que houve uma aceitação da postagem/narrativa. Quais são os motivos que levam os professores a escolherem o Instagram, e seus seguidores e seguidos? Quais imagens postadas, o que revelam? Para quem postam? Por que postam? Pensando na prática de publicar imagens instantâneas, perpassa uma dinâmica de dar visibilidade ao cotidiano e todas as suas nuances. O relato do dia a partir de imagens faz lembrar Manoel de Barros, em *O Fotógrafo*, citado na epígrafe: “daí eu fotografei o sobre”. Pensar numa rede que incentiva seus usuários a fotografarem instantaneamente seu cotidiano, onde o comum ganha visibilidade, desperta: Por que nos interessamos por relatos cotidianos?

Atualmente, é comum também as redes exercerem papel de pioneiras de notícias, uma vez que são emitidas quase em tempo real. Para Levy (2010) essa relação nos revela que

em vez de ser enquadrado pelas mídias (jornais, revistas, emissões de rádio e televisão), a nova comunicação pública é polarizada por pessoas que fornecem ao mesmo tempo, os conteúdos, a crítica, a filtragem e se organizam, elas mesmas em redes de colaboração. (p.13)

Não só funcionam como um diário pessoal ou um relato do “agora”, mas um compilado das notícias em tempo real. É comum procurarmos um assunto após postagens opinativas na internet, e quando nos damos conta, temos um coletivo de ideias e opiniões.

Sobre a escolha do sujeito ser um professor, penso que vivemos tempos sombrios, no que se refere à Educação e ao governo atual: corte de verbas nos setores educacionais e uma crescente desvalorização docente e dos espaços públicos de pesquisa. Falar com/sobre/do professor é resistir! Debruçando-se em Freire “Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja respeitada” (1996, p.107). Há muito tempo o professor vem exercendo protagonismo com seus pares nas redes sociais principalmente a partir da web 2.0. Para Lemos e Lévy (2010),

a computação social da web 2.0 aporta uma modificação essencial no uso da web. Enquanto em sua primeira fase a web é predominantemente para leitura de informações, esta segunda fase cria possibilidades de escrita coletiva, de aprendizagem e de colaboração na e em rede. (p.52)

Desde os tempos do Orkut<sup>10</sup> e Facebook<sup>11</sup>, já existiam comunidades nas quais eu participava: Professores do Rio de Janeiro, Professores de Duque de Caxias, Atividades Pedagógicas, entre outros. Grupos inúmeros que formavam uma grande teia, desde as dicas de aulas e planejamentos, denúncias, informes sobre salários e chamadas para as manifestações.

Enquanto participante, eu analisava esse espaço de fala e atuação do professor. Essas postagens variavam desde selfies, charges, tirinhas, capas de jornais, informativos do sindicato, e até os famosos “textões”! Era o professor produzindo material e expandindo suas ideias. Fato é que, uma rede social é capaz de potencializar uma categoria e dar voz e visibilidade. O que eu falo? Para quem eu falo?

Para Lemos e Lévy (2010):

A extensão do ciberespaço nos leva, em um mesmo movimento, a mais liberdade (individual e coletiva), de uma parte; e a mais comunicação e interdependência, de outra. O crescimento da liberdade é evidente: o

---

<sup>10</sup> Rede social criada em 2004 e desativada em 2014.

<sup>11</sup> Rede social criada em 2004, ainda em voga.

ciberespaço permite uma liberdade de expressão e de comunicação em uma escala planetária absolutamente sem precedente (p.52).

Quando migrei para o Instagram, procurei pelos amigos que antes estavam no meu Facebook. O meu olhar – que antes era direcionado para as imagens nas outras redes anteriormente citadas – agora o reconhece como um espaço virtual privilegiado, onde as narrativas estabelecidas através de imagens permeiam o contexto atual. Uma outra plataforma de rede social e com um objetivo bem delimitado: postar o instante, o agora, a partir de um dispositivo móvel no caso o celular! Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é investigar as imagens produzidas e compartilhadas por essas professoras da Educação Básica, compreendendo como elas circulam produzindo sentidos.

Trago como objetivos específicos as possibilidades de:

- **observar as imagens publicadas pelos professores** e perceber se as mesmas são de autoria do professor ou se trata de uma (co)criação/compartilhamento da imagem de outro;
- **identificar o que leva o professor a ter um perfil no Instagram**; se fazia uso de outras redes sociais e porque permanece e como essas outras itinerâncias ajudam nas performances na rede. Como o Instagram tem criação a partir de 2010, nossa conversa se iniciou sobre outras redes sociais utilizadas antes, e de qual modo chegaram até ele, e finalmente, por que optam permanecer e como usa essa rede social;
- **analisar como é feita a escolha pelos professores dos seguidos e seguidores**; de fato, ter uma rede social requer pessoas conectadas e no Instagram o nome dado a esse grupo é Seguidores. Quem são eles? Quais os critérios de escolha? Quem elas seguem? Qual o motivo para constituir essa rede de pessoas?
- **analisar se as imagens postadas nos perfis revelam alguma dimensão política, social (educadora, mulher, mãe...)**; a pesquisa é feita com professoras-pesquisadoras-mulheres.
- **identificar como as docentes veem nesses dispositivos a possibilidade de um protagonismo** na sua área de atuação profissional.



#### 1.4. #oquedizemoutraspequisas

Reconhecendo a importância de dialogar com pesquisas outras que tratam sobre a questão do professor e as redes sociais, em especial o Instagram, recorri ao Banco de Teses e Dissertações do Portal de Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Ao digitar as palavras-chave: professor - instagram - cultura visual apareceram os seguintes trabalhos: 5 dissertações e 1 tese, no período de 2010 a 2018, as quais discrimino abaixo:

Na dissertação em Artes de Thiago Azevedo (2014), da Universidade Federal do Pará, cujo título #Instagram: entre a fluidez de imagens e a fluidez da memória, trata das possibilidades de traçar uma narrativa individual utilizando como recurso a imagem e como os indivíduos se comportam sobre a questão: imagens x memória, e apesar do sujeito de pesquisa não serem professores, a pesquisa propõe pensar como os atores se “juntam” numa rede social e como as relações são tecidas nesse contexto. O autor diz que o Instagram se manifesta como um suporte, que auxilia ao indivíduo a explorar sua criatividade em forma de imagens, destacando o protagonismo do usuário ter em mãos um dispositivo móvel. Essas questões conversam com a minha pesquisa também no que diz respeito às imagens, onde ele rememora o universo imagético e faz uma análise da evolução desses registros, possibilitados nos dias atuais também pela evolução dos dispositivos móveis.

Azevedo (2014) destaca “o comportamento diante da imagem se altera bem como a memória que se constrói através de imagens” (p.17). Nesse trecho, ele traz uma reflexão importante sobre novos modos de se fazer e conceber a imagem, assim como o excesso e acúmulo dela, visto que somos motivados o tempo todo a “cliquear”. “A vida passa a ser narrada e vivida sob o olhar da máquina e desta relação de instantaneidade no ciberespaço” (p.38). A própria configuração atual dos celulares traz a câmera como um atrativo e recurso imprescindível. A memória é discutida atrelada à experiência do indivíduo e o registro dessa experiência ao mesmo tempo às memórias dos dispositivos móveis. Muitas vezes quando o celular está “sem memória” apagamos fotos menos importantes, mas que em algum momento fizeram significados, sendo assim aborda a relação entre memória e imagem por meio do aplicativo.

Na dissertação na área de Educação de Rodrigo Castro (2014), da Universidade Federal de Pelotas, com título Instagram: Produção de imagens, cultura móvel e seus possíveis reflexos nas práticas educativas, o autor conversa com jovens estudantes do

Ensino Médio da rede pública e privada, e universitários dos cursos de licenciaturas da Universidade Federal de Pelotas, fazendo um estudo netnográfico, numa perspectiva de investigar o Instagram como dispositivo de produção de sentidos nas práticas educativas. Traz como objetivo refletir como essas produções circulam na cultura móvel; o que impulsiona esses sujeitos a curtirem uma imagem e “ como a legenda tornou-se referência na produção de sentidos desejada pelos sujeitos produtores da fotografia”.

Hugo de Lima (2014), da Universidade Metodista de Piracicaba, traz na dissertação na área da Educação: As contribuições do Instagram na formação da cultura digital da sociedade contemporânea, uma pesquisa que analisa a relação da fotografia com a formação da sociedade contemporânea e de que forma essas imagens são tratadas no ambiente escolar. Tendo a fotografia digital móvel e o Instagram como objetos de estudos, ele aborda como o instagram colabora para a formação da cultura digital. Traz uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo a bibliográfica como base, fazendo um levantamento da invenção e evolução da fotografia. Sendo assim, ele analisa o perfil de algumas celebridades e trata da questão do consumismo. Como aporte bibliográfico para falar de imagens, traz Flusser (2011, p.23), afirmando que as “ imagens são mediações entre homem e mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo.”

Joana Dourado França de Souza (2018), na área da Educação da Universidade Federal da Bahia, traz a dissertação Registrar, compartilhar, autodestruir: Pedagogias e modos de ser no Instagram Stories - uma pesquisa multipaper em formato de artigos que tratam do tema investigado. Dividida em três artigos: Selfie: Espetacularização do EU e Pedagogias no Instagram Stories; que traz uma análise de um grupo de jovens e suas publicações efêmeras (24h) nos Stories; Felicidade em gif: Pedagogias dos mini vídeos em loop do Instagram Stories, Influenciadores Digitais: Espetáculo, Hiperconsumo e Pedagogias no Instagram Stories. Em todos foi realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva e analítica de cunho netnográfico.

A autora cita a importância de reconhecer espaços outros de produção de conhecimento “são inúmeros os espaços de aprendizagem, sobretudo na contemporaneidade, que transcendem o ambiente escolar” (p.24). Podemos, então, considerar que outros espaços, nesse caso o virtual, permitem a produção de sentidos. Subjacente, cita Santaella (2017) e os “espaços intersticiais” - um termo usado para conexão de diferentes “espaços físicos que se misturam - se hibridizam com espaços

virtuais, compondo, assim, espaços conectados” (p.24). A pesquisa tem como objeto de estudo a função stories do Instagram, dialogando com minha pesquisa ao pensar as dinâmicas dessa rede social e o protagonismo dos sujeitos que nela estão.

Daniela Ferreira Lima de Paula (2015) traz a dissertação do campo da Comunicação, da Universidade de Sorocaba: Fotografias contemporâneas: O Instagram como possibilidade tecnológica; onde faz uma relação entre fotografia e cultura visual - principalmente as imagens inseridas nas mídias sociais. A autora usa a investigação qualitativa (empírico-exploratória) utilizando as contribuições dos estudos contemporâneos. Esse trabalho me ajudou a pensar sobre a questão da fotografia, indo ao encontro de meu tema: “instigou-me o modo como os sujeitos incorporam a fotografia ao seu viver e geram, espontaneamente, as próprias imagens” (p.15). De fato, essa possibilidade é o que despertou meu interesse. A fotografia é o objeto central e as várias formas de narrar a partir dessas imagens. A autora destaca o “usuário-interator tem nas mãos a possibilidade de criar as próprias histórias” (p.62).

Juliana Nascimento Torezani (2018) com a tese na área de Comunicação Social, da Universidade Federal de Pernambuco, As selfies do Instagram: os autorretratos na contemporaneidade, busca analisar os autorretratos produzidos atualmente a partir dos dispositivos móveis, que hoje conhecemos como selfies. Na pesquisa, ela faz um levantamento da história do autorretrato; analisa as possibilidades desses retratos no Instagram; analisa selfie e toda produção de sentido a partir dela e fala sobre visibilidade.

Torezani (2018) rememora como a fotografia se tornou um objeto rentável, e como o desejo de ser fotografado e de ter suas próprias imagens impulsionou o comércio dessas produções. Para ela, o autorretrato é “um elemento narrativo e, as vezes, ficcional do que a pessoa deseja expressar ao outro” e complementa, afirmando que as redes sociais “substituem os espaços físicos nos encontros entre indivíduos, além de suportes de sociabilidade, criando novas formas de interação” (p. 33).

## **1.5. #instagramnocontextodaculturavisual**

Estamos envoltos por inúmeras e infindáveis imagens midiáticas, que chegam até nós desde o momento que acordamos até a hora de dormir. São imagens nos

celulares, nos outdoors, nas revistas, jornais, etc. Além de recebermos algumas que nos chegam prontas, pelas diversas redes sociais e/ou publicitárias, e nos inclinam à condição de consumidores. Nós, a partir do aperfeiçoamento dos dispositivos móveis, e de uma rede de internet, produzimos e compartilhamos também em larga escala.

Nossa condição não é só de receptores dessas imagens; na maioria das vezes, somos produtores e também curadores, no sentido de que selecionamos, armazenamos e publicamos (ou não). Pensando no universo das redes sociais, cada vez mais nós, usuários, traçamos narrativas utilizando como recurso comunicacional a imagem. Para Santaella (2015, p.10), esses dispositivos “foram amplificando grandemente o poder humano para produzir, manipular, conservar, distribuir, expor, transmitir, fazer circular socialmente novas formas de linguagem”. E são essas imagens produzidas e as possíveis ações humanas sobre elas que interessam à pesquisa: as imagens compartilhadas que compõem as narrativas e que permeiam as redes sociais.

Para falar da/com/sobre as imagens nas redes sociais e como elas são produzidas, selecionadas e publicadas na rede social *Instagram* por esse sujeito de pesquisa - o professor - recorreremos aos Estudos de Cultura Visual, destacando a fala de Ricardo Campos (2012, p.24):

A cultura visual pode ser entendida, em primeiro lugar, como um repositório visual associado a contextos coletivos particulares, onde determinadas linguagens e signos visuais são elaborados e trocados; em segundo lugar, como um modo de aprender e decodificar visualmente a realidade, tendo em consideração a natureza cultural e psico-social da percepção e cognição; e, em terceiro lugar, como um sistema composto por um aparato tecnológico, político, simbólico e econômico, enquadrado num horizonte sociocultural e histórico amplo com o qual convive, que ajuda a moldar, tal como é por este configurado.

Importante o destaque do autor à cultura visual abarcar um conjunto de imagens que visualizamos ao longo da vida, e sobre como nos relacionamos com elas, sendo assim, o caminhar intrínseco a cada ser dentro de um grupo social vai desde a percepções do campo biológico, até o sócio-histórico-cultural, viabilizando inúmeras possibilidades de leitura e revelando a pluralidade e a não previsibilidade do campo visual, ou seja, a imagem não é igual para todos.

Servio (2014) traz no artigo: “O que estudam os estudos de Cultura Visual” uma importante revisão de literatura, que nos ajuda a pensar sobre o tema. Ao citar Foster (1998), delimita os conceitos de visão e visualidade, destacando não serem dicotômicos, porém com diferenças significativas. A visão estaria relacionada à parte orgânica, física,

uma ação permitida através dos olhos e de ação cerebral; enquanto visualidade revela as marcas da experiência, do que nos é culturalmente ensinado. Essa última suscita a ideia de que vemos para além do que nossos olhos podem captar e, para o autor, essa seria a dimensão a qual interessaria a Cultura Visual.

Nesse sentido, Servio afirma que:

os processos que constroem as visualidades que se manifestam como práticas de cultura visual resultam de aprendizados durante o curso de nossa vida social. Portanto pensar o contexto histórico e local no qual estamos inseridos como parte de um universo cultural torna-se indispensável para qualquer análise que almeje aprofundar-se na compreensão de experiências visuais. (2014, p.199)

Percebe-se, então, a importância de se levar em consideração o contexto histórico, a bagagem e trajetória cultural de um indivíduo em determinada época, de forma a revelar o porquê das imagens que produzimos, consumimos e compartilhamos, visualizamos e as que também não visualizamos (pensando nas mídias sociais). Fica claro que a experiência é um fator também determinante para a visualidade, que não é um processo natural.

A experiência demonstra que o cérebro não tem a capacidade de processar conscientemente todas as informações visuais que os olhos captam e, diante disso, dedicam-se apenas aquelas informações que presume nos interessarem mais. (Servio, 2014,p.199)

É certo que nem todas as imagens são “vistas” e reparadas; muitas vezes são imagens cotidianas, corriqueiras, como por exemplo “*Sorria, você está sendo filmado*”, ou os desenhos que sinalizam os assentos preferenciais em transportes públicos. Para isso, Sérvio vai chamar de *percepção seletiva*.

A percepção seletiva é construída de maneira tácita, a partir de rotinas, de preferências, e de práticas de olhar que se estruturam e ganham organicidade sem que nos demos conta. Ela se desenvolve de maneira inconsciente, influenciada por práticas culturais, por estímulos externos e/ou internos sobre os quais não temos controle. (Servio, 2014. p.199)

Quando falamos de imagens nas mídias sociais, nos remetemos a uma infinidade de visualidades permitidas na rede social Instagram. Fazer menção à elas intenta-se refletir sobre toda a materialidade subjetiva existente, suas formas simbólicas, bem como as formas de representarem narrativas.

Para Mirzoeff, o mundo pós-moderno é visual e as relações tecidas nesse período revelam uma tendência para o campo da visualidade. “Las partes constituyentes de la cultura visual no están, por tanto, definidas por el medio, sino por la interacción entre el espectador y lo que mira u observa, que puede definirse como acontecimiento visual”<sup>12</sup> (2003, p.34). Trazendo a importância do olhar subjetivo, carregado de experiências, vinculado ao que pode ser visto para além de uma imagem. O acontecimento visual citado por ele são possibilidades interativas diversas em contato com os meios e as personas, desde o olhar até a capacidade de estabelecer uma interpretação. Para ele, não é a imagem em si, mas as demandas contemporâneas em tornar-se visível, principalmente influenciado pelos meios virtuais.

Mirzoeff (2003, p.3) diz que “la vida moderna se desarrolla en la pantalla”<sup>13</sup>, em que as telas tornaram-se onipresentes: nas câmeras de vigilância, nas imagens que chegam via satélite, nas imagens de exames, etc. Lipovetsky e Seroy, no artigo A cultura Mundo, refletem sobre a proliferação das telas (1980-90) e como o virtual modela o real. “A economia, a sociedade, a cultura, a vida cotidiana, todas as esferas são remodeladas pelas novas tecnologias da informação e comunicação: a sociedade das telas é a sociedade informacional.” (2011, p.77)

Queremos saber o que significam as imagens e o que fazem, o modo como elas se comunicam como signos e símbolos, que tipo de poder elas têm de afetar as emoções e o comportamento humano (Mitchell, 2017 p.165)

Por onde andam as agendas em que colecionávamos imagens, embalagens, tickets, ingressos, etc? Pensando nas formas de narrar a partir de imagens, lembrei das agendas que tanto usei na década de 90, e que constituíam meu “portfólio de vida”. Não bastava escrever sobre o vivido, era preciso anexar fotos e/ou qualquer outro material impresso que provasse o vivido. Essas agendas também faziam papel de diário, moderno, já sem cadeados, mas com relatos e confidências, códigos... A experiência de ter uma imagem anexada legitimava aquele momento, é o que Cunha menciona “do desejo de nos apropriarmos e colecionarmos imagens que nos tocam” (2008, p.105).

Partindo dessa experiência, chego às redes sociais e às narrativas tecidas nesses espaços. Sibilia (2016), no “Show do Eu”, destaca os termos “intimidade e extimidade”,

---

<sup>12</sup> As partes constituintes da cultura visual não são, portanto, definidas pelo meio, mas pela interação entre o espectador e aquele que olha ou observa, que pode ser definido como um evento visual.

<sup>13</sup> “A vida moderna é desenvolvida na tela.”

mostrando a transposição do antigo diário com chave e cadeado para os diários virtuais, dando a entender que a escrita nesses espaços tem um objetivo e um público específico, muitas vezes com nuances espetaculares. Estamos diante de narrativas pessoais, produzidas para serem vistas e curtidas.

Mas, o que constituem essas narrativas produzidas a partir de imagens? Seriam formas de “manifestações renovadas de velhos gêneros autobiográficos?” (Sibilia, 2016 p.57)

Pensar nas imagens como cerne de pesquisa é pensar no mundo que chega a nós através delas. É reconhecer que, desde os primórdios, as imagens foram usadas como forma de comunicação e que até hoje ainda são usadas. Principalmente nos últimos tempos com o advento da internet e das redes sociais.

Santaella (2015, p.10) diz que esse crescimento “se deu dentro da lógica de aceleração do mundo capitalista”, em que imagens são produzidas em larga escala, e que as possibilidades de se relacionar numa rede social criam uma nova configuração imagética, no sentido do que ela representa, pois para Santaella (2015, p.13) “a imagem não é apenas uma forma de linguagem, mas se constitui em uma matriz do pensamento e da inteligência humana”. Como pensar nisso a partir das imagens voláteis da hipermídia?

Cunha (2008, p.107) diz que “há uma intencionalidade por parte dos produtores de imagens em produzir determinadas narrativas sobre o mundo”; dialogando com Santaella (2015), quando diz que “as imagens criam modelos de conhecimento”. A partir daí, podemos pensar na dinâmica das redes sociais, em como uma imagem postada revela seu pensamento, e a resposta do outro/aceitação vem em forma de curtida. O sentido de produzir e postar imagens numa rede social é construir uma narrativa que deve ser vista e atravessada por comentários e compartilhamentos.

## 1.6. #instagram

“ Você não fotografa com sua máquina. Você fotografa com toda a sua cultura.”

(Sebastião Salgado)

Nesse subcapítulo, trataremos brevemente de algumas funções do Instagram, entendendo que cada rede possui dinâmica própria, recursos e atrativos específicos para o público que nela está. Para início, o logotipo é um protótipo de uma câmera digital, imediatamente nos remetendo ao ato de fotografar.

Figura 1: Logo do insta<sup>14</sup>



Fonte: Página do Instagram

O Instagram é uma rede criada em 2010, por Kevin Systrom e Mike Krieger, de compartilhamento de fotos e vídeos *on-line* entre usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em outras redes como Facebook, Twitter<sup>15</sup>, Tumblr<sup>16</sup> e Flickr<sup>17</sup>. Inicialmente, foi lançado como um aplicativo para Iphone<sup>18</sup>, onde só era

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://pixabay.com/illustrations/instagram-symbol-logo-photo-camera-1581266/>

<sup>15</sup> Twitter é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos através do website por mensagem ou softwares específicos.

<sup>16</sup> Tumblr é uma plataforma que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, links, citações, áudio e diálogos.

<sup>17</sup> Flickr, site da web de hospedagem e partilha de imagens como fotografias, desenhos e ilustrações.

<sup>18</sup> Iphone, linha de smartphones desenvolvidos e comercializados pela empresa Apple.



compatível com o sistema da Apple. Em 2012, foi lançado para Android<sup>19</sup> e também comprado pelo Facebook, o que alavancou o seu crescimento.

Segundo seu cofundador, Kevin Systrom<sup>20</sup>:

Desde o nosso lançamento em outubro de 2010, nós temos focado em criar um aplicativo simples que inspire criatividade enquanto são capturados momentos diários através da lente do seu celular móvel. De fato, nosso foco é experimentar um caminho único, que nós escolhemos por muitos motivos, o mais importante deles é que o Instagram em sua essência é sobre ver e tirar fotos pelo meio do caminho(...) (in Manovich, 2015, p.12).

Ver e tirar fotos pelo meio do caminho é o objetivo principal de uma rede social que instiga você a fotografar e compartilhar em tempo real o seu dia a dia; uma espécie de diário compartilhado. Mas, por que esse interesse na pessoa comum e seu compartilhamento de imagens, revelando seus passos? Sibilia em seu livro: O show do Eu, exemplifica com uma edição da Revista Times, que traz como personalidade do ano de 2006: VOCÊ! Todos os olhares se voltam para o cidadão comum, que poderia ser, eu, você ou qualquer outro.

Nesse contexto, as produções de conteúdos produzidos pelos usuários da internet cresciam vertiginosamente e era hora de dar visibilidade a quem antes somente assistia. “Em virtude desse estouro de criatividade e visibilidade midiática entre aqueles que antes costumavam ser meros leitores ou espectadores passivos, teria chegado a hora de amadores, sempre segundo a mesma revista” (Sibilia, 2016, p.15). O que a criatividade e visibilidade traz nesse contexto de redes sociais? A produção amadora e trivial alavancava curtidas e seguidores interessados em acompanhar a vida comum; alguém que falasse a linguagem deles. “VOCÊ” sugere a transposição do protagonismo do artista famoso para o usuário comum, e do interesse dos seguidores, em acompanhar vidas próximas de sua realidade.

---

<sup>19</sup> Android, sistema operacional baseado no núcleo Linux e atualmente desenvolvido pela empresa de tecnologia Google.

<sup>20</sup> “Since our launch in October of 2011, we’ve focused on building a simple app that has inspired creativity while capturing everyday moments through the lens of your mobile phone. In fact, our focus on building out a mobile-only experience is a unique path that we’ve chosen for many reasons, the most important of which is that Instagram, at its core, and is about seeing and taking photos on-the-go...” Tradução livre

O acesso à fotografia rápida e instantânea nas redes potencializou essas produções, visto que qualquer um, em posse de um dispositivo móvel, poderia criar conteúdo e publicar. É o que nos destaca Manovich<sup>21</sup>(2015):

Elementos diferentes da cultura da foto que ao longo dos séculos 19 e 20 foram separados, atualmente, foram combinados em uma simples plataforma(...) Câmera, papel para foto, quarto escuro, lugares para exposição como galerias e instalações públicas, como revistas, existiram juntos em um mecanismo portátil. Esta única plataforma de mídia está em um desenvolvimento extraordinário na história da mídia moderna. Ela permite você capturar, editar e publicar fotos, ver fotos dos seus amigos, descobrir outras fotos através de pesquisa, interagir com elas (curtir, comentar, republicar, postar em outras redes), entrar em conversas com os autores das fotos e outras pessoas que deixam comentários, criar uma coleção de fotos, mudar a ordem, etc. Tudo isso em um único mecanismo. (p.11)

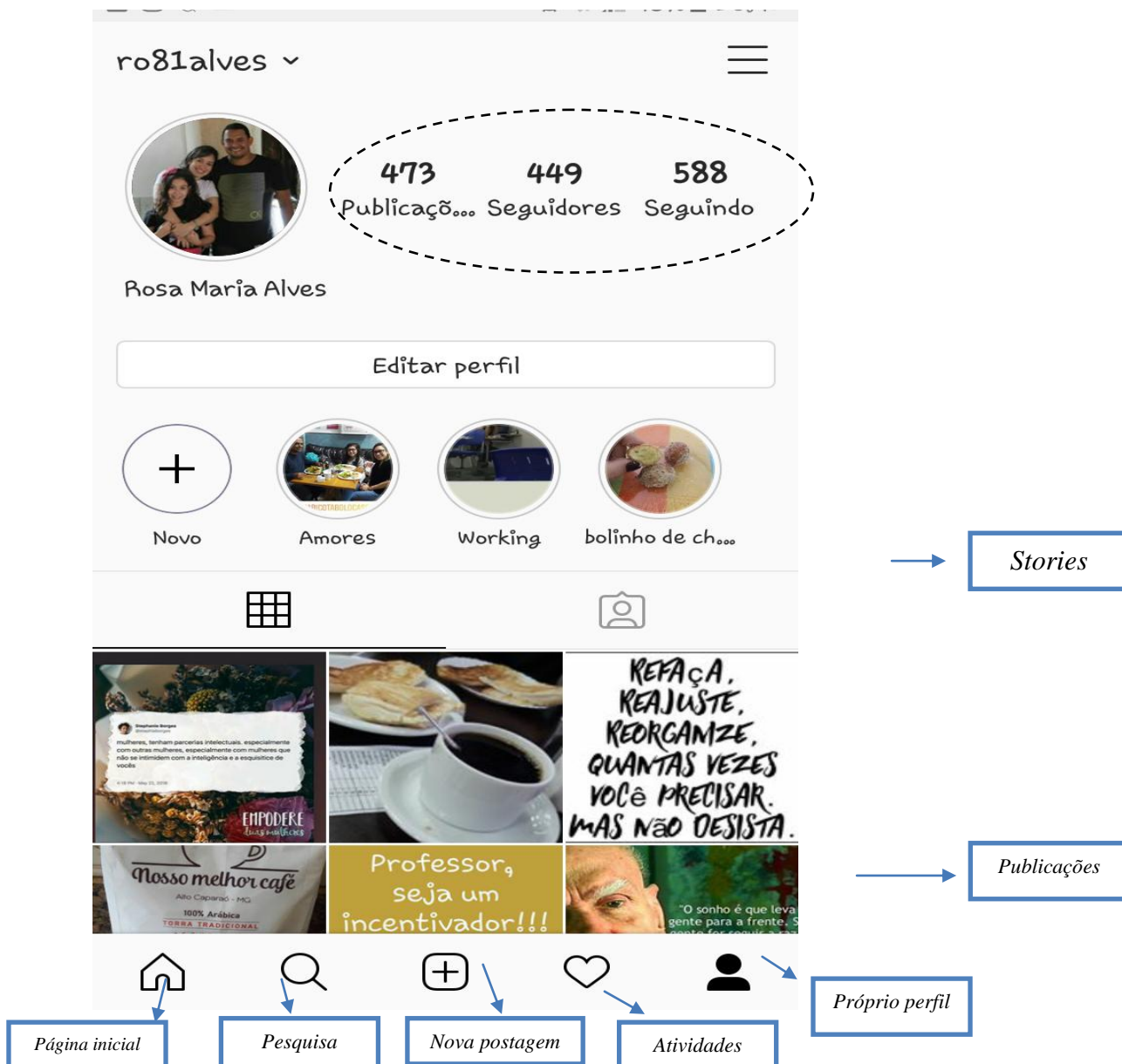
Nesse rede é possível seguir, visualizar, curtir, comentar as publicações de outras pessoas, ser “seguido” - no sentido de ter sua página acompanhada (seguidores) - e possui a opção de deixar seu perfil público ou privado (assegurando que somente os seus seguidores autorizados poderão ver suas postagens). O boom do aplicativo é devido ao número expressivo de seguidores e postagens. Por falar em curtidas, no dia 17 de julho de 2019, o Instagram teve contagem de curtidas ocultada, essa iniciativa alterou a exibição da quantidade de curtidas que uma publicação teve, sendo visível apenas pelo dono da conta<sup>22</sup>. Por entender a transitoriedade e fluidez de uma rede social, trago abaixo o meu perfil no *Instagram* e o destaque de algumas funções com um breve detalhamento:

---

<sup>21</sup> Trecho original: “Different elements of photo culture that throughout 19th and 20th century were separate, now have been combined in a simple platform. Camera, photo paper, a darkroom, exhibition spaces such as galleries, and publication venues such as magazines exist together in one hand-held device. This single platform medium is remarkable development in the history of modern media. It allows you to capture, edit, and publish photos, view photos of your friends, discover other photos through search, Interact with them (like, comment, repost, post to other networks), enter into conversations with photo authors and others who left comments, create photo collections, change their order, etc.all from a single device.”

<sup>22</sup> <https://epoca.globo.com/nao-deu-like-instagram-elimina-curtidas-para-protoger-autoestima-de-usuario-23814995> Acessado em 17/09/19

Figura2 : Perfil @ro81alves



Fonte: Print da autora (2019)

Na figura 2, no alto da página, é possível visualizar quantas publicações eu tenho (473), a quantidade de pessoas que eu sigo (588) e quantos me seguem (449). No meu perfil, a conta é privada e eu recebo a notificação de solicitação de amizade que depende da minha aprovação.

No final da página, aparecem alguns desenhos/códigos com funções predefinidas: uma casa, uma lupa, um sinal de mais ( + ), um coração e um boneco.

Na figura 3, ao clicar no ícone da casa no canto a esquerda, abre o feed com as postagens dos usuários que eu sigo, as publicações mais recentes publicadas pelas

pessoas seguidas aparecem atualizadas e abaixo de cada postagem o seguidor tem a opção de curtir ao clicar no coração, comentar ao clicar no balão e na seta a função é enviar a imagem por direct (mensagem privada) para outros seguidores.

Figura 3. Feed com as postagens dos “seguidos”



Fonte: Print da autora (2019)

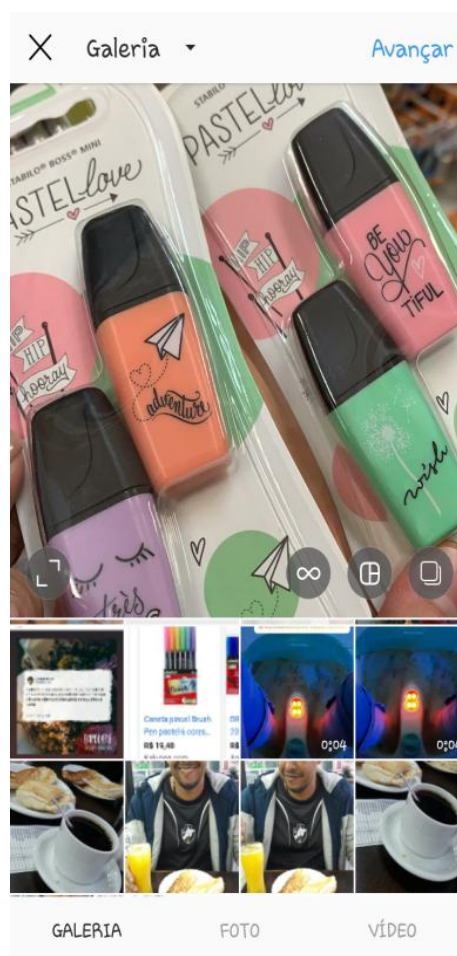
Na figura 4, a lupa é um recurso para pesquisa de um usuário, marca ou produto; na figura 5, o sinal + tem como função a publicação de fotos ou vídeos que podem ser feitas naquele momento, a partir da câmera do celular, ou importadas da galeria do dispositivo; o coração mostra o histórico das publicações curtidas e comentadas e, por fim, a foto do boneco mostra o meu próprio feed.

Figura 4. A lupa como recurso



Fonte: Print da autora (2019)

Figura 5. Ferramenta de inclusão de fotos



A figura 6 mostra a função do ícone coração, que é mostrar um histórico das minhas imagens que os seguidores curtiram/comentaram. Na figura 7, o desenho do boneco representa meu feed, com as postagens organizadas em ordem cronológica de publicação da recente para mais antiga.

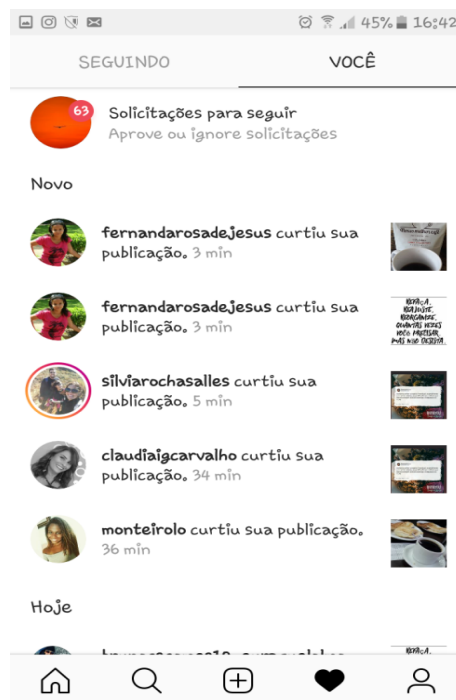


Figura 6. Função de histórico

Fonte: Print da autora (2019)

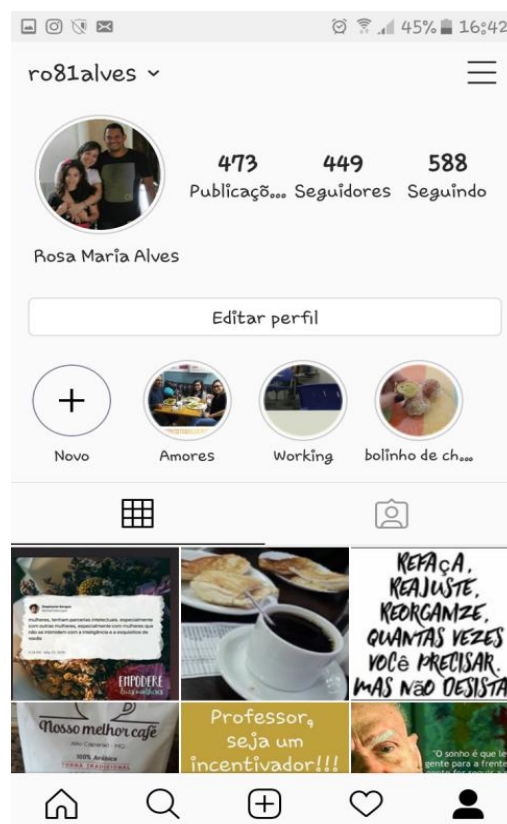


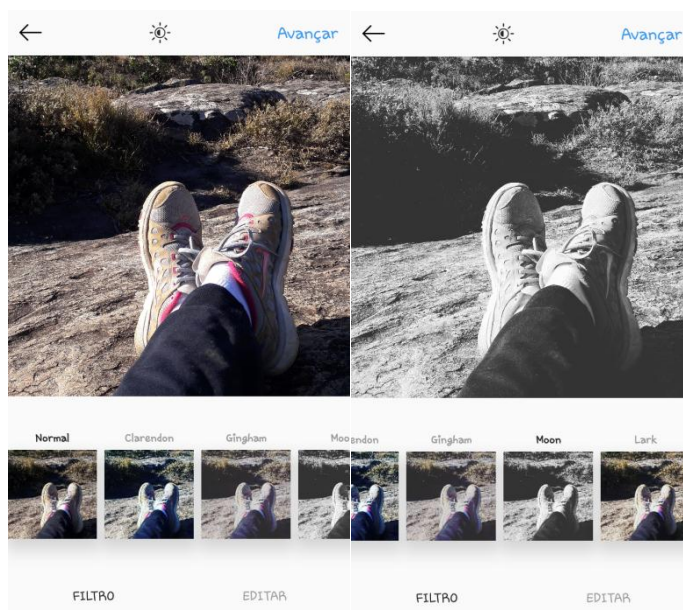
Figura 7. Feed de postagens

Fonte: Print da autora (2019)



Na figura 8, mostra como as fotos podem ser editadas podendo escolher entre 24 filtros e ajustes de brilho, contraste, estrutura, temperatura, saturação, cores, esmaecer, realce, sombras, vinheta, til-shift e nitidez assim como podem ser postados também vídeos curtos.

Figura 8. Uso do filtro



Fonte: Print da autora (2019)

Por se tratar de uma rede social que passa por atualizações constantes, reconhecemos a transitoriedade desta. Mas, nesse espaço-tempo, o objetivo não é listar todos os recursos disponíveis do aplicativo - o que não o pormenoriza - mas sim atentar para as relações e protagonismo. Ao longo deste texto surgirão os usos de recursos pelos professores, e refletiremos sobre a relevância dos mesmos no processo de pesquisa.

Na figura 9, destaque para os stories, que foram lançados em 2016, o objetivo é a postagem de uma publicação (foto ou vídeo) visível por apenas 24h. É um recurso muito usado pelas empresas, marcas e influencers digitais, para divulgarem seus produtos com a opção de compartilhar ou não no feed, e muitos usuários fazem uso dele.

Figura 9. Stories



Fonte: Print da autora (2019)

Postar texto, imagem, fazer um “ao vivo” (vídeo em tempo real), boomerang, vídeos curtos, superzoom, rebobinar, mãos livres e máscaras são algumas opções. Em uma publicação nos stories é possível usar as funções: menção (na qual marca-se um seguidor), música, texto, filtros, adesivos, gifs, horário e temperatura, localização, hashtag, enquete e perguntas. Esse espaço unifica imagem e as funções citadas acima, que dinamizam as narrativas que não ultrapassam 24h de duração.

No capítulo a seguir, será abordada a Metodologia e a apresentação das professoras escolhidas para essa pesquisa.



## CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

### 2.1. #vamosconversarsobre?

“- Você tem Instagram? Me segue lá!”

A possibilidade de falar sobre uma rede social e com seus atores, e ainda pensar nas relações tecidas nesse espaço permite navegar por um campo fértil, cheio de subjetividades, desejos, encontros, embates. Cada vez mais o número de usuários cresce, as narrativas atingem dimensão geográfica e conseqüentemente influenciam o modo de ser/estar no mundo contemporâneo.

Como professora-pesquisadora, pressuponho que conversas com nossos pares para além do falar “sobre”, produzem um material importante para reflexão e compartilhamento de saberes. O desafio dessa pesquisa é cuidar dessas falas, transcrevê-las e viabiliza-las, numa proposta de produzir coletivamente um material, de forma que não se endureça na coleta de dados frios no que se refere à quantitativo, mas sim atentar para mais um lugar de fala que deve ser contemplado e respeitado.

No livro: *Cultura digital, jogos eletrônicos e educação*, Lucena e Vale vão destacar no artigo “Redes sociais na educação: um espaço de aprendizagem e interação é possível” (2014):

Esta forma de comunicação, que utiliza a conexão à internet, tem permitido os sujeitos interagirem, ampliando exponencialmente a capacidade de interação e potencializando a criação de redes de relações também conhecidas como redes sociais. Por meio destas redes, tornou-se possível, entre outras coisas, o compartilhamento de informações, a produção de conhecimentos e a mobilização social, pois mais do que uma rede tecnológica que interliga equipamentos, as redes sociais interligam pessoas, dados e organizações. (p.162)

A partir de uma interface, os usuários têm suas ideias, imagens e narrativas ampliadas, curtidas e confrontadas, e essa é a dinâmica dessa rede social: juntar pessoas, produzir material e compartilhar. Um movimento de alimentação do *feed* e visibilidade das suas imagens/postagens. Sendo assim, trago a interrogativa: Quais imagens os docentes produzem, cocriam e compartilham?

No prefácio do livro *Conversa como metodologia de pesquisa por que não?*, Skliar (2018) diz que:

Uma conversa é, essencialmente, um gesto pedagógico, à medida que educar pode ser compreendido como o modo de conversar a propósito do que faremos com o mundo e com a vida, o que farás de melhor com o mundo e como te tornarás responsável por tua vida. Como um gesto pedagógico, conversar não se dirige não tanto àquilo que as coisas são, mas àquilo que há nas coisas. Conversa-se não tanto sobre um texto, mas sobre seus efeitos sobre alguém, conversa-se não tanto sobre um saber, mas sobre suas ressonâncias em nós, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais: o amor, a morte, o destino, o tempo. (p.12)

Como esse trecho me toca, me afeta, me transforma e é assim que sempre dimensionei minha pesquisa: a possibilidade de conversar sobre, de desvendar caminhos juntos com meus sujeitos de pesquisa. Para Alves e Ferraço, “se de fato uma conversa acontece, então alguma coisa muda, algo se desloca em nós, fazendo com que nossas emoções sejam alteradas, ao mesmo tempo que buscamos afirmar nossas diferenças” (2018, p.42). Somos usuários da mesma rede, professores, pesquisadores de nossas práticas dentro de um espaço fértil e potente que é o da Educação, no “miudinho” cada um traça suas estratégias, objetivos, planejamentos, faz alianças e conversa. Uma conversa não para se colocar no lugar do outro, pois como diz Skliar (2018, p.13), “esse é o lugar do outro”.

Nada mais justo que ler tais narrativas, suas imagens nas redes e conversar com eles, reconhecendo o seu lugar e ouvindo-o falar sobre. Deixo de lado minhas prospecções e experiência nessa mesma rede social e enquanto docente para me inebriar, beber da fonte que o outro me oferece.

Alves e Ferraço compartilham que “as conversações/conversas guardam uma íntima relação com a vida cotidiana e com os encontros, presenciais ou virtuais, que aí acontecem” (2018, p.42). Algo que fazemos naturalmente e constantemente no nosso dia-a-dia: conversar; sobre diferentes assuntos e com diferentes sujeitos, somos feitos do atravessamento de várias conversas.

Tratando das imagens que circulam nos feeds dessas professoras, remeto-me a Alloa (2017, p.7) “interrogar-se sobre o que é uma imagem seria ainda ignorar que a imagem tende a se disseminar, declinar-se dela mesma em formas plurais, se desmultiplicar (...)”. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa não é analisar cada imagem na íntegra, em busca de um único significado, mas sim refletir junto aos docentes o porquê delas estarem ali, numa rede social, sendo visualizada por vários seguidores.

Mitchell, no artigo<sup>23</sup> “O que as imagens realmente querem”, traz uma reflexão um tanto instigante sobre “deslocar o desejo para as próprias imagens e perguntar o que elas querem” (2017, p.165). Porque, para ele, elas também podem não querer dizer nada! Após a leitura desse artigo, me propus a não lançar nenhum olhar cartesiano, precipitado, às imagens, na euforia de interpretá-las, mas sim contemplá-las nos perfis seguidos e pensar junto aos professores o que elas revelam naquele tempo-espço.

Santaella (2015, p.16), no artigo “Uma imagem é uma imagem, é uma imagem, é uma imagem”, lida com as multiplicidades de informações que as imagens carregam, afirmando que “é preciso transitar entre o visível e o legível, aquilo que, na imagem, se deixa ver e ler”. Pensando nas imagens nas redes sociais, a autora as chama de “imagens híbridas (p.14)” que se misturam entre o visual, o sonoro e o verbal. E debruçada ainda em Santaella (2015), recorro para alinhar o universo da imagem sem comprometer toda a história visual que nos constitui; reconhecendo as infinitas possibilidades de significados.

O caminho aqui apresentado é o resultado de conversas via o aplicativo de mensagens WhatsApp, de análises de perfis das professoras no *Instagram* e nas imagens que elas compartilham nesse espaço. Tratarei de questões que vão desde a escolha dos sujeitos e da metodologia, que perpassa por um caminho construído baseado na Conversa - uma possibilidade de dar voz aos sujeitos - tendo a interface digital como recurso.

Junto à conversa como metodologia de pesquisa, busquei aportes teóricos bibliográficos que tratassem da questão da cultura digital e da web 2.0, entendendo que é um novo e atual espaço, da cultura visual, do Instagram, da alteridade docente e das imagens enquanto possibilidade de construir narrativas.

Fazendo uma analogia aos álbuns de família, vejo o quanto essa prática é antiga. Sempre houve um desejo em registrar, guardar e rememorar imagens, no caso fotográficas, de reunir-se na sala para rever álbuns, que também era uma prática durante minha infância e adolescência. Quando comecei a armazenar as minhas imagens no computador, com a chegada da câmera digital, elas eram “só minhas”. A partir das redes sociais, a primeira em que comecei a compartilhar imagens foi o Orkut, depois o Facebook, até chegar no Instagram, e então começaram a se tornar públicas – ainda que eu restringisse para um grupo limitado de pessoas. Era a possibilidade do meu álbum,

---

<sup>23</sup> In *Pensar a imagem*, organizado por Emmanuel Alloa e traduzido por Carla Rodrigues, Fernando Fragozo, Alice Serra e Mariana Poyares.

das minhas imagens, ser visto por um grupo bem maior daquele que frequentaria minha casa para folhear as páginas. Hoje, qualquer um pode “ter” a sua foto fazendo *upload* e salvando-a em seu dispositivo. Uma prática para refletir sobre a relação do público e do privado.

A escolha dos docentes foi feita, inicialmente, a partir dos meus seguidores, observando a regularidade e frequência de postagem. Ser professor da Educação Básica em efetivo exercício, e atuante nas Redes Municipais do Rio de Janeiro ou Duque de Caxias (onde eu atuo), estabeleci um mínimo de 100 postagens, acreditando ser uma boa quantidade para análise.

Após delimitar o perfil dos professores que terão seus perfis de Instagram seguidos para a pesquisa, fiz o primeiro contato/convite pelo direct (recurso de mensagens privadas do Instagram) convidando-os. Das sete professoras participantes, apenas uma pediu para usar um codinome; as demais citaremos seus nomes, bem como seus perfis reais da rede social. Convite aceito, lancei a proposta de que conversaríamos sobre o Instagram. Antes de iniciar a conversa de fato, comecei observando os perfis, desde a primeira imagem postada até os dias atuais, traçando um perfil das imagens publicadas.

Ao refinar a pesquisa, cheguei às sete professoras dispostas a participar, que possuíam uma trajetória lecionando e que hoje estão ocupando outros espaços dentro da escola, ou em outros órgãos da Educação (Secretaria Municipal de Educação ou CRE-Coordenadoria Regional de Educação). Eu achei de grande valia caminhar com elas, acreditando no quanto essas experiências potencializarão a discussão, uma vez que são PROFESSORAS!!! Sendo assim, acho importante reconhecer essas atuações, entendendo que o fazer docente não se restringe à sala de aula somente.

É importante destacar que o objetivo dessa pesquisa não é analisar como os professores utilizam as TIC's e as Redes Sociais em sala de aula, porque esse universo eu vivencio, e sei que encontramos duas vertentes: de um lado, os que utilizam esses recursos para potencializar as aulas, promover debates e discussões – ainda que encontrando problemas estruturais na escola, tais como falta de aparelhos de retroprojeção, internet; e de outro, muitas interfaces são usadas tradicionalmente, num formato e lógica que não dialoga com os usos que o aluno faz aqui fora.

Com isso, podemos dizer que as conversas quando, de fato, acontecem, teriam essa potência de colocar sob suspeita nossos clichês-opiniões-verdades, empurrando-nos para os limites de nossas crenças-valores, ao nos

forçar a pensar com outras referências os acontecimentos vividos nos cotidianos de nossas vidas. É como se estivéssemos, durante as nossas conversas, vivendo, sempre, questões que insurgem em meio às linhas de multiplicidade que nos compõem (Alves Ferrazo, 2018, p.58)

Portanto, minha intenção é refletir com o professor sobre sua atuação nessa rede em que outros personagens do contexto escolar também fazem parte, sobre como essa experiência os atravessa, pensando com eles e não para ou através deles (Alves, Ferrazo, 2018). Trago Larrosa (2011) para pensar experiência:

Não há experiência, portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, que está fora de mim mesmo, que não pertence ao meu lugar, que não está no lugar que lhe dou, que está fora de lugar.” (p.6)

Para Alves e Ferrazo (2018), “a conversa só faz sentido se estivermos propensos a questionar e, sempre que necessário, abandonar os tradicionais modelos de análise da “realidade”, na maioria das vezes traduzidos em categorias formatadas-agendadas em nossos projetos”(p.52).

Combinamos de tecer as conversas no WhatsApp - um aplicativo para trocas de mensagens e conversas - com cada uma, individualmente. De uma forma geral, as conversas versavam sobre a configuração da rede social, no que diz respeito a ser público ou privado. Nesse último caso, dependendo de autorização para seguir, pois levava a identificar quais são as redes e as interações: seguidores e seguidos. O que as motiva a seguir determinada página, pessoa, marca ou produto e o contrário também. Perguntas como: Como concebe essa prática de publicar usando imagens? Que imagens são essas? São próprias ou cocriadas? Quais critérios para a escolha delas? Há possibilidade de protagonismo frente a essas interfaces? Estar nesse rede de alguma forma modifica o seu fazer docente?

Os perfis foram analisados de janeiro a julho de 2019, e a seguir, no quadro 1, podemos observar as marcações temporais de visualizações. Em sete meses de análise, tabulei os dados entre a primeira postagem, a quantidade de publicações e seguidores, com a intenção de observar se os números sofreram alguma alteração durante o percurso.

A primeira postagem foi destacada para analisar quais imagens deram o “start” no uso dessa rede. Vimos que, apesar de estarem num mesmo espaço, usando a mesma

interface, as imagens variam. Momentos singulares e subjetivos que nos permitem reconhecer como cada sujeito dá o tom ao seu perfil a fim de estabelecer comunicação.

Quadro 1. Frequência de publicações dos perfis

| Perfis | Primeira Postagem | Publicações Janeiro | Publicações Julho/2019 | Seguidores |     | Seguindo |      |
|--------|-------------------|---------------------|------------------------|------------|-----|----------|------|
|        |                   |                     |                        | jan        | jul | jan      | jul  |
| @prof1 | 19/04/2014        | 530                 | 614                    | 757        | 865 | 2.269    | 2728 |
| @prof2 | 20/01/2013        | 708                 | 753                    | 521        | 510 | 687      | 739  |
| @prof3 | 09/06/2012        | 1.239               | 1225                   | 589        | 570 | 530      | 531  |
| @prof4 | 27/05/2014        | 384                 | 393                    | 439        | 470 | 881      | 953  |
| @prof5 | 29/01/2016        | 132                 | 164                    | 567        | 607 | 619      | 704  |
| @prof6 | 02/08/2014        | 1.095               | 1154                   | 446        | 482 | 446      | 481  |
| @prof7 | 06/08/2017        | 865                 | 920                    | 441        | 457 | 218      | 237  |

Fonte: Elaborado pela autora

O aporte bibliográfico utilizado nessa pesquisa foi tabulado no quadro abaixo:

Quadro 2: Referencial Teórico

| Temas:             | Autores:                         |
|--------------------|----------------------------------|
| Cultura Visual     | Ricardo Campos, Servio, Mirzoeff |
| Imagens            | Lucia Santaella, Susan Sontag    |
| Instagram          | Manovich                         |
| Show do Eu         | Paula Sibia                      |
| Cultura Digital    | André Lemos e Pierre Levy        |
| Redes sociais      | Raquel Recuero                   |
| Alteridade docente | Paulo Freire, Larrosa, Skliar    |

Fonte: Elaborado pela autora

Ao perpassar pelos perfis analisados, é possível notar a congruência no que se referem às temáticas das postagens, afinal trata-se de uma rede criada para registrar o cotidiano. Porém, cada perfil traz uma nuance e narrativas singulares. Entendo que postar vá além de um ato mecânico, ainda que cada vez mais nos convençamos de que nossos corpos e modos de ser girem em torno dessa ação, como aborda Sibia (2016).

Pensando no verbo postar, não se trata de postar qualquer coisa, como numa frase que circula pelas redes “Postei e saí correndo!!!”. Eu posto por algum motivo, porque quero dizer algo sobre, porque quero que vejam, curtam, comentem, posto porque faço parte de uma rede, ou apenas para armazenar imagens?

Para Fernandes e Amorim (2017),

Ações “simples” como tirar uma foto, um ato em si já carregado com um extenso histórico de significações e desdobramentos desde a invenção da fotografia, parece transfigurar-se quando o clicar confunde-se com o postar e o momento capturado torna-se instantaneamente acessível a um continente de distância. (p.180)

Ao analisar os feeds dos professores escolhidos, fiz um recorte das postagens predominantes, e se as mesmas eram recorrentes. Como pesquisadora-seguidora (porque faço parte da rede deles, acompanhando, curtindo, comentando) realizo leituras feitas aqui a partir do que visualizei. O que está sendo registrado – as produções autorais – e replicado – referindo-me ao que é produzido por terceiros – e por fim, compartilhado.

## 2.2. #Sujeitosdapesquisa #quemsaoelas

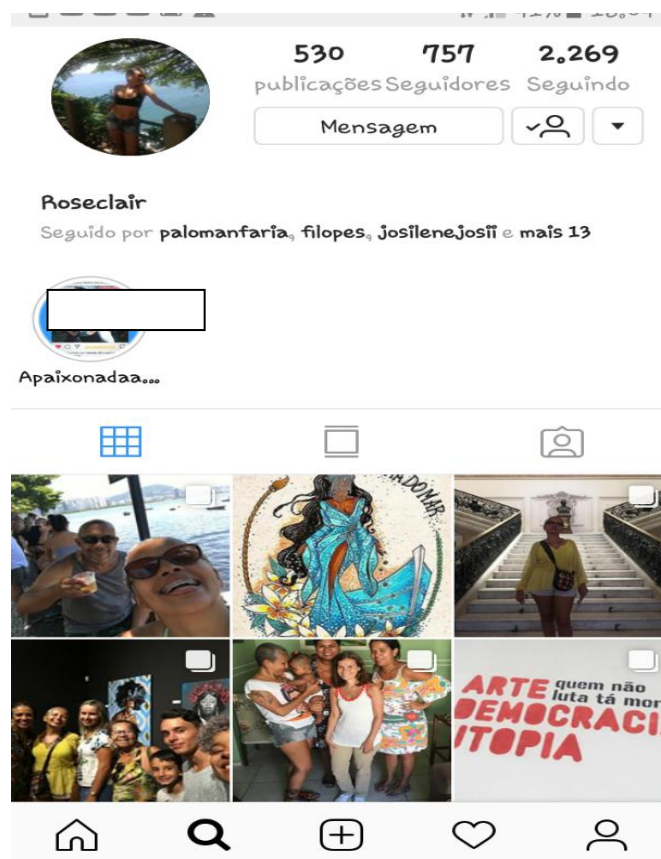
@prof1

Professora, 48 anos de idade e 28 anos de atuação na Educação, sendo 21 na Prefeitura de Duque de Caxias. Atua nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (PII), trabalhando na Escola Municipal Vila Operária, no Projeto GALE (Grupo de Apoio à Leitura e Escrita), com atendimento individualizado, ou três alunos, no máximo. Estes são escolhidos pela Equipe Diretiva e por professores, cumprindo os pré-requisitos: distorção série/idade e que ainda precisem consolidar a alfabetização. Formada em Pedagogia pela UERJ, com especialização em Orientação Educacional, e mestranda pela FEBF/UERJ na Linha de Pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Diferenças.

Na figura 10, destaco a página inicial de @clairleite, onde aparecem as postagens mais recentes, e, na figura 11, a foto da primeira publicação, em 29 de abril de 2014, na qual fez uma selfie com a legenda: “Bom dia!”, que foi curtida por 3 de seus seguidores. Em sua *timeline*, há mais de quinhentas publicações, que vão desde

imagens produzidas por ela – fotografias feitas – a partir de um dispositivo móvel, e imagens “prontas”, nas quais ela (co)cria, anexando legendas e *hashtags*<sup>24</sup>.

Figura 10. Perfil de @prof1



Fonte: Print da autora (2019)

<sup>24</sup> Hashtags são compostas pela palavra chave do assunto antecedida do símbolo cerquilha(#). As hashtags viram hiperlinks dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca. Fonte: Wikipédia <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>



Figura 11. Primeira postagem de @prof1



Fonte: Print da autora (2019)

Nas primeiras postagens, aparecem imagens relacionadas à participação em corridas, aulas de pilates e fotos com amigos e familiares. Seu perfil traz imagens que mostram seu engajamento político – imagens de manifestações, de causas que defende (com abordagens sobre discriminação racial, LGBTQI e oposição às ideias do governo atual). O amor por Frida Kahlo aparece em suas roupas e acessórios. Temas atuais, que remetem à Educação e aos Direitos Humanos aparecem em sua *timeline*, assim como participação em eventos, teatros, exposições.

@prof1 possui mais de 700 seguidores e segue mais de 2.000 páginas (pessoas ou marcas de produtos). Segue um excerto da conversa:

@prof1: Sigo pessoas como nós, pesquisadores, instituições diversas, tarólogos, religiosos e holistas, yoga, fotógrafos, pessoas que conheci em eventos acadêmicos. Sigo marcas que consumo e conheço os criadores (think blue e fridaflor por exemplo); nutricionistas, fitness, pesquisadores, professores (mestres e doutores), feministas, pessoas públicas (direitos humanos, lgbt, políticos) e sigo também veganos e moda em geral.

É possível ver que há uma alta frequência das postagens, e a partir da fala acima, uma variedade de pessoas/marcas que ela segue e consome, indo desde profissionais da educação, da saúde, a políticos, e pessoas públicas em geral.

@prof2

Professora, 42 anos, 16 anos atuando na Prefeitura de Duque de Caxias. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (PII), atuou até 2017 em turmas de Educação Infantil e na Sala de Leitura. Atualmente, encontra-se de licença para estudos até novembro de 2019. Graduada em Pedagogia pela UFF, especialista em Dificuldade de Aprendizagem, Cursa Psicopedagogia e Mestrado em Educação pela UNIRIO na linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Educação.

Nas figuras 12 e 13, destaco a *timeline de @prof2*, com as postagens mais recentes e a primeira, que é uma foto com os filhos (publicada em 20 de janeiro de 2013), uma foto sem legenda e que teve cinco curtidas. Possui mais de 700 publicações, que vão desde imagens produzidas por ela como selfies, fotos com a família, amigos, passeios, alunos; e fotos prontas, nas quais compartilha, num processo de cocriação, anexando legendas e hastags. É nítido em suas postagens sua atuação como docente, com imagens em eventos educacionais, em sala de aula e com alunos e seus ideais políticos e sociais, nas quais faz abordagens de posicionamento político e também com críticas ao governo atual.

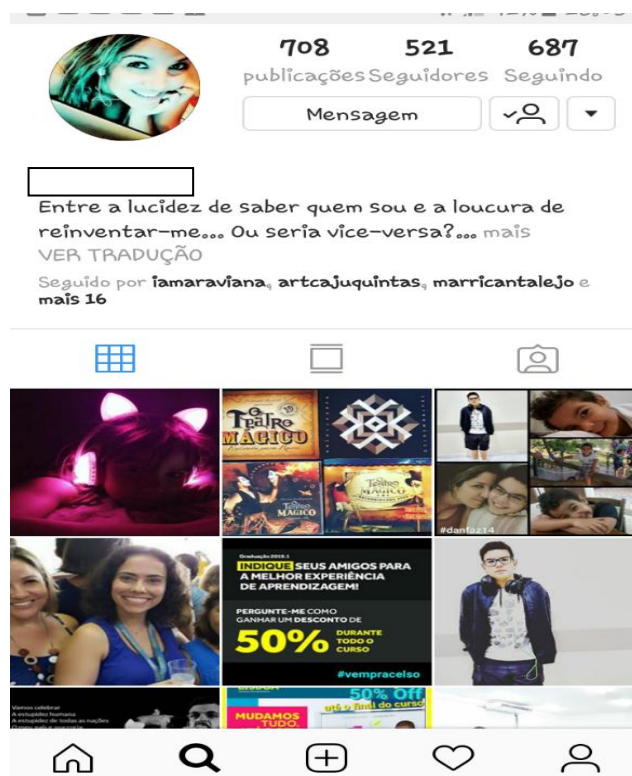


Figura 12. Perfil de @prof2

Fonte: Print da autora (2019)

Figura 13 : Primeira postagem de @prof2



Fonte: Print da autora (2019)

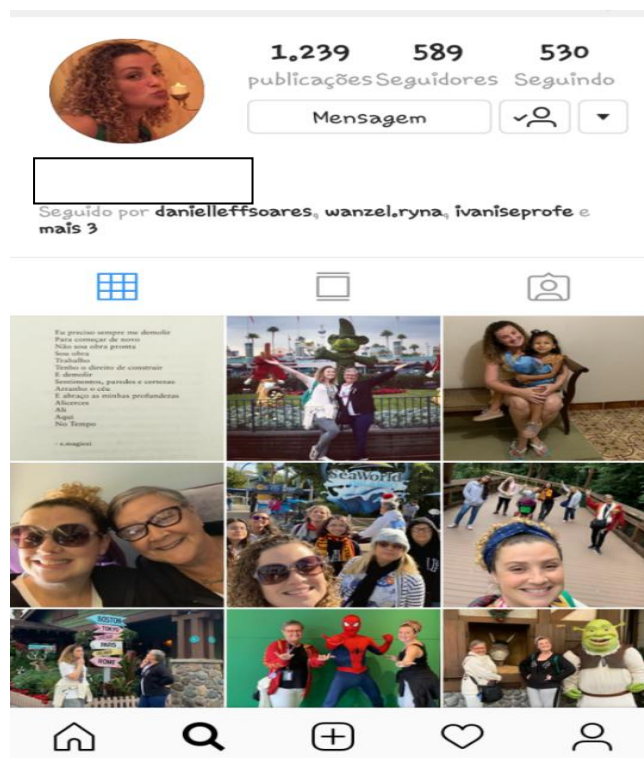
Possui mais de 500 seguidores e segue mais de 600 e segundo ela:

Sigo amigos e algumas páginas e personalidades que trazem informações que pra mim são interessantes, desde políticos, artistas que gosto, ativistas a entretenimento. Quem me segue em grande maioria são amigos ou conhecidos. Algumas páginas das que sigo me segue de volta, acredito que mais por educação. Uma espécie de cortesia RS. Ahh e quando vejo que postam coisas que me desagradam profundamente eu deixo de seguir e ainda bloqueio.

@prof3

36 anos, 18 anos na Prefeitura do Rio de Janeiro, atuou como regente até 2015, em turmas regulares e Classe Especial. Atualmente, é assistente I na Coordenadoria de Gestão de Projetos da Subsecretária de Gestão, da Secretaria de Educação. Graduada em Educação Física, pela Universidade Castelo Branco, e especialista em Dança na Educação, pela mesma universidade, e ainda, Atendimento Educacional Especializado, pela Universidade do Ceará.

Figura 14. Perfil de @prof3



Fonte: Print da autora (2019)



Figura 15. Primeira postagem de @prof3

Fonte: Print da autora (2019) ,

A primeira postagem de @prof3 foi 9 de junho de 2012 com a legenda: “Que frio!!!”, na qual ela posta uma foto dos próprios pés, com meias coloridas, e foi curtida

por um seguidor. Desde então, foram mais de mil publicações, a maioria de autoria própria: viagens, participações em eventos, indicações de livros, fotos com familiares e amigos. Possui mais de 500 seguidores e seguidos dentre eles:

Meu perfil é privado e só aceito realmente quem eu conheço. No face ainda aceito alunos e tal, no insta nem isso. Sigo amigos, alguns perfis sobre educação, Fundação Lemman, alguns perfis de figuras públicas como o Leandro Karnal, Mario Sergio Cortella, Padre Fábio de Melo... mas em maior parte amigos.

@prof4

34 anos, 15 anos de Prefeitura de São João de Meriti, e 10 anos de Prefeitura do Rio de Janeiro. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atuava na Educação de Jovens e Adultos (RJ), atualmente está permutada em São João de Meriti, onde atua como Assessora Técnica da Subsecretaria de Planejamento Educacional. Graduada em Ciências Biológicas pela UVA, especialista em Administração, Supervisão e Orientação Educacional (UNIPLI), em Políticas Públicas, Projetos e Espaços Escolares (UFRJ), MBA em Gestão Municipal (UNYLEYA) e Mestranda em Políticas Públicas em Educação (UFRJ).

Figura 16. Perfil de @prof4 /Fonte: Print da autora (2019)

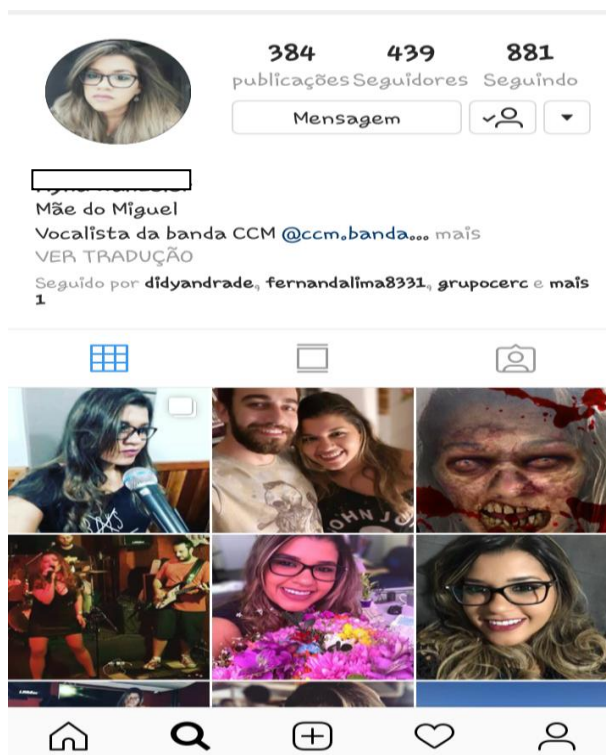


Figura 17. Postagem de @prof4

Fonte: Print da autora (2019)



A primeira postagem foi da própria mão com um anel, publicada no dia 27 de maio de 2014, com 5 curtidas e a legenda: *“Causando com Catherine Longo. @tatiarrigoni não consigo mai viver sem meu anel perfeito! Seu perfil tem mais 300 publicações, onde é possível ver imagens de autoria própria, como selfies, fotos de passeios e lugares que estive e fotos com familiares. É possível, em seu feed, reconhecer que faz parte de uma banda de rock, na qual atua como cantora. Sobre seguidores e seguidos ela responde que:*

*@prof4: Sigo amigos pessoais e de trabalho... algumas influencers de moda, maquiagens... algumas lojas e perfis motivacionais. Seguidores: amigos pessoais e de trabalho em maioria. Aceito amigos, conhecidos, colegas de trabalho... Alunos aceito poucos... alguns.*

@prof5

Trabalha na Prefeitura de Mesquita, desde 2011, na função de Orientadora Educacional (PI); e na Prefeitura de Duque de Caxias, desde 2016, como Especialista Orientadora Pedagógica (Professor I, igualmente). Graduada em Pedagogia, pela UERJ-FEBF, e Mestranda em Educação, pela UNIRIO, na linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Educação.



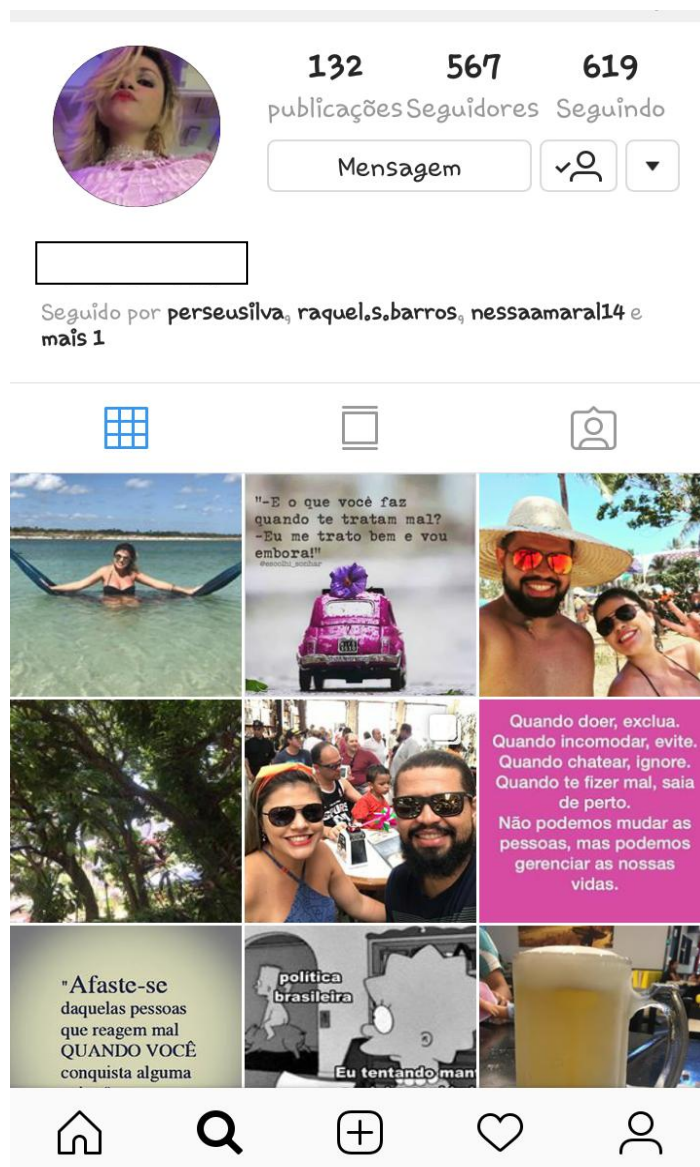


Figura 18. Perfil de @prof5

Fonte: Print da autora (2019)

A primeira postagem de @prof5 foi uma selfie diante do espelho, publicada dia 29 de janeiro de 2016, com 9 curtidas e a legenda: *“Aniver da melhor! Amo mais que chocolate!!!”*. Possui mais de 100 publicações, dentre elas fotos próprias de viagens e passeios, eventos, selfies - com amigos e familiares - e imagens de terceiros, como memes e frases de autoajuda, as quais num processo de co-criação insere legendas e hastags. Possui mais de 500 seguidores e segue mais de 600 perfis.

Aceito que me sigam amigos, conhecidos, colegas de trabalho. Alunos e desconhecidos não. Só aceito alguns poucos alunos.” Sigo as pessoas do meu círculo de amizades, blogueiras que dão dicas sobre cabelo, maquiagem, roupas, viagem e assuntos que eu considere interessante.”

Figura 19. Primeira postagem de @prof5



Fonte: Print da autora (2019)

@prof6

51 anos, com experiência de 25 anos na Prefeitura do Rio de Janeiro. Atuou como professora de Português, Inglês, Literaturas Portuguesa, Brasileira e Literatura Inglesa; foi dinamizadora da Sala de Leitura, Coordenadora Pedagógica, Diretora geral e Integrante da Equipe de Gerência de Leitura e Audiovisual, na SME-RJ. MBA em Gestão de Pessoas, pela FGV, e mestranda em Patrimônio Cultural pelo IPHAN. Atualmente é integrante da Equipe de Gerência da Educação, da 6ª Coordenadoria Regional de Educação.



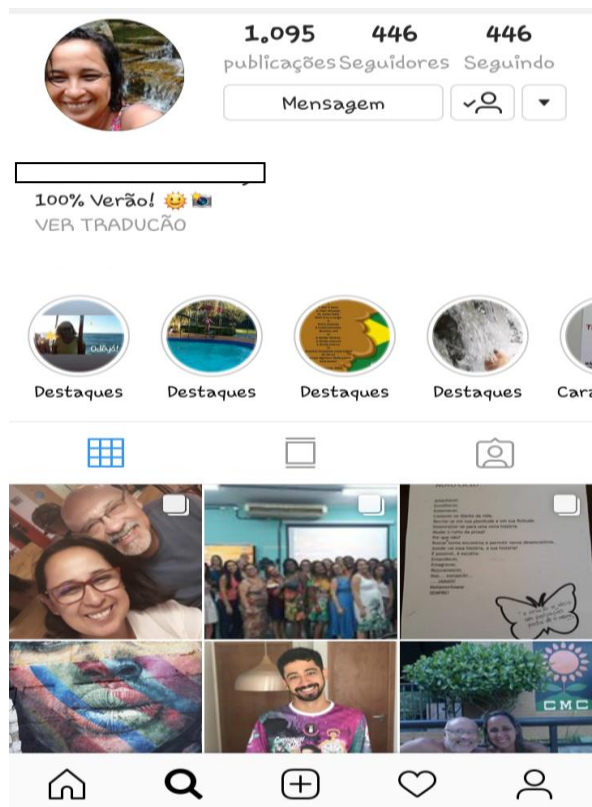


Figura 20. Perfil @prof6

Fonte: Print da autora (2019)



Figura 21. Primeira postagem de @prof6

Fonte: Print da autora (2019)

A primeira publicação de @prof6 foi de um vaso com flores com a legenda: “Flores para alegrar o sábado!”, na qual teve 5 curtidas. Possui mais de 1.000 publicações, dentre elas imagens próprias, nas quais publica fotos de trabalho, reuniões, eventos educacionais e também alguns momentos com familiares. Trata-se de um “portfólio de trabalho”, onde posta ações realizadas do seu fazer docente, e que envolve literatura, infância, textos, poesias, fotos de visitas às escolas. Possui mais de 400 seguidores e segue, atualmente, 446 perfis, dentre os quais ela detalha: “Sigo pessoas e corporações ligadas a patrimônio educação, arte, fotografia, cinema, literatura. Quando estou interessada em viagens sigo algumas agências(...)”.

@prof7

36 anos, possui Curso Normal e Licenciatura em Matemática; Mestrado em Ensino, pelo CAP UERJ, e 18 anos de Município como PII (Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental). Atualmente, é professora de 1º e 3º anos do Ciclo de Alfabetização, mas já atuou da Educação Infantil ao 5º ano, PEJA e Sala de Leitura.

Figura 22. Perfil @prof7

Fonte: Print da autora (2019)

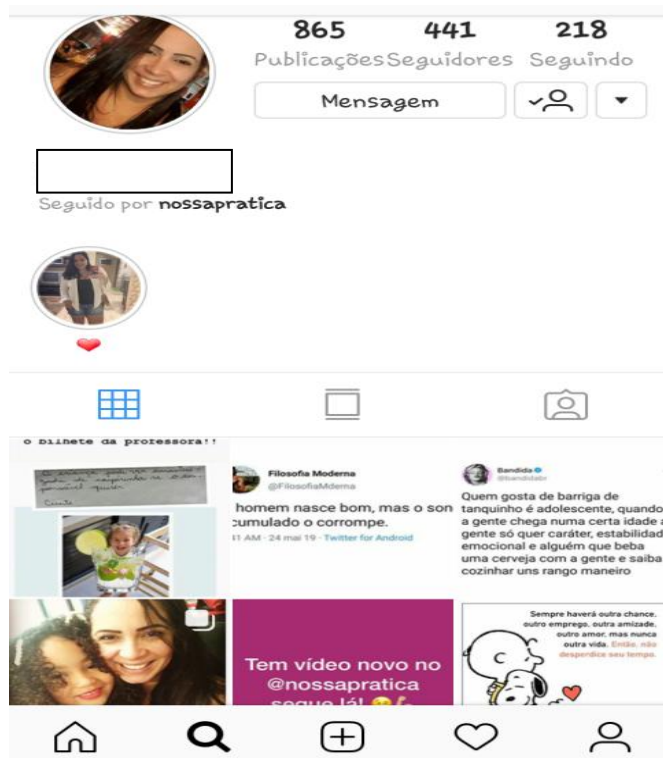


Figura 23. Primeira postagem de @prof7

Fonte: Print da autora (2019)



A primeira postagem de @prof7 foi dia 6 de agosto de 2017, com 20 curtidas e a legenda: “*Bota a cara no sol, mona!*”. Ela traz em seu feed mais de 800 imagens próprias e também de terceiros; retratam passeios realizados, viagens, posicionamento político e seu fazer docente. Possui o Instagram fechado, com mais de 400 seguidores e segue 218 perfis. Rose demonstra preocupação em anunciar: “Amigos e famílias! Meu Instagram é fechado!”

Como vimos, os feeds trazem imagens próprias e imagens replicadas, processos de cocriação com legendas e hastags, dando uma configuração pessoal à essas. O uso de selfies é comum em todos os perfis, assim como o uso de memes, também. Fotos com familiares e amigos e fotos de viagens marcam presenças nos feeds analisados; o fazer docente aparece na maioria deles assim como o engajamento político.

No próximo capítulo, analisarei imagens compartilhadas nos feeds, subcapituladas por temas. Em cada um deles, comentadas junto do aporte teórico.

### CAPITULO 3: IMAGENS NO INSTAGRAM DAS PROFESSORAS

*Usando de metáfora, meu Insta é uma colmeia, eu, a abelha, rainha, ali, no meio de todos, protegida, mas soberana, acompanhando os passos, lado a lado de meus parceiros de ideias e realizações. E nesse sentido ser a abelha rainha significa deixar entrar na colmeia o mais puro néctar das flores. É essa a metáfora do meu Insta. Estão lá as mais lindas e cheirosas flores (pessoas), para que a vida seja apreciada e não maltratada. Já me perguntaram: -Poxa, você só coloca coisa boa na rede social, tá sempre feliz? E a minha resposta é única. Ninguém vai querer pagar minhas contas e consertar minhas mazelas(...)" (@prof6)*

Nesse capítulo, busco apresentar e analisar as imagens postadas pelas professoras em suas redes, e as possibilidades de traçar o perfil de cada uma delas a partir das imagens de suas *timelines*<sup>25</sup>. Como já citado anteriormente, o *Instagram* é uma rede social de compartilhamento de imagens, cujo objetivo é registrar o instante vivido. Apesar de ser uma rede social de compartilhamento de imagens, não são quaisquer imagens, mas sim uma seleção que irão revelar gostos, crenças, desejos, projetos, visão política, etc.

Sendo assim, cada perfil tem uma marca singular em cada página dessa rede. Então, o que leva um usuário a fazer parte dessa rede social, o que o instiga a registrar o instante? Seria possível narrar a partir de imagens o que de fato nos constitui? Como seus próprios gostos, desejos, subjetividades, cotidianos, fazeres, crenças, são representados sob uma ótica icônica?

A fala acima de @prof6 deixa explícito que em sua *timeline* não aparecerão mazelas ou tristezas, que irá optar capturar, (co)criar e publicar o belo. Ao comparar a rede social a uma colmeia, ela traz a metáfora da coletividade e o impacto das ações (co)criadas com seus pares. Fazendo uma analogia à vida das abelhas, que são insetos sociais vivendo em castas organizadas e com funções definidas, a abelha rainha – cujo função é reprodutiva no ciclo - traduz potência e propriedade de sua *timeline* tecer narrativas com seus pares, legitimando o seu poder dentro de sua rede social. Fato que aparece na escolha das postagens e na preferência em narrar quaisquer acontecimentos sob uma ótica do belo

---

<sup>25</sup> Timeline traduzindo significa linha do tempo e representa nas redes sociais o modo como aparecerá as postagens feitas pelos usuários. As postagens aparecem no perfil por ordem cronológica de postagens, onde as mais recentes aparecem primeiro.

### 3.1 #selfies

A prática de fotografar-se e de postar nas redes sociais virou uma ação corriqueira nos feeds do Instagram. Seja no restaurante, numa viagem, em um ponto turístico, em festas, hospitais e diversos espaços, o clique do autorretrato é feito. O que a prática de fazer esse tipo de registro revela? Por que tanto interesse nesse modo de fotografar? Qual o sentido de narrar uma história ou acontecimento a partir da própria imagem?

Torezani (2018, p.60) enfatiza que “a fotografia surgiu como uma possibilidade de representação da realidade, e assim, o autorretrato passou a fazer parte do processo de construção de identidade das pessoas”. Em todos os perfis dos professores analisados, é predominante o uso de selfies<sup>26</sup>, essa prática cresceu vertiginosamente, ganhando predominância nas redes sociais. “Selfie foi escolhida a palavra do ano em 2013, pelo Oxford Dictionaries *On-line* como “sendo a expressão e instrumento de popularização do ato de fotografar-se” (Galindo, 2014, p.4).

Ao longo do tempo, foram surgindo artefatos que possibilitaram um refinamento dessa prática de fotografar-se: dispositivos móveis (câmeras e smartphones) com câmera frontal, o pau de selfie<sup>27</sup> e, na variedade de filtros que permitem ajustes das imagens até à “foto legal”, citada por @wanzel.ryna, em uma de nossas conversas. Chegou o fim da espera ansiosa pelo filme revelado, para saber de fato se a foto saiu legal! A possibilidade de fazer fotos próprias e poder ajustá-las em tempo real pode ser feita por qualquer amador, desde que tenha em mãos os artefatos citados acima. Torezani (2018, p.77) traz, em sua tese, que a prática de se auto fotografar configura-se uma prática antiga.

Em 191 anos de produção fotográfica, considerando a data de 1826 da imagem feita por Niépce, tem-se um inventário da escala de criação dos registros em que o autorretrato sempre esteve presente. Se no século XIX o *carte de visite* era uma peça importante de se ter a imagem de alguém com a mensagem no verso, o século XX é atravessado por inúmeras experiências em que o corpo aparece de diferentes modos (no jornalismo, na arte, na publicidade, na elaboração documental) e chega ao século XXI com a experiência da *selfie*, em que, além de mostrar a si próprio, este gênero demonstra o local e a atividade das pessoas.

<sup>26</sup> Selfie é uma palavra em inglês, um neologismo do termo self-portrait, que significa autorretrato.

<sup>27</sup> Pau de selfie é uma haste estensora, que possibilita fazer selfies com um ângulo maior, permitindo um campo maior de captura.



Figura 24. Selfie de @prof7

Fonte: Print da autora (2019)



Figura 25. Selfie de @prof1

Fonte: Print da autora (2019)





Figura 26. Selfie de @prof5

Fonte: Print da autora (2019)



Figura 27. Selfie de @prof4

Fonte: Print da autora (2019)

Reconhecendo que há uma linha do tempo da história da fotografia, é importante ressaltar que hoje há uma nova configuração nessa prática, visto que ela ganha uma visibilidade maior ao ser postada, indo além do simples registro. Para Torezani (2018, p.15) selfie “é a imagem que a pessoa faz de si, como uma certificação de presença no local do acontecimento, já que o que interessa não é apenas registrar, mas participar do fato e dividir as informações, afetos e vivências que ocorrem”.

Sibilia (2016) reflete sobre esses registros atuais, ainda que

embora o que acontece hoje em dia finque suas raízes naquele universo do passado que, de algum modo, ainda nos constitui, num trajeto cuja genealogia pode ser cartografada, trata-se de regimes de vida bem diferentes, que obedecem a projeto de mundo cada vez mais distantes. (p.346)

Para a autora, a prática de fotografar – apesar de ter origem há tempos atrás – não pode ser comparada às práticas de hoje, pois são dois universos diferentes que correspondem a um modo de vida histórico. Ela destaca que nossos corpos se tornaram compatíveis com esses dispositivos e que são característicos da subjetividade contemporânea. Para a autora “as tecnologias foram inventadas para dar vazão aos novos modos de vida” (2016, p.33).



Figura 28. Selfie de @prof2



Fonte: Print da autora (2019)



Figura 29. Selfie de @prof6

Fonte: Print da autora (2019)

No *Instagram*, algumas imagens de si vêm acompanhadas de legendas; nesse contexto, narrar utilizando selfies sugere formas rápidas, fluidas e performáticas de comunicação, que atendem a determinado grupo social e a determinado momento.

As plataformas digitais permitem uma constante atualização da imagem das pessoas, não há uma única imagem, mas registros efêmeros, numa *performance* da situação. E isso faz refletir, pela teatralização e pela representação do real, o que de fato é a fotografia. (Torezani, 2018, p.65)

Seria a selfie uma forma performática? Uma teatralização do momento vivido? Hoje, a selfie é corriqueira e atravessada por questões para além do eu, muitas vezes retratando o ser/estar no mundo contemporâneo. Sibília (2016) traz a questão da privacidade e “como a curiosidade despertada pela vida cotidiana das pessoas consideradas comuns tem aumentado muito nos últimos anos” (p.87). Sendo assim, a produção em larga escala tem um público de interesse, e ao postar uma imagem e ter a visibilidade convertida em curtidas e comentários, reflete uma aceitação da sua performance/da sua história narrada.

Figura 30. Selfie de @prof3



Fonte: Print da autora (2019)

Na figura 24, @prof7 tem uma foto sua, de frente para o espelho, com a legenda: “Gabi fez 3. Titia é muito apaixonada”; na figura 25, @prof1 traz uma selfie como o marido e a legenda traz a figurinha de dois corações; na figura 26, @prof5 traz uma selfie com a legenda: “Vivendo” e algumas hashtags: #fe #goodvibes #selfie #eu;

Na figura 27, @prof4 traz uma selfie com a legenda: “Remember what you’re staring at is me” cuja tradução significa: “Lembre que o que você está olhando sou eu”; na figura 28, @prof2 posta uma selfie com a família trazendo a legenda: “Familia, presente!”.

Na figura 29, @prof6 traz uma foto com o marido e a legenda: “Dispensa legenda” com hashtags: #liveandlove #loveandlive; na figura 30, @prof3 traz uma selfie com a legenda: “Prazer, meu segundo eu! Substituta perfeita. #AlterEgo #RuthRaquel”. Em todas as selfies destacadas, há uma legenda e algumas fazem uso das hashtags; interessante atentar para esse recurso junto à imagem e legenda, compondo uma narrativa. Há umas com as professoras sozinhas, acompanhadas, e não há destaque para o local, mas sim para a imagem bem enquadrada no eu, ou nas pessoas que estão na foto.

Para Torezani (2018, p.65) “o autorretrato retorna, nas redes sociais, como grande enunciação do sujeito através da imagem. Não que este tipo de imagem tenha sido deixado de lado, mas abarca novas concepções de se colocar perante o mundo”.

Quais identidades as imagens destacadas revelam? Será possível, a partir de um feed de imagens, construir uma identidade na rede? Para Campos (2010),

a identidade pessoal e cultural é alimentada permanentemente por significados provenientes de textos e agentes que amparam uma ordem ontológica delimitadas, situando indivíduo e os grupos em sociedade. É nesse circuito que tanto a identidade como a representação se vão mutuamente enredando e metamorfoseando. (p.119)

Hoje, a selfie encontrou um espaço (rede social) e dispositivos (câmeras, pau de selfie) que facilitam e um grupo de usuários aderirem ao seu uso, e a essa forma de representação. O que nos faz pensar no quanto ela atende às demandas atuais. No entanto, Sibilia (2016) também chama a atenção para o uso das selfies, vivida na atualidade, que se transforma num “Show do Eu”, um aumento da visibilidade de todos. Esse contexto é trazido pela autora para nos fazer pensar na formação da subjetividade atual, a partir da extimidade, uma intimidade agora pública e, não mais apenas íntima. Seria a prática do selfie um modo novo de ser e se tornar sujeito no mundo atual? O que esse modo de ampliação das visibilidades nos diz sobre o nosso tempo e sobre como os sujeitos se constroem para a selfie? São questões que não temos respostas, refletimos: como as professoras que se constituem sujeitos pelas selfies e talvez por outras postagens, que traremos adiante para reflexão?

### **3.2. #posicionamento político #defesa de causas sociais #memes**

Frases e imagens que retratam um posicionamento político ou defesa de uma causa aparecem em cinco dos sete perfis analisados. Pensando a partir de Castells, em *Redes de Indignação e Esperança* (2013), essas imagens podem ser consideradas disparadores de movimentos sociais, que vem crescendo a partir da mobilização das redes sociais. “Os movimentos espalham-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias” (p.7).

Os destaques abaixo refletem um posicionamento e nos fazem refletir sobre a militância das professoras nas redes, muito criticada por pessoas que não vão às ruas em manifestações. No entanto, sabemos que parte dessas professoras se manifestam presencialmente, também, e seria justo questionar se o posicionamento virtual não ser um posicionamento legítimo. Seria a rede social um lugar privilegiado, embrionário, de ideias e compartilhamentos entre pares? Vejamos algumas imagens.



Figura 31. Dia Internacional contra a homofobia

Fonte: Print da autora (2019)



Figura 32. Balbúrdia

Fonte: Print da autora (2019)

A figura 31, de @prof1, traz uma imagem emblemática, postada no dia 17 de maio de 2019, sobre o Dia Internacional contra a Homofobia. A imagem de uma mão com punhos cerrados com cores da bandeira LGBTQIA+ e os dizeres: “Você não precisa ser gay para lutar contra a homofobia”. Ao postar a foto, ela legenda: “Precisa desenhar? E o mesmo vale para a luta contra o racismo, o machismo e o feminicídio”.

Na figura 32, @prof3 traz a definição do termo “ Balburdia”, em crítica à fala do Ministro da Educação, Abraham Weintraub, sobre as Universidades Públicas que promovessem balbúrdias teriam seus recursos contingenciados<sup>28</sup>.

Na figura 33, @prof7 traz uma selfie postada no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, com a deputada Marielle Franco, morta criminosamente, em 14 de março de 2018, com a legenda: “8 de março - Dia de Luta! #mariellepresente”. Marielle foi socióloga, política, feminista e defensora dos direitos humanos. A foto postada justamente no Dia Internacional da Mulher reflete o reconhecimento de toda a trajetória, e a hashtag #mariellepresente que se tornou socialmente uma forma de homenageá-la, com a fala que era sua a cada discurso.

Figura 33. Dia da mulher com Mariele Franco



Fonte: Print da autora (2019)

<sup>28</sup> <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>



Figura 34. Movimento #elenao

Fonte: Print da autora (2019)

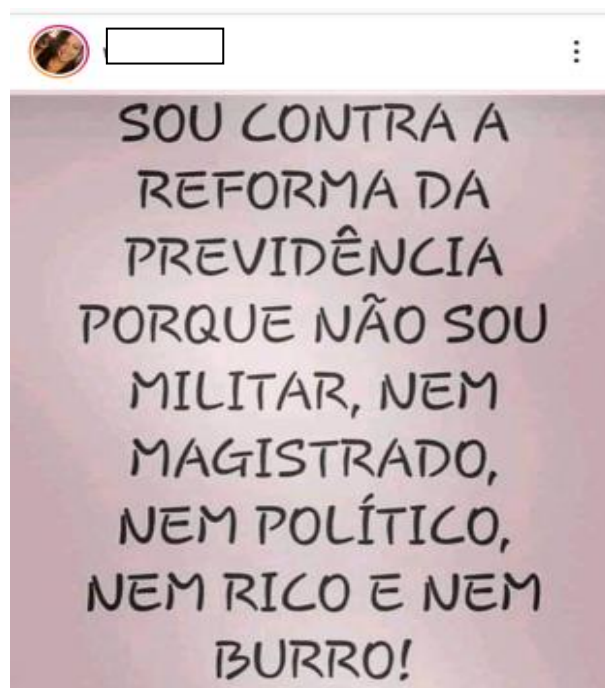


Figura 35. Mafalda

Fonte: Print da autora (2019)



Figura 36. Reforma da previdência



Fonte: Print da autora (2019)

As figuras 34, de @prof2 e 35, de @prof1 trazem a questão das mulheres se unirem contra o atual presidente Jair Bolsonaro. Uma manifestação, em referência à fala do então candidato à Presidência, na qual depreciava as mulheres. Na figura 34, a hashtag #elenao estampa a publicação na qual @prof2 legenda: “#elenao #mulheres unidas e demais pessoas de bom senso também”. Na figura 35, a personagem Mafalda segura uma placa com os dizeres “Mulheres unidas contra o coiso” e a legenda #elenao.

@prof7, na figura 36, compartilha a frase contra a reforma da Previdência Social, proposta pelo atual governo, na qual ela usa a legenda “tá okay” replicando a expressão constantemente usada pelo Presidente.

Algumas das figuras citadas acima retratam uma visão contrária ao governo vigente e configuram um direito de exercer a cidadania e expor suas opiniões. Pensando numa rede social de dimensão mundial como o *Instagram*, a militância nas redes colabora para legitimar interculturalidades, estreitar laços e fortalecer as lutas sociais. Nesse contexto, as redes com as postagens dessas professoras mostram-se territórios híbridos, compostos por diversos saberes e subjetividades, que desfocam o monopólio dos detentores do poder da comunicação, como afirma Castells (2013):

A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação. (p.13)

A autonomia da comunicação, destacada, nos remete à liberdade de fala, e à rede como lugar no qual há possibilidade de se exercer protagonismo, em seu *feed*, e de visibilizar essa fala.

As professoras @prof4 e @prof6 não apresentam postagens de cunho político e abaixo trago as falas que revelam essa postura:

Não exerço militância nas redes. Elas podem ser uma forma de refletir e dialogar, mas não faço uso no momento. @prof5

Não posto nada de política, religião ou futebol. Normalmente assuntos polêmicos trato pela literatura ou frases de tom geral que podem levar a uma reflexão específica. @prof6

Junto à essas imagens, outra forma de narrar que surgiu nas postagens, com frequência, que vem ganhando espaço nas redes, os memes<sup>29</sup>. Vemos que também pelos memes o posicionamento político ocorre, ou mesmo, outras situações de posicionamento social de que os postam. No artigo: O Fenômeno dos Memes, Ton Torres diz que eles são “no contexto da internet, uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico, que pode ou não ser acompanhado por uma imagem ou vídeo, e que é intensamente compartilhada por usuários das mídias sociais” (2016, p.60). Fato que esse tipo de mensagem caiu no gosto dos usuários das redes, e a possibilidade de criá-los usando recursos digitais vem aumentando em larga escala essas produções. O que essas produções revelam? Por que viraliza tão rápido esse tipo de postagem? É possível, a partir delas, traçar uma narrativa?

---

<sup>29</sup> O termo foi cunhado pelo zoólogo Richard Dawkins, meme seria “uma unidade de transmissão cultural, ou de imitação”, ou seja, tudo aquilo que transmite através da repetição, como hábitos e costumes dentro de uma determinada cultura. Adaptado para a internet, especialmente para as redes sociais, o conceito de meme passa a ser uma “unidade” propagada ou transmitida através da repetição e imitação, de usuário para usuário ou de grupo para grupo. O Fenômeno dos Memes – Ton Torres Disponível em [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252016000300018](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018)





Figura 37. Meme do Chapolin

Fonte: Print da autora (2019)

Figura 38. Meme do vilão Darth Vader



Fonte: Print da autora (2019)

Na figura 37, @prof3 traz o meme do herói atrapalhado Chapolin Colorado e uma sátira ao ano “difícil”. Na figura 38, @prof4 compartilha o meme do vilão Darth Vader, de Jornada das Estrelas, e a frase “ Não é o mais forte nem mais inteligente que sobrevive, é o mais de boas”, na qual ela legenda: “Desde que decidi ser deboísta a vida é ôtra”; um neologismo que circula pela internet.

Na figura 39, @prof2 traz o ex-presidente Michel Temer e o Vilão Vingador justificando a semelhança entre ambos, após uma foto tirada em que o logo do partido se assemelha a um adereço usado pelo vilão do desenho animado. Nesse caso, a posição do ex-presidente na foto com o símbolo ao fundo e com a legenda: “Gente...o que comentar?”. Na figura 40, @prof7 traz uma sátira ao termo “Namastê” usando Nãoomastê... o Ele Não que vive em mim saúda o Ele Não que vive em você...;

Na figura 41, @prof1 segue o mesmo pensamento, trazendo uma crítica ao governo Temer; em seguida, na figura 42, de @prof5, um meme com a atriz Renata Sorrah, que ficou conhecida como a rainha dos memes, e a frase: “Que cor de roupa eu devo usar no Reveillon para conseguir escrever artigos? Ela completa o meme com a legenda: “E a dissertação? Será que branco ajuda? Kkkkkkkkk #positividade #quememvimentiu #estudos #foconosestudos #happynewyear #otimismo # life.

Figura 39. Ex-presidente Michel Temer e o Vilão Vingador

Fonte: Print da autora (2019)



Figura 40. Namastemer



Fonte: Print da autora (2019)

Figura 41. Nãomastê



Fonte: Print da autora (2019)



Figura 42. Renata Sorrah

Fonte: Print da autora (2019)

Barreto (2015), em sua tese, traz a seguinte definição:

Uma das características dos memes de Internet é seu conteúdo multimodal, podendo ser replicado através de textos, imagens, vídeos e links nos mais diversos ambientes, como emails, weblogs, fóruns de discussão, redes sociais e outros websites (p.75)

Uma das características do meme é estar veiculado ao tempo; as postagens acompanham fatos que trazem uma marca cronológica de acontecimentos, bem como sua relevância naquele momento. Faz sentido, porque está contextualizado no tempo-espaço. Trata-se de um “processo de transformação/questionamento da atual conjuntura sócio política através de imagens que são produzidas e colocadas em movimento/circulação”, ou seja, “ensinar aprender com os memes.” (Junior, Pocahy e Carvalho. 2019 p.30). Nesse sentido, os memes são produzidos sempre de forma contextualizada com situações vividas pela sociedade, e o tom jocoso demonstra os mais diversos posicionamentos.

### 3.3 #registros familiares #viagens #paisagens

Os registros de momentos familiares em viagens, passeios, confraternizações e festas, o que nos aproximam bastante da intimidade, do privado, aparecem em todos os feeds analisados. Para Sontag (2004, p.16) “as fotos fornecem um testemunho”; ou seja, uma imagem revela também um instante do que se viveu. Uma prática incentivada pelo Instagram: postar o instante, o vivido!

Sontag (2009), em seu livro *Sobre Fotografia*, escrito na década de 70, traz uma reflexão sobre a câmera que nem de perto parecia com as câmeras que temos hoje.

parece decididamente anormal viajar sem levar uma câmera. As fotos oferecerão provas incontestáveis de que a viagem se realizou, de que a programação foi cumprida, de que houve diversão. As fotos documentam sequências de consumo realizadas longe dos olhos da família, dos amigos, dos vizinhos.” (p.19)

Uma citação de uma época que a câmera não era um artefato barato e também ao alcance de todos, porém traz um discurso atemporal, onde ter em mãos um dispositivo que permita a captura de imagens em viagens dialoga com os dias atuais. Mantemos o mesmo desejo de fotografar o vivido, a experiência! No entanto, hoje a câmera tradicional vem perdendo espaço para o dispositivo móvel, com câmera acoplada, possível de levar para qualquer lugar e registrar.

A seguir, alguns registros particulares das professoras, sobre viagens apresentadas sob a ótica de “turistas”, que fazem em seu *feed* um recorte, um resumo de sua viagem.





Figura 43. @prof3

Fonte: Print da autora (2019)



Figura 44. @prof1

Fonte: Print da autora (2019)



Figura 45. @prof7

Fonte: Print da autora (2019)

Figura 46. @prof5



Fonte: Print da autora (2019)

Olhando essas quatro imagens, é impossível não rememorar os álbuns de fotos reveladas; seria o *feed* um álbum, um portfólio pessoal? Por que esse interesse em postar fotos como essas numa rede social? O que faz com que as pessoas queiram se relacionar dessa forma através das imagens e mediados por elas?

Torezani (2018) destaca:

A fotografia sempre foi feita para ser vista, mesmo no século XX, os retratos ou álbuns eram para ser mostrados e guardar um momento da vida, eternizando-o para a posteridade. Atualmente, mudou a forma de mostrar ao outro, mas o fato de que a fotografia deve ser contemplada se mantém. (p.17)

As fotos de família, os álbuns, sempre foram expostos às visitas e como forma de guardar memórias. O que difere dos dias atuais é o compartilhamento dessas imagens, guardadas - em casa - nos álbuns privados, e agora atingem uma visibilidade gigantesca, pois estão na rede. “Por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma - um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão.” Sontag (2004, p.19). Fotografamos desde sempre e mostramos desde sempre essas imagens!!!

Vemos nas imagens postadas pelas professoras uma crônica social como falado por Sontag mesmo em outro contexto. O que significa essa crônica social hoje nesse contar para o outro os acontecimentos de cada família?

Figura 47. Imagens com filhos

Fonte: Print da autora (2019)





Figura 48 @prof2 e filhos



Fonte: Print da autora (2019)

Figura 49. @prof4 e filho



Fonte: Print da autora (2019)

As imagens acima são fotos sobre os filhos. Na figura 47, @prof6 posta uma montagem entre fotos dos filhos pequenos e atuais. Na figura 48, de @prof2, e 49, de @prof4, postam fotos acompanhadas dos filhos.

Sobre o ato de fotografar, dialogando ainda com Sontag, “a onipresença de câmeras sugere, de forma persuasiva, que o tempo consiste em eventos interessantes, eventos dignos de ser fotografados.” (p.21). Ou seja, a câmera e sua presença nos eventos já revelava a importância do mesmo. Transportando essa fala para atualidade – lembrando que o texto é de 1977 – estamos 24 horas em posse de uma câmera. Sendo assim, o ato de fotografar o instante é facilitado, e pode não haver um critério para pensar sobre qual evento deva ser fotografado ou se todos os acontecimentos são importantes e merecem ser fotografados. Narrar o cotidiano a partir de fotografias faz parte do novo modelo de relação com a câmera e com a vida contemporânea. Todos narram e falam de si a partir das imagens que postam. Que ideias e subjetividades estão sendo formadas nesses modos de contar?

### **3.4 #fazerdocente**

Postar fotos do seu fazer docente, de sua prática, da sua experiência numa rede social revela muito. Todos os perfis analisados são de professores e acredito que a prática de fotografar as festas, eventos, projetos e o cotidiano escolar sejam antigos. Como citou @prof6, montar um portfólio com as ações desenvolvidas naquele ano letivo, é uma prática que muitos docentes já realizaram. Mas, estamos falando sobre postar esse portfólio numa rede social, e sobre a forma com que isto vai além, sendo uma prática de legitimação do fazer docente, da pesquisa, da ação do professor. Para Skiliar:

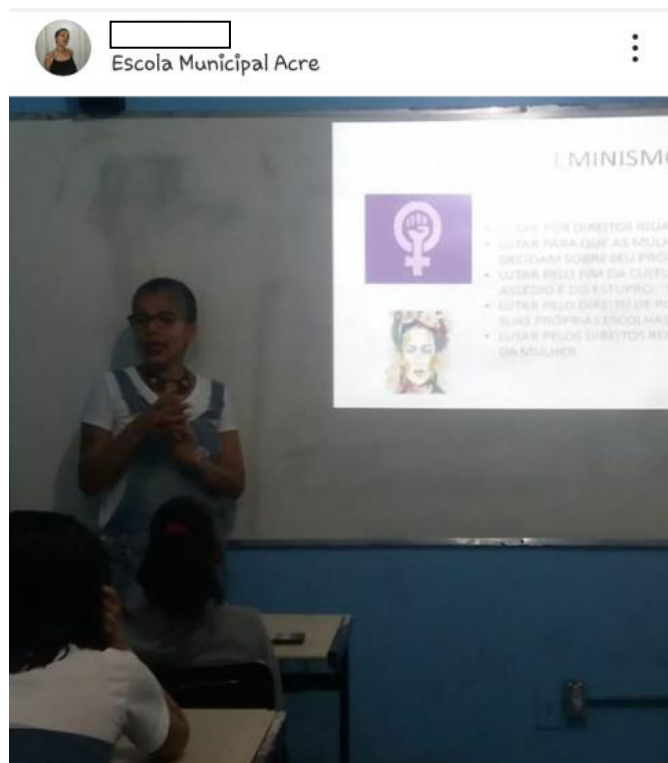
A educação, se sabe, é uma ação que envolve o tempo e a temporalidade de muitas maneiras: no traçado de um planejamento, nas pautas avaliativas, na duração dos ciclos ou séries, na extensão de um conteúdo; mas também tem a ver com o encontro difícil, árduo, entre a infância e a adultez, a juventude e a adultez, imagens de idades, experiências e gerações que vão se transformando o tempo todo e que provocam diferentes intensidades nas práticas pedagógicas a cada instante. (p.27)

Figura 50. Semana de Educação



Fonte: Print da autora (2019)

Figura 51. Apresentação de trabalho



Fonte: Print da autora (2019)

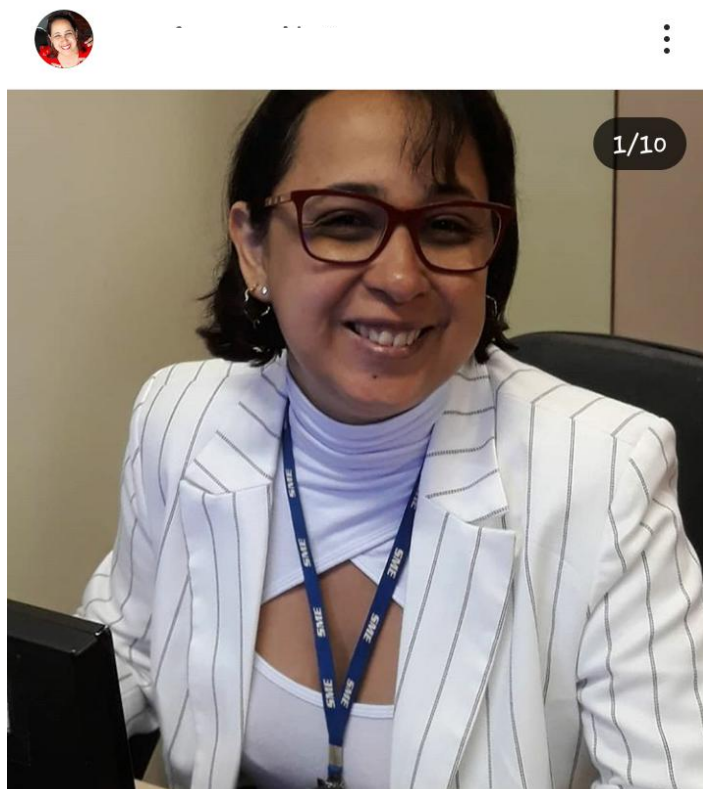


Figura 52. @prof6 no ambiente de trabalho

Fonte: Print da autora (2019)

Na figura 50, @prof3 foi fotografada em um evento, a Semana da Educação, enquanto visitante, cuja legenda: “Felicidade de adulto que não cresceu é fazer coisas de criança sem ninguém recriminar! #tatoo #lindezasda4aCRE #sólindeza”.

Na figura 51, @prof1 apresenta um trabalho em uma escola municipal, em Duque de Caxias, com a legenda: “Vamos falar de gênero e racismo nas escolas sim! Escola Municipal Acre obrigada pela indicação e meu agradecimento às companheiras Aline, Lourdinha, Juliana, Flavinha, Amanda pela receptividade, acolhida e apoio. #heforshe”.

Na figura 52, @prof6 uma foto dela no ambiente de trabalho, com crachá e a legenda: “Servidora pública sim, como muito orgulho, dignidade, responsabilidade e consciencia tranquila do cumprimento de meus deveres. 28/10 - Dia do Funcionário Público! #cidadania #pessoassãomaisimportantes #bemestarcoletivo #servidorpublico #missaodamissaocumprida #crachanoaeemfeite #servirsempre”.

Figura 53. Apresentação de projeto de mestrado



Fonte: Print da autora (2019)



Figura 54. Foto com aluna

Fonte: Print da autora (2019)

Na figura 53, @prof5 está apresentando seu projeto de mestrado, na Anped Campinas, com a legenda: “De ontem, apresentação do meu trabalho”. E na figura 54, @prof7 posta uma foto com uma aluna e legenda: “Alfabetização é sinônimo de amor. Amor pressupõe respeito ao outro, confiança, apoio! Eu sempre acreditei nela e ela em mim. Ainda to chorando pq algo mágico aconteceu hj. Meus alunos estão avançando mais do que eu esperava. Eu chorei e ela chorou comigo pq nós estamos juntas. Eu a olhei nos olhos e disse o quanto me orgulho dela. E como me orgulho! Que dia feliz!”

As fotos destacadas revelam fazeres docentes em diferentes espaços: como visitante e representante de um órgão educacional, em sala de aula, enquanto pesquisador e docente. Apresentei as fotos das professoras e achei de grande importância manter as legendas, pois revelam as experiências, os sentimentos, as alegrias vividas por cada uma.

As observações dessas imagens nos faz pensar na relação que Larrosa (2011) traz sobre experiência:

Não há experiência, portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro mim, que está fora de mim mesmo, que não pertence ao meu lugar, que não esta no lugar que eu lhe dou, que está fora de lugar.(p.6)

Larrosa nos ajuda a pensar acerca da experiência dessas professoras, e do quanto - na Educação - o outro, nos afeta, e o quanto também afetamos. As imagens mostram que relatar, registrar, postar fotos de experiências bem-sucedidas no campo educacional revela toda nossa necessidade atual de lutar pelo nosso lugar de fala e provar nosso fazer. Em tempos de cortes na área da Educação, de salários atrasados, de desvalorização explícita pelos governantes, ter um espaço em que possamos dividir com nossos pares nossas pesquisas e ações subverte toda a lógica vigente do governo atual, e aparece também para fortalecer esse grupo de docentes analisados.

Freire destaca a reflexão crítica sobre a prática, pois “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (1996, p.44). No caso da rede social, além de dialogar com outras pessoas acerca da publicação, o público varia, o que permite levar uma concepção de educação para além do seu espaço de atuação (escola, secretarias de educação, coordenadorias). Freire frisa a importância da perspectiva dialógica (teoria e prática) quando diz que “o próprio discurso teórico,



necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática” (1996, p.44).

### 3.5. #consumosrealizados #namoda

Algumas postagens visualizadas no Instagram, adotam um padrão, um modelo de fotografia que é consumido e reproduzido. Por exemplo, aparecem postagens de frases prontas, ou de autoajuda, que são comuns nas redes sociais, muitas oriundas de blogs ou perfis de psicólogos, de coaching, páginas religiosas, etc... A origem não interfere, mas pela quantidade é nítido o quanto esse tipo de postagem tem aceitação entre os usuários. Que mensagens são essas que consumimos? Que imagens trazem nelas? Seria prudente usar a palavra consumir?

Outras imagens aparecem constantemente nos perfis estudados: fotos de pratos de comidas, o brinde, fotos dos animais de estimação, livros, e nessas, é possível reconhecer a autoria das professoras no registro delas.

Manovich (2015), no livro *Instagram and Contemporary Image*, nos faz pensar sobre:

Não significa que as pessoas compartilham fotografias do mesmo tema e que elas usam o mesmo estilo e técnica em cada cidade ao redor do mundo. E também não significa que todas elas entendem e usam a mídia do Instagram da mesma maneira. Nossa análise do Instagram sugere que os assuntos e os estilos das fotografias são fortemente influenciados por valores sociais, culturais e estéticos por um dado local demográfico. (p.26)<sup>30</sup>

Imersos numa rede social, não há como não indagar: por que a consumimos? O que consumimos? Por que estamos nesse espaço, produzindo, compartilhando e interagindo? O que nos une nesse espaço?

Canclini, em seu livro *Consumidores e Cidadãos* (2010, p.59): “hoje vemos o processo de consumo como algo mais complexo do que uma relação entre meios manipuladores e dóceis audiências”, para ele “Consumo é o conjunto de processos

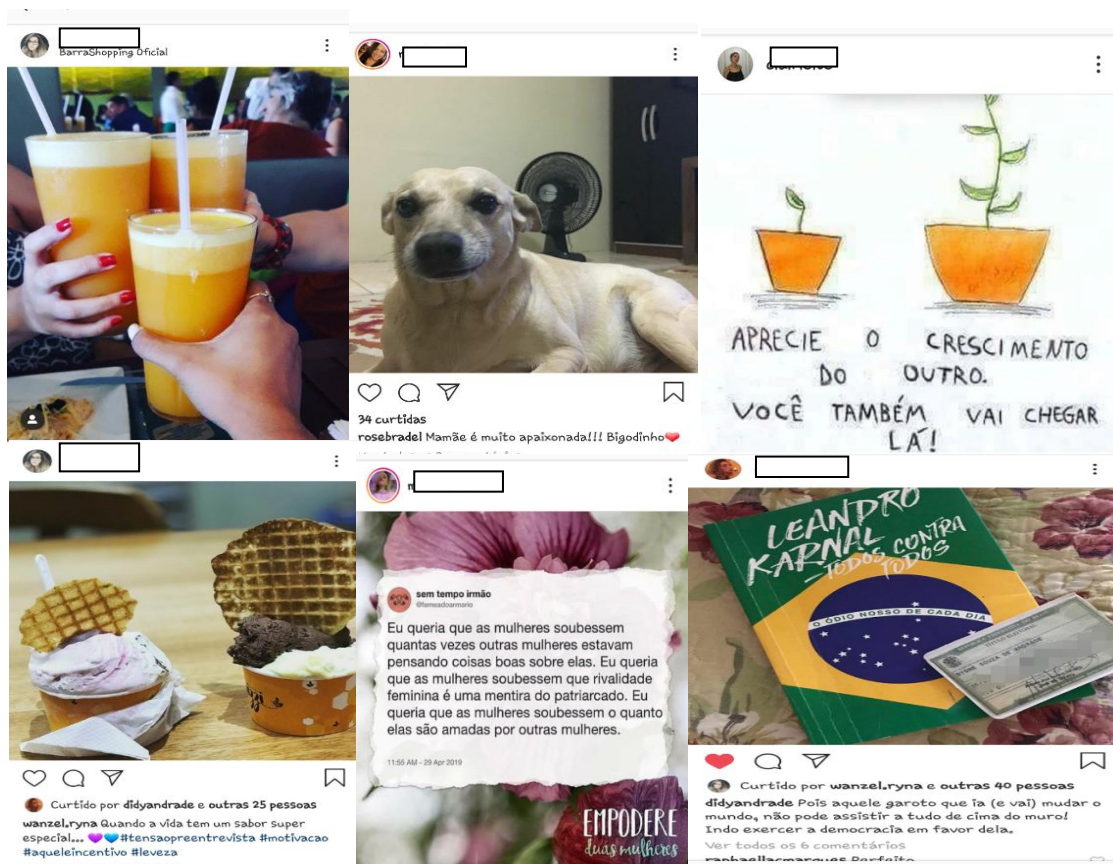
---

<sup>30</sup> This does not mean that people share the photographs of the same subjects and that they use the same styles and techniques in every city around the world. This also does not mean that they all understand and use Instagram medium similarly. Our Instagram analysis suggest that the subjects and style of photographs are strongly influenced by social, cultural, and aesthetic values of a given location or demographic.

socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (p.60). Diante disso, podemos dizer que as fotos postadas pelas professoras refletem os consumos valorizados por elas, e que desejam compartilhar com seus pares e amigos.

Trago, a seguir, a ilustração dessas postagens:

Figura 55. Imagens diversas



Fonte: Print da autora (2019)

A foto do brinde, do animal de estimação, do prato de comida ou sobremesa, frases de auto ajuda e fotos de um livro, mostram como Canclini afirma: o conjunto de processos socio-culturais do consumo dessas professoras está apontado no que elas valorizam em suas vidas em sociedade.



## CAPITULO 4: RELAÇÕES DAS PROFESSORAS COM REDES SOCIAIS E A CHEGADA NO INSTAGRAM

“Comecei usando o Orkut, fiz o upgrade para o face, já passei pelo Twitter, mas quase não vou mais lá” @prof2

“Fui para o “Insta” por conta da insistência de amigos mesmo”. @prof7

Nesse momento, trago as falas das professoras, tecidas em nossas conversas nesse primeiro semestre de 2019. Vejo, a partir das conversas, os modos como elas chegaram ao Instagram, conforme as falas anteriormente citadas. O modo como uma diz que chegou ao Instagram depois de passar pelo Orkut e pelo Facebook, e como outra veio somente por insistência de amigos, já nos faz pensar sobre como as redes sociais vão, aos poucos, fazendo parte da vida das pessoas e em especial, desse grupo pesquisado.

As redes sociais convidam seus usuários a manusearem seus aplicativos, experimentando relações e formas outras de comunicação, extrapolando fronteiras geográficas, delimitando sua identidade nesse espaço, e dando visibilidade às suas narrativas. Para Castells (2017, p.9), “os seres humanos criam significados interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais.” Pensar nessas redes, nos faz atentar para as múltiplas estratégias que os seres traçam diariamente, dando sentido às suas relações. O que faz um usuário escolher uma rede social? O que o motiva? Que sentidos ele vê nesse espaço? Castells (2017) destaca a importância da comunicação para o funcionamento dessas redes:

Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. O processo de construção de significado caracteriza-se por um grande volume de diversidade. (p.9)

A “comunicação socializada” citada por ele seria uma reguladora da produção de sentidos, tendo o avanço das tecnologias digitais como um potencializador. A facilidade do acesso - com o aperfeiçoamento dos dispositivos - e uma rede de internet móvel, nos permite acessar de qualquer lugar, intensificando os fluxos desse espaço. Atualmente, temos um grupo de redes sociais, sendo os mais utilizados: Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat, Whatsapp, Telegram, Messenger. Santaella (2013) diz que cada nova tecnologia traz práticas específicas, sendo assim, cada rede social traz formas e dinâmicas de se navegar por eles. Então, para cada rede, uma forma de existir e se expressar, se relacionar e de ser naquele contexto. Para Castells (2017, p.9) “a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção do significado e, portanto, a produção de relações de poder”. No campo das tecnologias, a estrutura da comunicação adquiriu, ao longo do tempo, extensões mutáveis, que refletem nas formas de criar significados, nas relações e no comportamento humano.

Durante a pesquisa, foram muitas idas e vindas no WhatsApp, conversas, áudios, figurinhas, gifs... conversas entrecruzadas tendo como assunto: escola, filhos, dissertação, artigos, notícias da atualidade, confissões, incentivos e por aí vai... Ao mesmo tempo, eu estava ali com outro olhar, para as narrativas, sejam escritas ou narradas por áudio. Certa de não existir um certo e errado, e muito menos respostas prontas, quis “estabelecer uma conversação na qual, ambas, pudessem fazer ressoar suas palavras, seus ecos e, talvez, pensar e estranhar suas próprias palavras.” (Sampaio, Ribeiro, Souza, 2018, p.24)

As conversações/conversas se constituem na atitude política de pensar com ele se não para ou sobre eles, possibilita fluxos, acasos, experiências, encontros, devir, multiplicidades e permanentes aberturas para os acontecimentos... tecidos com afeto. (Skliar, 2018, p.17)

As conversas com os professoras no Whatsapp foram tecidas individualmente, sempre tendo como tema as postagens feitas, as relações destas com elas, e sobre o modo efetivo de participar e estar presente na rede social. Aqui elas estão reunidas por temas em comum, subdividindo o capítulo: estar numa rede social e a chegada ao Instagram; a prática de narrar através de imagens, e outros recursos, como hashtags, legendas, stories; e, por fim, destacaremos as falas que sugerem o protagonismo docente, e questão da memória, e das possibilidades de comunicação nessa interface.

As experiências dos sujeitos de pesquisa enquanto usuários das redes sociais antecedem o Instagram. É possível reconhecer formas de ser/estar nas redes citadas por elas, já experienciadas (Orkut, Facebook, Twitter), e é notório que cada uma possui uma dinâmica de comunicação própria. Os motivos pelos quais escolheram permanecer no Instagram variam, desde a possibilidade de narrar a partir de imagens o cotidiano, até o entendimento de ver o espaço como diversão e entretenimento. Quando conversamos sobre experiências anteriores com outras redes sociais, e a entrada no Instagram, os professores narraram que:

@prof2: “Comecei usando o Orkut, fiz o upgrade para o face, já passei pelo Twitter\*, mas quase não vou mais lá. Entrei no Instagram depois, quando ficar contando minha vida no face deixou de fazer muito sentido. No insta é mais imagem do que outra coisa e isso liberta um pouco, mescla arte gráfica com palavras. Parece mais poético, enfim fiz até uma conta para isso, publicar imagem vinculada a um texto meu. E na minha conta pessoal passei a optar por não publicar tudo, escolho imagens que faz um recorte bacana de algo que decido mostrar.

A fala de @prof2 mostra experiência em sites sociais anteriormente, e como a exposição de sua vida no Facebook deixou de fazer sentido. Apesar do fluxo da rede ser esse - o descortinamento da vida privada concebida como algo público e sujeito às curtidas e comentários - pareceu incomodar a professora, que diz optar por uma rede que permite uma outra “leitura”, no caso o Instagram. Que outra leitura seria essa? Uma leitura mais imagética? Isso nos faz refletir sobre a questão da curadoria de imagens, onde ela diz escolher “imagens que fazem um recorte bacana”. Que imagens seriam essas? Por que deixar de publicar tudo, e fazer uma seleção?

A ideia de junção da arte gráfica com texto poético despertou, inclusive, a criação de outra conta, chamada @palavrasqueseguem, revelando um outro perfil/modo de estar numa mesma rede social.

@prof3: “Uso o insta para lazer, para compartilhar momentos bacanas e importantes para mim e para as pessoas que me conhecem. Uso também para divulgar ações sobre educação, embora faça mais por outra rede social: o facebook. O insta é mais pessoal que o face, que lá como tenho alunos, ex-alunos, responsáveis, uso mais para fins de divulgar trabalhos de escola e para falar de educação. No Instagram posto coisas mais pessoais.”

@prof6: “Cheguei no insta como curiosa e bem atenta a novas plataformas em rede social. Já usei Orkut, uso Facebook, Twitter e Instagram. Nesse último vi a possibilidade de montar meu álbum de figurinhas, ou melhor, meu portfólio, pessoal e profissional. Também serve de memória para as ações e

projetos que já realizei e participei, bem como a prospecção para projetos profissionais futuros. Tem muito da minha carreira no insta.”

Nas falas de @prof3 e @prof6, há destaque sobre o uso de outras redes, mostrando formas diferentes de narrar: uma abrangendo questões profissionais - com público específico de seguidores - e a outra para postagens pessoais. A escolha de plataformas específicas para um tipo de narrativa (pessoal ou profissional) implicam em especificidades pertinentes àquele grupo de seguidores, entendendo também que o uso de determinada rede potencializa e dá visibilidade na divulgação de trabalho.

No trecho da fala de @prof6, em que a “possibilidade de montar meu portfólio, meu álbum de figurinhas”, destaca a importância de mostrar um trabalho realizado e juntar essas ações numa ordem cronológica em um álbum virtual. Aparece a outra vertente de uso do Instagram: armazenamento de fotos; um álbum virtual semelhante àquele álbum antigo, guardado em nossas casas, agora visível para mais pessoas. Seria uma forma de legitimar ações docentes? Parece ser isso o que estão dizendo essas professoras. Percebe-se também, na fala a seguir, os diferentes usos das duas redes pela professora: a que utilizou e a que utiliza atualmente.

@prof1: “O face na verdade usava mais como ferramenta política e social, bem como para me atualizar com relação a cursos e seminários. Uso o instagram para socializar minha formação complementar acadêmica a fim de compartilhar minhas experiências e aprendizados e motivar outras companheiras a investir também na sua formação. Faço uso dessa mídia social também como instrumento de atuação política.”

Na fala de @prof1 é possível conceber a “potência das micropolíticas cotidianas mediadas pelo digital em rede” (Junior, Pocahy, Carvalho, 2019, p.31), sendo através delas que compartilham, incentivam seus pares a “investirem” em suas formações. Escolher uma rede social “como instrumento de atuação política” dialoga com Castells (2017), quando este afirma que “as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo” (p.134). A atuação da professora nas redes conduem a reflexões em torno de sua formação docente e da importância de seu posicionamento político - visto que ela reconhece esse espaço como um “lugar de fala” (Ribeiro, 2017).

@prof4: “Iniciei o uso do instagram como forma de opção às outras redes sociais mais populares anteriormente (quando o face estava chato eu ia para o

insta). Anteriormente utilizei o orkut, depois facebook e cheguei no instagram. Chguei a utilizar somente o Instagram por mais de um ano, deletando as outras redes. Hoje uso o insta como forma de entretenimento e acesso às lojas, produtos e serviços.”

@prof7: “Uso o instagram pela facilidade nas postagens, mas existe uma demanda grande no Facebook.. Fui para o insta por conta da insistência de amigos mesmo. Antes eu só tinha o whatsapp e o facebook. Já tive Orkut também.”

@prof5: “Não utilizo o instragram para me atualizar; uso mais para divertimento. Mas, consigo acessar muito conteúdo legal pela rede, sigo páginas.”

.As falas de @prof4, de @prof5 e de @prof7 provocam reflexões importantes sobre outro uso do Instagram, destacando o consumo de imagnes, assim como o entretenimento. Ao mesmo tempo em que uma delas destaca não conseguir usar o Instagram para se atualizar, o compartilhamento de artigos de noticias é um uso comum nessa plataforma social. Parece-nos, então, que a partir das falas, o Instagram reforça tem mais ênfase no consumo de produtos e trocas entre as pessoas.

Para Bauman, “a vida organizada em torno do consumo, por outro lado deve se bastar sem normas: é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e voláteis- não mais por regulação normativa” (2001, p.99). Buscar uma rede social - onde a maioria dos amigos estão - seguir páginas, artistas e marcas, fazer desse espaço um local de entretenimento, mostra que não há regra, mas sim fluidez da moda, dos assuntos e marcas em evidência, e da adesão do grupo no qual o usuário faz parte.

Para pensar mais a respeito do motivo de nos tornarmos usuários e partícipes dessas redes, trago Campos (2010) comentando que, nas redes:

(...) o caráter mais fluido e instável dos laços, a mutabilidade e porosidade das identidades, a reflexividade da vida social, a centralidade do consumo e a crescente estetização do cotidiano conduzem a novos usos e adaptações dos recursos imagéticos. (p.116)

Podemos ver, a partir das falas destacadas, que a chegada numa rede social e seus usos em alguns pontos variam e conversam. A autonomia dos usuários dessas redes em fazer uma escolha que atenda aos seus gostos e interesses é o que Castells afirma com a “cultura da autonomia” (p.134) cujo contexto sugere que a internet promova e permita esse movimento de escolhas e posicionamento frente à essas interfaces. Os usos vão migrando de uma rede para a outra criando novas práticas em algumas e repetindo outras.

#### 4.1. #vamosfazerumaselfie?

No capítulo anterior destaquei algumas selfies encontradas nos perfis das professoras, com suas legendas e hashtags, e conversamos com alguns autores sobre essa prática. Sibilia (2016, p. 349) comenta que “a internet convida nodos *nós*, de forma tão tentadora como interativa, a nos mostrar”.

Em todos os perfis analisados há esse tipo de registro, seja ele individual ou em grupo, essas imagens permeiam os perfis e nos provoca a conversar sobre o porquê desse uso. A seguir trago as falas dessas usuárias da rede e as narrativas sobre essa prática de auto fotografar-se:

@prof5: “Eu uso por praticidade. Digamos que sou meio tímida pra ficar pedindo às pessoas que tirem fotos minhas. Acho que atrapalha muito os outros. E as vezes ando sozinha também. Então acho melhor eu mesma tirar. Além disso posso tirar várias e escolher a melhor

@prof1: “Utilizo a selfie quando não há quem possa fazer a foto para mim (escrito)

@prof1: “É um mecanismo que utilizo quando saio com meu marido, por exemplo, e não tenho uma pessoa de confiança pra fazer a foto pra mim. A selfie em si eu uso quando quero marcar um momento e a publicação dela se dá por conta daquilo: foi um momento importante pra mim que eu quero deixar marcado ali (...) Eu acho que a selfie é um instrumento de registro solitário e muitas vezes quem faz, faz porque está sozinho e talvez queira demarcar essa solidão ou não. (áudio)

Nas falas acima podemos identificar alguns “motivos” relatados para o uso dessa prática de autorretrato. @prof5 e @prof1 trazem duas questões : o registro do instante quando está sozinha e o “incômodo” de abordar alguém e pedir que faça o registro.

Nesse sentido, a selfie aparece como uma alternativa para esse registro solitário, onde não há impedimento hoje para que uma pessoas que esteja viajando sozinha faça suas fotos e também legitima o poder de estar em posse de uma câmera e fazer seus próprios registros e não depender do outro. Fazer várias e “escolher a melhor” é uma prática comum e corriqueira de tirar várias fotos e escolher uma para postar. Tudo isso porque dependemos apenas da memória disponível do dispositivo e não mais do número limitado de poses de um filme. É uma marca da contemporaneidade, tirar várias fotos , escolher algumas, publicar e descartar o restante ou apenas armazenar. Seria a selfie um

registro solitário? Ou seria também um modo de registro do nosso tempo? Da forma como nos comunicamos por imagens na atualidade?

@prof3: Eu pouco tiro selfies. Só mesmo quando quero registrar algum momento meu, tipo: só uso o cabelo enrolado, quando escovo, que é raro, gosto de registrar porque fica diferente. Tenho um pouco de vergonha de postar selfies, porque penso que parece uma necessidade de atenção, de likes, de aceitação. Mas quando tem alguma coisa que julgo pertinente registrar, com medida, não acho condenável. Aliás, como tudo com medida, ne? Tudo que é demais revela alguma carência.

@prof3 fala do uso da selfie para abordar questões relativas ao próprio corpo como um corte de cabelo, por exemplo, onde, de fato, a auto imagem faz necessária ser destacada; ela traz também um ponto importante sobre a espetacularização do eu (Sibilia 2016) e mostra uma preocupação com isso. Ela afirma não fazer muito uso de selfies e destaca o medo de parecer querer “aceitação”, “atenção”, trazendo questões para refletir como carência e necessidade de “curtidas”. Nesse sentido, ela traz a selfie na linha do narcisismo, na contemplação exagerada do EU, e que vem potencializada pelos recursos das câmeras. Sua visão dialoga com as reflexões de Sibilia, ao falar dessa espetacularização do eu em questão. Essa “moda” dos tempos atuais, em que exhibir-se para os amigos faz parte do modo como se conta de si nas redes sociais. Ainda sobre a espetacularização do eu, a autora (2016, p.109) fala sobre o “direito de possuir uma audiência”, onde os usuários relatam suas vidas nas redes, produzindo uma história de si, incorporando um protagonismo e esperando de fato que seus seguidores visualizem. Selfie seria uma busca pela audiência do eu? No ponto de vista de Sibilia sim. O que dizem nossas professoras participantes da pesquisa?

@prof2: Gosto de ter a proximidade que só a selfie permite. Tanto no que se refere a mim mesma, registrando o que minhas expressões faciais revelam... embora confesso que geralmente é alegria que desejo transmitir e na maioria das vezes busque a luz ideal para ficar mais bonita e em outras até recursos de filtros. Mas também trago selfie pessoas queridas que estão comigo. Nesses momentos a luz e recursos de embelezar importam menos... engraçado pensar nisso agora... Acho que quando se está em grupo o que importa é realmente registrar a alegria do momento e não a imagem que divulgaremos de nós.

@prof4 “É melhor que pedir alguém para bater foto sua fazendo carão”.

A fala de @prof2 traz o registro das emoções no que se refere às expressões faciais, a busca pela luz ideal e o uso de filtros disponíveis para realçar cores e fundo. É

uma foto de si com um ângulo, filtros e quaisquer outros recursos que “trate” a foto e a deixe perfeita. Ela acrescenta que a selfie em grupo retrata mais a alegria do momento do que a preocupação com a estética. @prof2 faz uma distinção entre selfie individual e coletiva, com particularidades que caracterizam cada uma delas: a preocupação com a foto perfeita nos registros individuais, e a preocupação em registrar o momento em grupo. @prof4 traz a performance individual quando cita a palavra “carão”, referindo-se a fotos em que faz “caras e bocas”. Para Sibilía (2016, p.103) “cultuado e cultivado sem cessar, o eu atual não demanda apenas atenção e cuidado; além disso deve ser exposto da forma mais atraente possível (...)”. Essas imagens performáticas individuais corroboram para a audiência citada acima? O que essa distinção entre perfeição e registro do momento nos revela? Será que nos registros em grupo também não cultuamos o belo, o perfeito?

“Eu uso basicamente a selfie pra conseguir posicionar a câmera de um modo que me favoreça e que possam sair normalmente todas as pessoas na foto, né? E às vezes você pede alguém pra bater a foto prá você e não fica exatamente como você quer e ao mesmo tempo que eu fotografo eu consigo sair na foto. Então, eu acho que é uma prática...nunca parei prá analisar, fazer uma análise do que isso significa basicamente, é mais um registro mesmo daquele momento com aquele grupo de pessoas.” @prof7

@prof7 destaca a adesão a esse tipo de registro, uma vez que este a favorece, tendo como estratégia o posicionamento da câmera, a chance da foto sair do modo que quer, enquadrando o que ela considera importante naquele cenário; além do registro das pessoas que fazem parte daquele contexto. Esses registros configuram memórias e para Torezani (2018) comenta que diz que “o autorretrato tem sido recriado ao longo dos tempos, mantendo seu papel de memória individual e coletiva e, ainda, como elemento de prática social, ao buscar interação entre as pessoas na visualização das situações vividas” (p.24).

Trago mais algumas das visões das professoras da pesquisa a respeito do uso que fazem da selfie:

Primeiro, existem momentos que queremos registrar, cenários que queremos consagrar como o nosso print na foto. Existe coisa melhor que ajustar-se exatamente do jeito que se deseja em um lindo cenário de natureza, por exemplo? Nem sempre podemos contar com um fotografo disposto a tirar nossa foto quando nos deparamos com a banca de flores coloridas e fresquinhas na pracinha do subúrbio. Segundo a selfie não é somente individual. **O que mais me atrai na selfie é o poder que ela exerce sobre o**



**coletivo.** Quem nunca? Falou para o grupo de trabalho: Vamos tirar uma selfie? Pediu à família reunida à mesa no almoço de domingo para se preparar para o selfie coletivo? Quem nunca tirou a selfie com seu amor (marido, esposa, filhos) para eternizar momentos que somente quem faz parte deles entende o valor da selfie, mesmo que rapidinha?! Então, **selfie pra mim significa liberdade de expressão.** E o melhor uso que faço dela é quando ela deixa de ser apenas um autorretrato para um registro de memória coletiva e afetiva”. @prof6

(grifo próprio)

@prof6 em sua fala aborda alguns desdobramentos sobre a prática de selfie. A primeira traz uma questão que já destacamos sobre o registro sair do “seu jeito”. Você idealizar um local e uma imagem fotográfica dele e poder fazê-lo é uma dinâmica atual e que agrada o usuário e o seu Eu, fotógrafo em potencial. Com a premissa do “eu posso”. Quanto aos registros coletivos, @prof6 traz o comentário de que “o que mais atrai na selfie é o poder que ela exerce sobre o coletivo”, destacando a selfie como um elemento de atrair a atenção dos demais sobre uma determinada situação que deseja tornar visível. Situações essas como reunir a família, colegas de trabalho, tirar uma foto e eternizar o momento. Esse registro conversa com Sibilia (2016) sobre “corpos compatíveis”, pois as fotos antigas de família eram fotos em que seus personagens apareciam um ao lado do outro, com vestimentas específicas para foto, arrumados, alinhados e os mais velhos geralmente sentados. Hoje as fotos são mais “despojadas”; não só a selfie permite isso, mas a democratização do acesso à câmera trazem cliques do instante feito por qualquer pessoa. E por último, traz a “liberdade de expressão” e o “registro de memória coletiva e afetiva”. Na concepção dela, a selfie é mais um recurso facilitador para o registro de momentos. Quais memórias a selfie nos permite construir? Seria, mesmo, uma forma de liberdade de se manifestar? Ou seria apenas uma forma desenfreada de “show do Eu”? As falas das professoras estão nos fazendo perceber que há sentidos específicos - dados por elas - para essa prática, mas mesmo assim, não podemos deixar de dizer que são sim momentos de exibição. No entanto, talvez a exibição já tenha outra lógica ou talvez a exibição já seja a nova lógica da forma de nos manifestarmos pelas redes na época contemporânea. Como nos diz Canclini, sobre o consumo que faz parte dos processos sócio-culturais, talvez essa própria forma de registrar e contar com selfie já seja uma nova forma de consumir numa época em que todos somos consumidores das imagens uns dos outros.

## 4.2 #narrandoapartirdosstories #legendas # hashtags

Como já citado anteriormente no Capítulo 2, o Instagram possui algumas funções que são utilizadas para dinamizar e atrair usuários. Nos perfis analisados foi possível observar que os stories são utilizados por algumas professoras; assim como a inserção de legendas e hashtags numa publicação. Narrar algo - por imagem ou vídeo - que perdure apenas 24h, e que “faz sentido naquele momento” traz uma fluidez e uma visão binária dessas imagens: entre as que “cabem” no efêmero período de 24h, e as que ficam fixas no feed. Que imagens seriam essas? Por que algumas imagens são escolhidas para durarem apenas 24h na rede? Por que narrar utilizando esses recursos?

@prof3: Eu gosto dos **stories, primeiro porque você pode compor a foro e interagir com gifs e tal.** Depois porque ele só dura 24 horas e você pode montar uma historinha que faz sentido naquela hora, mas depois pode não fazer mais sentido para ficar no perfil. **Brinco muito nos stories**, com enquetes para escolher a cor do esmalte, com o pôr do sol do dia ( que aliás eu amo!) Com as tiradas da minha mãe, que é uma figura! Sempre adorei tirar fotos (não de mim, mas de coisas do cotidiano) e, agora com smartphones, viramos todos potenciais fotógrafos, né? Kkkk E como sou metida à gaiata... posto nos stories as gaiatices que enxergo... sem contar que você consegue monitorar quem vê, né? Isso é um recurso ótimo! Kkkk Tenho postado bem pouco ultimamente. Tenho recorrido aos stories pela praticidade de sumirem em 24 horas” Rrsrs

@prof2: Fica mais para **compartilhar coisas que preferimos que sejam temporárias.**

@prof5: Faço uso porque no geral consigo publicar mais coisas e de certa forma nos dá **mais liberdade nas publicações.**

(grifo próprio)

@prof3 e @prof2 destacam a temporariedade como um atrativo, confirmando a fluidez de certas imagens, que podem desaparecer depois de um tempo. @prof3 fala sobre “montar uma historinha que só faz sentido naquela hora”, incluindo a criação de enquetes, com as quais brinca com os seus seguidores. Há escolha por quem poderá ver seus stories, e também monitorar quem os vê, pois aparece uma lista de pessoas que viram suas produções. Isso é destacado por @prof5 como algo que dá mais liberdade nas publicações. Souza (2018, p.36) diz que “as *Stories* retiram o peso do excesso de recordações e propiciam um movimento mais espontâneo, irrefletido e condizente com a efemeridade contemporânea”. Ou seja, a função não é montar um álbum como na *timeline*, mas sim narrar um momento sem a pretensão de que ele fique ali eternizado.

Pensando nessa lógica dos stories, Lipovetsky e Serroy, em “A Cultura Mundo” (2011, p.72), dizem que “a cultura de massa incentiva a produção maciça de produtos não duráveis e prontos para consumo apenas para divertimento”. Poderíamos configurar os stories como esse tipo de produção? Se pensarmos sob a ótica da efemeridade e do descarte dessa produção, os stories seriam esses produtos?

Ao escolher uma imagem para postar, o usuário faz uma seleção e a compartilha dentro de um contexto. Mas, não só a imagem ou vídeo narram um cotidiano, muitas postagens vem acompanhadas de legendas e hashtags, inclusive, as fotos de terceiros, replicadas, que ganham legendas e hashtags como forma de (co)autoria daquela narrativa. A maioria das professoras analisadas fazem o uso da legenda para contextualização, gerando títulos, adicionando frases, ou mesmo, textos. Por que escrever uma legenda após uma postagem? O que as hashtags sugerem?

Silva comenta, em sua tese sob o viés da Semântica da Enunciação, comenta a origem da palavra:

é uma palavra de origem inglesa, composta pela junção dos termos hash (cerquilha #) e tag (etiqueta), que diz respeito a uma **cadeia de caracteres que formam uma unidade ao ser precedida pelo símbolo cerquilha (#)**, usada principalmente nas redes sociais digitais, com múltiplas finalidades. (2017, p.20) (grifo próprio)

A partir dessa elucidação - uma cadeia de significados precedida pelo símbolo - trago a seguir as falas das professoras sobre os usos que fazem de legendas e hashtags:

@prof4: Uso a hashtag mais no perfil @casinhaderica para aumentar o engajamento e o alcance. No pessoal acho que não uso tanto.

@prof7: Legenda sempre tem ,mas não existe uma preocupação sobre... A escrita é natural. Normalmente um título sobre o evento ou frases mais curtas. Uso com moderação! Hahahaha Destesto fotos com 500 hastags!

@prof3: Legenda explicativa não... às vezes um texto complementar, geralmente que tenha a ver com a imagem e de certa forma a contextualize. Eu gosto das hastags... Embora já tenha deturpado o real uso delas... kkkk A coisa da “palavra-chave” é muito interessante. É que a gente acaba usando “frases-chave”, né? Kkkk

@prof1: Dificilmente eu posto uma foto sem legenda a hashtag eu uso mais quando são fotos que têm cunho político, de opinião. Mas, quando é simplesmente para falar algo sobre aquele momento eu uso frases mesmo

@prof6: Trabalho imagens com longas legendas, textos literários, poéticos, frases de impacto emocional e um toque de humor.

Nas redes sociais, a hashtag tem algumas funções adicionais, destaca Silva (2017): “atuam como links, capazes de agrupar as atividades comuns dos usuários” (p.21); funciona como “um marca texto da postagem”, “realçar um elemento da postagem”; “agrupar assuntos e pessoas” e “expressar ou divulgar uma opinião” (p.22).

Na fala de @prof4, afirma que usa em seu outro perfil - que mantém sobre reforma de casa e cujo nome é @casinhaderica - espaço onde ela compartilha imagens da reforma de sua casa própria, e que faz uso das hashtags nas publicações, como forma de agrupar pessoas interessadas no assunto, os quais ela define como “engajamento e alcance”.

@prof7 diz ser “natural” a escrita dessas legendas, e que não há, para ela, uma preocupação em escrever algo; essa escrita acontece após a postagem, com/sobre ela; faz uso das hashtags, mas não aprecia fotos com grande quantidade delas. @prof3 traz a escrita como forma de “contextualizar” a imagem, assim como faz uso das hashtags em suas postagens e diz “deturpar” o uso delas, uma vez que usa “frases-chave”. @prof1 sempre faz uso de legendas e hashtags e essa última principalmente em postagens de “cunho político. As frases ela diz usar para narrar um momento.

Percebe-se que as legendas, stories e hastags tem objetivos e usos diferenciados, e que é bem percebido pelas professoras, coadunando-se com o propósito pelo Instagram. Stories são passageiros, mas alcança um maior numero de leitores. Os usos podem ser feitos para algumas situações em que se exige disseminação, como enfatiza @prof1.

#### 4.3. #sobrefotografarenarrarapartirdeimagens

“No Instagram as fotos são ‘bem pensadas’, produzidas.  
Eu sou da geração: Junta aí e click! Lá (no Instagram ) a  
foto de uma xícara é bem produzida”  
@prof4

A fala de @prof4 nos traz uma importante reflexão sobre as imagens que permeiam essa rede. Ela destaca a “produção” dessas imagens, e no quanto elas são “bem pensadas”. De fato, creio que nunca assistimos a tantas fotos de pratos de comida, xícaras, taças, jardins, pontos turísticos, feitos com tanto requinte e bem enquadradas. A partir de um olhar apurado, as fotos são belas, bem feitas. Mas, não estamos falando de

fotógrafos profissionais, com câmeras potentes. Mas, sim de mim, de você, de nós usuários, fotógrafos do cotidiano. Que imagens são essas? O que elas representam? Conversando sobre a possibilidade de fotografar e postar - destacando os tipos de fotos postadas - e se as mesmas são produzidas pelas professoras ou replicadas, temos as seguintes falas:

@prof3: Ahhhhhh, alma de artista amadora...algumas coisas muito comuns me encantam...**Eu gosto de produzir. Inclusive meus memes...rs**

@prof7: Costumo postar fotos pessoais, sobre eventos (como registro), algumas frases de páginas de humor, posicionamentos políticos e imagens. **As fotos são minhas.** Não costumo usar fotos de terceiros...

@prof4: Costumo postar fotos minhas.

@prof5: Geralmente quando estou em algum lugar legal ou restaurante ou com pessoas que gosto

@prof1: Posto **meus momentos de formação acadêmica**, as práticas de neo pilates e yoga, política/ movimentos sociais/ temáticas que faz intersecção com minha pesquisa, um pouco da vida em família, lazer e cultura...

@prof2 : Costumo postar mais imagens sobre filhos , momentos em família, com amigos.Também coloco coisas sobre trabalho, minhas aulas, lugares que visito, **recortes pequeninos da minha vida**. Engraçado que ao mesmo tempo quero compartilhar um pouco do que me faz bem, também não quero que fiquem sabendo de tudo da minha vida. Vai entender rrsrrsr

(grifos próprios)

Postar as próprias imagens de lugares que frequentou, eventos que participou, da família, lazer, trabalho, cultura é predominante nas falas. Por que o registro desses momentos? Cunha (2008, p.110) diz que “encetamos nossos olhares para aquilo que faz sentido dentro de nossas vivências sócio-culturais”, sendo a partir dessas vivências que capturamos imagens do cotidiano e compartilhamos nessas redes.

Na fala de @prof2, podemos ver um conflito em relação às postagens; ela diz querer compartilhar aquilo que a faz bem, mas não quer que saibam de tudo relativo à sua vida. Um paradoxo, para uma rede que incentiva exposição.

Campos (2010) enfatiza a questão da imagem no mundo contemporâneo:

(...) Logo, a representação visual de alguém, pessoa, grupo ou comunidade tem implicações no modo como esse alguém se representa e apresenta

visualmente e, portanto, naquilo que poderíamos definir como a sua identidade visível ou visual (p.11)

É nítido nas falas a seleção de imagens postadas, não necessariamente obedecendo um padrão, mas revelando “a forma como estruturamos mentalmente e fisicamente o mundo” (Campos, 2010, p.126). Junto a isso, vale pensar que as imagens postadas narram um fazer, uma viagem, uma ideia, posicionamento político, enfim, nos revela, ou são imagens que permitimos que nos revelem. Ao conversamos sobre a prática de narrar a partir de imagens, destaquei trechos, abaixo:

@prof3: Eu adoro! Acho mais interessante, porque hoje em dia o povo tem preguiça de ler. A leitura da imagem assim, de cara, faz com que o possível tenha curiosidade de ler a descrição. Eu amo foto! Quando viajo então, meu olho fica encantado com os detalhes! Volto com foto da janela, telhado, calçada, muro...

@prof3 nos convida a pensar sobre o poder da imagem despertar a curiosidade pela descrição. Imersos numa sociedade ocularcêntrica (Campos, 2010), naturalmente voltamos nossos olhares para as imagens e os significados delas, “construídos nas interações sociais e culturais que realizamos com elas” (Cunha 2008, p.111). Muitas vezes, os textos são ignorados, e a leitura apenas da imagem é feita; no Instagram, as legendas e hashtags compõem a imagem, narrando-a, descrevendo-a, situando-a, configurando também as interações, a partir das curtidas e comentários que dão sentidos à essas imagens.

@prof1: Acho interessante, mas muitos perdem a noção da exposição excessiva e desnecessária. Mas, considero uma ferramenta muito inteligente quando bem utilizada.

@prof4: No início achava o insta uma grande bobeira...meio coisa de exposição vaidosa porque era só foto... mas depois fui me deixando levar e achei interessante como as pessoas conseguiam expor fotos bonitas. Quando você tem uma rede de amigos, não acho ruim você expor seu dia a dia. Não acho mais vaidade ou super exposição.

@prof5: Eu posto mensagens que somam de alguma forma pra mim, uma reflexão, algo engraçado, tento postar coisas sobre momentos que passei ou estou passando e posto algumas fotos minhas e com meu namorado. Não costumo postar tudo porque tenho medo de exposição.

Destaca-se nas falas das três professoras a exposição. Aparece tanto a crítica à exposição exagerada (como vaidade ou super-exposição), como o receio. Medo de se equiparar tal “algumas pessoas perdem a noção da exposição excessiva e desnecessária”. Assim, ao mesmo tempo que a exposição é temida, destacam que tem seu lado importante, quando bem utilizado. @prof1 é uma das que reconhece a utilidade da rede “quando bem utilizada”, mas cita a exposição desenfreada, a “espetacularização do Eu”. O que reforça essa exposição excessiva?

Seria um excesso de imagens, no sentido de quantidade ou imagens que descortinariam a vida privada? @prof4 afirma que achava uma “exposição vaidosa”, a dinâmica do Instagram, mas considera que, ao ter uma rede de amigos, o compartilhamento do seu cotidiano não configura uma exposição. Parece-nos que expor apenas para amigos não é exposição.

Mas de quantos amigos é essa rede? Que ideia é essa de não-exposição, quando se tem mais de 100 amigos nessa rede? @prof5 revela o medo da exposição como um dos motivos para filtrar suas postagens. As narrativas acima apontam “a crescente ficcionalização do real e a exibição da intimidade de qualquer um”, destacadas por Sibilía (2016, p.239).

As falas a seguir nos ajudam a pensar melhor a respeito:

@prof7: O Instagram é uma rede social basicamente de fotos então se não existe objetivo de postar fotos não faz sentido estar ali é... bem é mais ou menos isso que penso (por áudio). As redes sociais funcionam como um registro pra mim um lugar onde posso colocar as fotos. No Facebook organizo minhas fotos em álbuns específicos, permitindo uma organização no Instagram é basicamente como registro das atividades que faço e também estar em contato com essas outras pessoas que estão ali naquele mesmo ambiente virtual.

@prof6: Publicar imagens é uma forma de preservar a memória individual e coletiva. Costumo publicar fotos de grupos, pessoas juntas, pois acho importante deixar registrado que nosso dia a dia se faz pelo relacional e não apenas pessoal.

@prof2: Vez o outra compartilho algumas palavras que acredito que possa levar algo de bom a alguém. Não gosto de alfinetadas, mas acho que por conta do cenário político eu até fico meio àcida às vezes. Mas, é bem raro postar algo assim. Não gosto desse negócio de provocar, irritar. Gosto da leveza e beleza.

Destaca-se nas falas a memória. A rede do Instagram é um espaço de memória coletiva e individual, um lugar para colocar e guardar fotos, conversar com outros, ter

sua memória registrada on-line. Trata-se de uma nova forma de relacionamento, mediada pelas imagens, como nos diria Debord, em “Sociedade do Espetáculo”. Ter sua memória ao vivo numa rede em que 500 amigos podem ter acesso é uma forma de relacionamento individual e coletivo diferente de quando seu álbum estava na sua casa, só para as visitas. Que diferenças esse novo cenário traz? O que ele nos faz pensar?

@prof7 e @prof6 rememoram álbuns de memória individual e coletiva, e apontam as redes como uma forma outra de armazenamento. Já não nos preocupamos tanto com as fotos reveladas; organizadas na rede, elas conferem um caráter de existência onde a qualquer momento pode-se logar e ter acesso a elas. Folhear álbuns antigos foi substituído, que as redes guardam e facilitam o acesso.

Narrar o belo, os detalhes, o cotidiano, narrar para os amigos, narrar e cuidar para não cair no vício da vaidade e superexposição, narrar para levar palavras para alguém, narrar com acidez e leveza, narrar para guardar, rememorar, eternizar. São várias as formas, e revelam que partem das experiências, essas imagens e palavras serem lançadas na rede. Para Larrosa (2011, p.7) a experiência “é um movimento de ida e volta”, que afeta, atravessa e “produz efeitos em mim”. As falas das professoras revelam como essa experiência além de ser vivida precisa ser registrada. Qual a experiência que perdura? A que vivi ou a que vivi e registrei? Parece-nos que o viver sem registrar tem menor valor no contexto atual. Como lembrar do que vivi e não registrei?

#### **4.4. #protagonismodocentenasredesépossível?**

No capítulo 3, foi destacada uma seleção de imagens das professoras, analisadas em seus exercícios docentes. Naquele momento, analisamos estas imagens e suas possibilidades de narrar revelando, demarcando um protagonismo docente nas redes. Aqui, destaco as narrativas dessas professoras e suas reflexões enquanto protagonistas nesse espaço virtual, atentando para seus registros docentes “fixados” nesses espaços, em forma de imagens temporais, se as suas narrativas, seus fazeres, seus seguidores, modifica/transforma/visibiliza-o.

Em “A escuta das diferenças”, Carlos Skliar traz um trecho sobre o ato de “tomar partido”:



“Tomar partido” é uma expressão que se parece muito com a decisão, com escolher um lugar de onde falar, com tomar a palavra-determinadas palavras-, com fazer surgir uma voz que já não duvida em seu conteúdo nem em sua trajetória(...) No entanto, “tomar partido não anuncia nenhuma virtude ou excelência individual, não pretende nenhuma assunção de verdade ou da luz, nem quer assumir uma posição de destaque nem de comiseração ou, como bem diria, de salvação:é, apenas, um ponto de partida, a ocupação de um lugar a partir do qual o enunciado espera, impaciente, seu sentido. Do que estou seguro é que se trata de uma linguagem que escutou primeiro, que viu antes e que não se impõe a essas preocupações, nem o faz com voz alta e proverbial. (2019, p.20)

De que forma imerso numa rede social como o Instagram o professor pode tomar partido? O que seria tomar partido numa rede como essa? Seria um lugar, como diz Skliar, “de onde falar? Falar o que? Para quem?”. As falas das professoras tem jeitos específicos de “tomarem partido” de algo nas redes:

@prof3: Ah, certamente há protagonismo! A rede social aproximou as pessoas (virtualmente), **a gente consegue se aproximar melhor dos alunos sabendo o que eles gostam, falando dos assuntos da moda para envolvê-los.** A gente sabe que só aprendem quando se interessam... Até a linguagem mesmo, mais próxima deles. **Vejo diferença para os professores que não têm rede social.** Quando surge algum assunto que os alunos estão comentando, tipo os bordões do Neymar ( E aí, fakes! E tal...) tem que explicar para quem não sabe . E aí já era o gancho do interesse! Eu sou uma entusiasta da tecnologia na educação. Acho que as crianças e jovens estão escrevendo muito mais, do jeito dele, certo ou não, mas estão se comunicando. Recebendo informações o tempo todo e repassando. Então, se pudermos orientar isso bem, é uma ferramenta poderosa! Tem o lado ruim também, o que aliena, mas produzir conteúdo hoje, é como almoçar para essas crianças!

@prof7: Eu vejo sim como um espaço de acesso é...mais com objetivo mesmo de difundir conhecimentos ... a gente tem ocupado alguns espaços e acho que o Instagram e outras redes sociais são mais **uma possibilidade de divulgação e compartilhamento de conhecimento e experiências bem sucedidas.** (áudio)

@prof4 “ **Acho que a rede é uma forma de refletir e dialogar com meus pares e interessados a partir de “n” formas:** posts, vídeos, enfim...queria poder estar mais atuante nas questões educacionais nas redes, contribuir mais...

@prof5: de certa forma ali é meu lazer. Então, é onde eu relaxo. No face **tenho muitos grupos pedagógicos que de fato contribuem muito com minha prática, trazendo sugestões e inovações, além das trocas e apoio de diversos amigos situações escolares que me afligem,** como violência no entorno (...) nesses grupos consigo auxílio para lidar um pouco melhor com essas situações.

@prof2: **Tanto nos fortalece, nos mostrando quando estamos no caminho certo quando nos identificamos no outro, como desconstrói paradigmas e estigmas, quando reaprendendo novas formas de fazer a prática docente,** de ajustar ou alterar a forma de olhar para determinada questão na educação.

Lembro de uma vez que li um relato de uma professora sobre uma atividade que trabalhava conceitos iniciais da divisão e da multiplicação já na Educação Infantil e me fez refletir sobre a hierarquização de determinadas sequências didáticas.

(grifo próprio)

As falas destacam que o Instagram pode ser um espaço para se aproximar mais dos alunos, onde também estão criando, cocriando, compartilhando. Nos faz pensar sobre um espaço “comum”, de interseção entre eles, então, como conversar com e a partir dele? Que produções são essas dos alunos, que estão invisíveis aos olhares cartesianos da escola? Que comunicações são possíveis tecer nesse ambiente virtual?

Ao mesmo tempo, @prof7 classifica o espaço para “divulgação e compartilhamento”, e como estamos usando esses ambientes virtuais cada vez mais, talvez @prof4 fale sobre “refletir e dialogar” com seus pares, assim como @prof5, ao comentar que tem “muitos grupos pedagógicos que de fato contribuem muito com minha prática, trazendo sugestões e inovações, além das trocas e apoio de diversos amigos situações escolares que me afligem”.

@prof2 considera que esse espaço “nos fortalece, nos mostrando quando estamos no caminho certo quando nos identificamos no outro, como isso desconstrói paradigmas e estigmas, quando reaprendendo novas formas de fazer a prática docente” Reforça que é visível para ela que o Instagram não tem abordagem profissional, mas sim de lazer.

Nesse meio de conversa, @prof7 revelou ter uma conta profissional, e abaixo, conta como chegou na criação desse perfil e nas formas outras de narrar seu fazer docente, agora para um público específico: pais, professores e interessados no tema.

@prof7: O instagram profissional surgiu de uma experiência mesmo pedagógica... com a possibilidade dos pais terem um grupo no wzp e ensinando o movimento de letra cursiva para turma de alfabetização é...eu vi uma possibilidade ali de estender meu trabalho. Então, na hora de fazer o movimento de letra cursiva quando a gente passa a tarefa para casa a gente não tem a certeza de que a criança está fazendo o movimento correto que foi ensinado, Então, eu gravei um vídeo pra mandar no grupo dos pais e foi super bem recebido, os pais adoraram a ideia e aí eu acabei divulgando na minha rede, no meu facebook pessoal. A partir daí alguns professores viram, se identificaram, acharam o máximo e pediram pra que eu fizesse com todas as letras do alfabeto e a partir daí eu vi que eu precisava disponibilizar alguns conhecimentos meus, conhecimentos pedagógicos e eu vi ali uma possibilidade de estar auxiliando tanto pais com os filhos na classe de alfabetização quanto professores. Porque a gente sempre parte do princípio que todo mundo sabe o básico (...) os vídeos mais acessados são os mais

básicos mesmo aquele básico que todo mundo sabe mas na verdade ele é o essencial porque ele é a base de tudo. Eu vi ali como uma possibilidade de estar difundindo alguns trabalhos de alfabetização pra poder colaborar com os colegas(...).

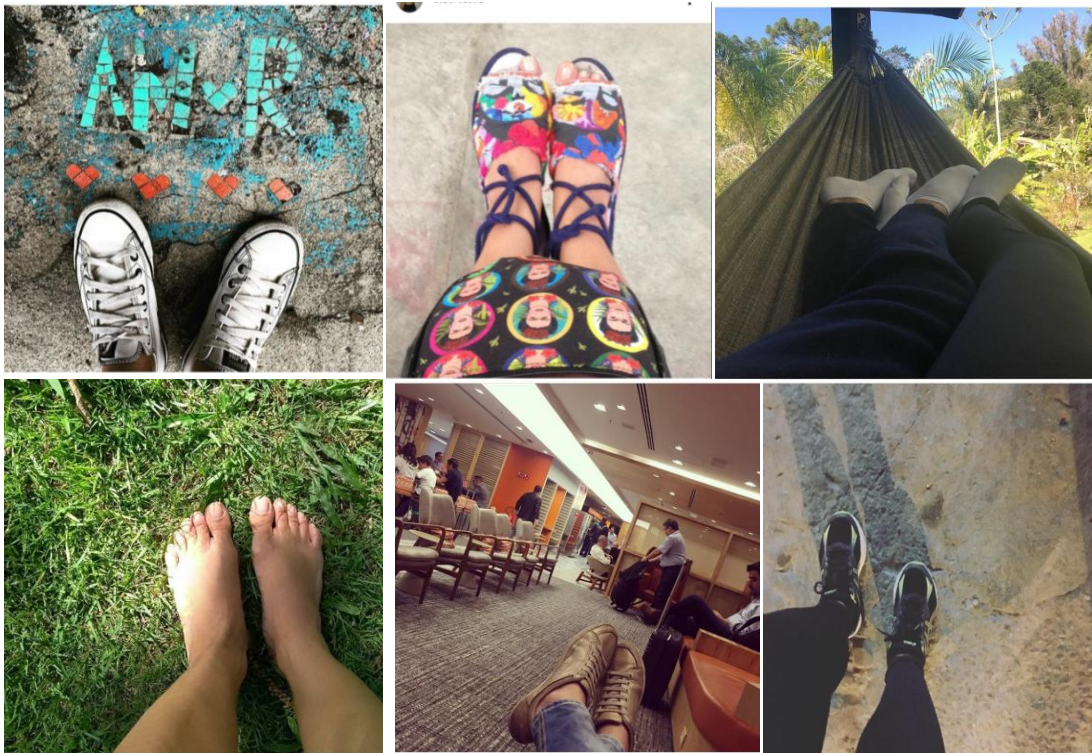
Ela reconhece a importância de falar com seus pares e pais dos alunos, onde, a partir de um vídeo feito por ela, no aplicativo WhatsApp, foi possível ver o alcance deste ao ser publicado numa rede social. Nesse perfil, ela mantém as dicas de alfabetização e outros materiais que contemplem crianças dessa etapa escolar.

Para finalizar, dialogando com Skliar, posso dizer que a partir das falas das professoras e do que dizem de suas práticas no Instagram, este pode ser um espaço de “tomar partido” na ocupação a partir do qual o enunciado do espaço espera, impaciente, seu sentido. Lugar esse onde realizam trocas com seus pares, com os pais em momentos que as fortalecem, que mostram o sentido do que fazem, para continuarem adiante sendo as professoras que são, ou sendo mais e melhores professoras ao “desconstruírem paradigmas e reaprenderem novas formas de fazer docente”, como fala @prof2.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Um pé depois do outro nessa caminhada  
Coisas boas e ruins eu vejo nessa estrada  
E nada vai me fazer parar  
Posso até tropeçar  
Mas nada vai me derrubar  
(Projota)

Figura 56. Fotos diversas dos pés



Fonte: Print da autora (2019)

Pés descalços, pés na rede, tênis, pés... Cada imagem trazendo em sua legenda o porque daqueles pés... Pés para narrar uma infinidade de significados: ponto de partida, ponto de chegada, pausas, sustentação... O que revelam essas produções? Certo é que essas publicações me atravessaram e fizeram pensar na caminhada da pesquisa pelas redes sociais.

Assim como os pés das professoras finaliza esse trabalho, retomo o que percebi nesse percurso. Pesquisar uma rede social de compartilhamento de imagens, tendo o professor como sujeito de pesquisa e usuário dessa rede, trouxe a oportunidade de passar, curtir, contemplar *feeds* de sete docentes que me permitiram estar junto com elas acompanhando suas narrativas e uma vasta galeria de imagens acopladas às legendas e *hashtags* narravam um modo de ser/estar.

Com todos os limites, o espaço virtual tem sido um espaço de disputas narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir, seja na criação de páginas, sites, canais de vídeos, blogs. Existe nesse espaço uma disputa de narrativa, mas ainda alguém do ideal por conta das barreiras institucionais que impedem o acesso de vozes dissonantes. (Ribeiro, 2017)

Como diz Ribeiro, a rede social é um lugar de existir para esses professores, onde não podemos negar que o *Instagram* é um potente espaço narrativo, onde é possível ver nos *feeds* as possibilidades de narrativas e um espaço para ecoar vozes.

Ser usuário de uma rede social e encontrar nela um “lugar de fala” (Ribeiro, 2018), uma possibilidade de autoria e conversa com seus pares (seguidores) a partir de imagens e vídeos curtos gera uma configuração de “modelo de professor” que vem desconstruindo a invisibilidade. O professor está aparecendo! Estamos falando de um usuário em potencial que, dentro de suas próprias redes, no miudinho, vai criando, (co)criando, compartilhando, militando, denunciando... Talvez seja o que de fato incomode aos que não cansam de nos massacrar com seus calçados.

A escolha das professoras sujeitos dessa pesquisa não tinha como objetivo o professor famoso, abarrotado de seguidores, mas sim, o professor comum, que já teve ou ainda tem uma itinerância pela sala de aula, e hoje assume outros papéis no cenário educacional; ou ainda, que está dentro dela, abrindo a possibilidade de reconhecer que a educação perpassa por várias instâncias.

Para finalização dessa pesquisa, retomo os objetivos que escolhi para realizá-la: Identificar o que levou a ter um perfil no Instagram e nesse momento da conversa foi possível reconhecer itinerâncias por outras redes sociais e experiências. Motivos diversos foram relatados para estar numa rede social, que variam desde influência de amigos e entretenimento até o fato de querer se posicionar politicamente ou mesmo compartilhar situações vividas ou consumos realizados com o chamado “grupo de amigos”.

Ao observar as imagens pude ver muitas imagens autorais das professoras, e também muitas publicações nas quais elas utilizam fotos de terceiros e (co)criam, a partir da legenda, usando algumas vezes as hashtags para alcance maior às publicações. Muitas professoras seguem paginas no Instagram e replicam imagens desse espaço para narrar um acontecimento.

A escolha de seguidores e seguidos também foi abordada, numa tentativa de identificar quais grupos e como são criados nesse contexto. Alguns professores fazem uso de outras redes sociais e segregam o tipo de seguidores; algumas redes elas classificam como mais pessoal e outras para um público mais específico.

As imagens dos feeds também foram analisadas, a fim de identificar se as mesmas expressam uma dimensão política, social. O que as imagens postadas revelam? Por que narrar a partir de imagens? Nesse momento da conversa, algumas professoras reconhecem a potencia dessa rede enquanto um lugar de fala, temem a exposição desenfreada e a espetacularização do cotidiano, e dizem exercer uma curadoria para seleção dessas imagens.

E, por fim, analisei juntos aos professores se eles veem nessa interface a possibilidade de um protagonismo docente. Sobressaem, nesse momento, fotos com recortes da prática docente e legendas, que ratificam esse fazer e corrobora visibilizar esse personagem tão importante no cenário educacional: o professor!

Em cada feed pessoal foi possível ver uma forma de ser/estar, uma forma de falar sobre um fato cotidiano e torná-lo visível, podendo perceber a vida sendo narrada com imagens próprias, (co) criadas ; seja ela de ordem social, política e ou cultural. Imagens que revelam, que são atravessadas por legendas, hashtags, curtidas e comentários.

Voltando aos pés, no trecho da música citada do Projota “coisas boas e ruins eu vejo nessa estrada”, percebo como o “belo”, esse movimento de ver os protagonismos, a militância e a mobilização, é tão importante nessa mesma rede, pois assistimos



discursos de ódios, incitação à violência, preconceito escrachado e desvalorização da educação.

Manoel de Barros traz em sua poesia um trecho “Não ter nunca chegada” e aqui deparo com as considerações finais sobre a pesquisa realizada. Reconhecendo que não há um final, mas entendendo o finalizar; reconheço-me como usuária dessa mesma rede que as professoras pesquisadas e o quanto ela potencializa nossas falas.

Temos uma rede, podemos e devemos tecer nossas redes, somos uma rede... que continuemos a caminhada... Que nossos pés não parem (de vez, porque podemos parar para ganhar fôlego) porque não parar é resistir!



Figura 57 Perfil @ro81alves –

Fonte: Print da autora

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Thiago Guimarães. **#Instagram: entre o excesso de #imagens e a fluidez da #memória** (dissertação). Universidade Federal do Pará, 2014.

ALLOA, Emmanuel. **Pensar a imagem**. 1.ed; 2.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARRETO, Kricia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet: uma interface entre práticas rituais e estudos de face**. (Tese) Juiz de Fora. 147p, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**, tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERINO, Aristóteles de Paula; CARDOSO, Marcelia Amorim. **Da fotografia ao Meme: Paulo Freire através das suas imagens na Internet**. Revista Periferia (Educação, Cultura e Comunicação) v.9, n.2 jul-dez 2017.

CAMPOS, Ricardo. **A cultura visual e o olhar antropológico**. Visualidades, Goiânia. V.10 n.1 p.17-37, jan-jun 2012.

\_\_\_\_\_, Ricardo. **Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: uma reflexão em torno das imagens nas culturas juvenis**. Sociologia, problemas e práticas, n 63, 2010, pp113-137.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos.conflitos multiculturais da globalização**; tradução Maurício Santana Dias. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança.: Movimentos sociais na Era da Internet**. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros, Editora Zahar, 2017.

\_\_\_\_\_, Manuel. **A sociedade em rede**. vol1, 8ªedição Tradução Roneide Venancio Majer, Editora Paz e Terra.

CASTRO, Rodrigo. **Instagram: Produção de Imagens, cultura móbile e seus possíveis reflexos nas práticas educativas**. (dissertação) Universidade Federal de Pelotas, 2014.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da . **Cultura visual e infância**. 31ª Reunião da ANPED, na mesa Cultura visual, gênero, educação e arte. Outubro de 2008, Caxambu, MG.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

GALINDO, Manuela. **Do self ao selfie: o autorretrato digital e a subjetividade contemporânea** (dissertação) Universidade Federal Fluminense, 2014.



JUNIOR, Dilton; POCAHY, Fernando, CARVALHO, Felipe. **Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resitencia viralizam na internet.** Revista Periferia, v.11, n.2, maio-ago.2019.

LARROSA, Jorge. **Experiencia e Alteridade em Educação.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p 04-27, jul-dez 2011.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo. Ed.34, 1999.

\_\_\_\_\_, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia.** São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, Hugo de. **As contribuições do Instagram na formação da cultura digital da sociedade contemporânea** (dissertação). Universidade de Piracicaba, SP, 2014.

LIPOVESTSKY, Gilles; SERROY, Jean. **O mundo como imagem e como comunicação.** In: A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo; Companhia das Letras, 2011.

LUCENA, Simone (org.). **Cultura digital, jogos eletrônicos e educação.** Salvador: EDUFBA, 2014.

MANOVICH, Lev. **Instagram e Imagem Contemporânea.** 2015 – Livro traduzido por Rafaela Ribeiro.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual.** Barcelona: Paidós, 2003.

PAULA, Daniela Ferreira Lima de. **Fotografias contemporâneas: o instagram como possibilidade tecnológica** (dissertação) Universidade de Sorocaba, SP, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Tiago.Souza, Rafael. Sanches, Carmen.(organizadores) **Conversa como metodologia de Pesquisa: por quê não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; Pretto, Nelson De Lucca (organizadores). **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas públicas.** – 1 ed, 1 imp- Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012.

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Rachel; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. **A autoria visual na internet: o que dizem os memes?** Quaestio, Sorocaba, SP, v.18, n.1, p. 135-157, maio 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Uma imagem, é uma imagem, é uma imagem é uma imagem...** Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 3, n. 5, p. 10-19., jun. 2015.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. **O que estudam os estudos de cultura visual?** Revista Digital do LAV- Santa Maria- vol7, n.2, p.196-215- mai/ago. 2014.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu: A intimidade como espetáculo**. 2 Ed; ver. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Claudilene Diniz da. **Hashtags sob o viés da semântica da enunciação**. (manuscrito), 228p. Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Título original: On photography.

SOUZA, Joana Dourado França de. **Registrar, compartilhar, auto destruir: pedagogias e modos de ser no Instagram Stories**, (dissertação). Universidade Federal da Bahia, 2018.

TOREZANI, Juliana Nascimento . **As selfies do Instagram: os autorretratos na contemporaneidade**. (tese) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

TORRES, Ton. **O fenômeno dos memes**. Ciencia e Cultura.vol 68 nº3. São Paulo jul-set, 2016.

# APÊNDICE

## AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_,  
 RG \_\_\_\_\_, como representante legal de meu/minha  
 \_\_\_\_\_(a) \_\_\_\_\_,  
 menor, de \_\_\_\_\_ anos, nascido em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, RG  
 \_\_\_\_\_, autorizo a exibição de sua imagem na Pesquisa  
 de dissertação : Construindo narrativas a partir de imagens com professoras no  
 Instagram, a ser realizada pela pesquisadora Rosa Maria Alves da Silva Andrade, RG  
 11422693-9, CPF 088152107-84, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação  
 da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO, matrícula 1707P6M25.  
 Autorizo, ainda, a divulgação de sua imagem para fins de pesquisa e para divulgação da  
 mesma, na integralidade ou partes, no Brasil ou no exterior, em qualquer mídia e sem  
 limitação de tempo, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico,  
 a receber ou a pagar, pela participação.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Assinatura

Telefones para contato: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Em caso de dúvidas ou para qualquer tipo de esclarecimento ligar:

Rosa Maria (21) 3301-2896 /(21) 99175-3588 ou enviar e-mail para  
[rmasandrade@gmail.com](mailto:rmasandrade@gmail.com)

Orientadora: Adriana Hoffmann Fernandes

## AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, autorizo o uso de minha  
imagem na pesquisa Construindo narrativas a partir de imagens com professoras no  
Instagram , realizada pela pesquisadora Rosa Maria Alves da Silva Andrade /  
Identidade 11422693-9 / CPF 088.152.107-84 aluna de Mestrado do Programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO,  
matrícula 1707P6M25. Autorizo o uso da minha imagem para divulgação de sua  
pesquisa em trechos da entrevista, imagens e vídeos para fins da pesquisa e para  
divulgação da mesma, na integralidade ou partes, no Brasil ou no exterior, em qualquer  
mídia e sem limitação de tempo, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor  
econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

Nome e assinatura: \_\_\_\_\_

Telefones: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Em caso de dúvidas ou para qualquer tipo de esclarecimento ligar:

Rosa Maria Alves da Silva Andrade/ 99175-3588 email: rmasandrade@gmail.com

Orientadora: Profa Dra Adriana Hoffmann Fernandes

Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGEdu/UNIRIO, telefone  
[\(21\) 2542-2281](tel:(21)2542-2281)

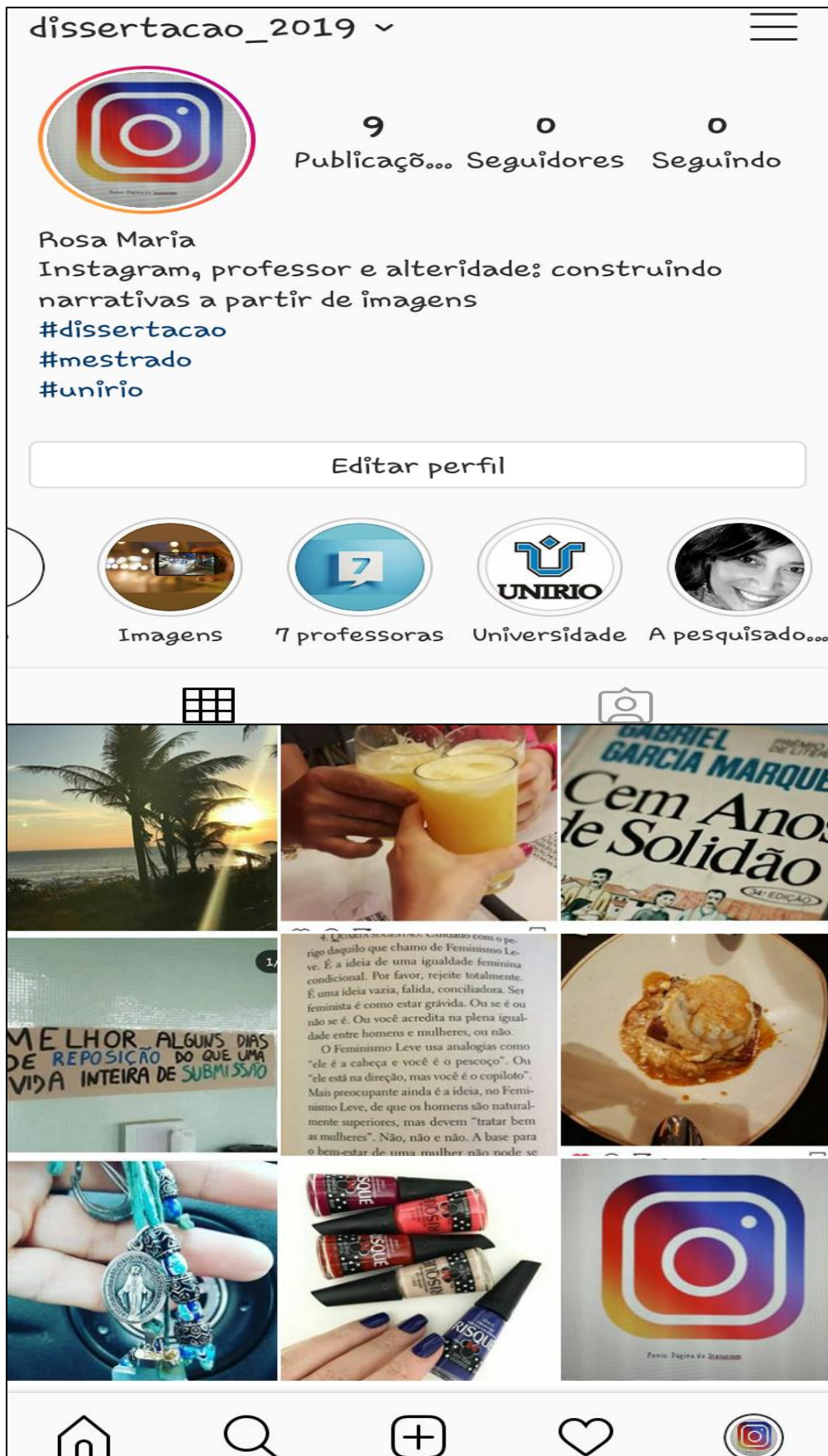


Figura 58 Página Inicial do Instagram – Fonte: Print da autora